



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Nathalia Pereira de Souza-Martins

**A ordenação de modificadores e argumentos à direita do núcleo do
sintagma nominal no português brasileiro**

São José do Rio Preto
2024

Nathalia Pereira de Souza-Martins

**A ordenação de modificadores e argumentos à direita do núcleo do
sintagma nominal no português brasileiro**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto, como requisito para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística).

Financiamento: FAPESP – Processo 2020/00492-4
(CAPES 001)

Orientador: Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho

São José do Rio Preto
2024

S729o

Souza-Martins, Nathalia Pereira de

A ordenação de modificadores e argumentos à direita do núcleo do sintagma nominal no português brasileiro / Nathalia Pereira de Souza-Martins. -- São José do Rio Preto, 2024

159 p. : tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientador: Roberto Gomes Camacho

1. Análise linguística. 2. Funcionalismo. 3. Ordem (Gramática). 4. Sintagma nominal. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

Esta tese contribui para estudos da ordem de constituintes no português brasileiro, mais especificamente no nível do sintagma nominal, desenvolvendo uma análise com base na Gramática Discursivo-Funcional, o que possibilita, a longo prazo, a exploração do tema em gramáticas descritivas da língua portuguesa e em materiais didáticos a nível superior.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

This thesis contributes to studies of constituent ordering in Brazilian Portuguese, more specifically at the level of the noun phrase, by developing an analysis based on Functional Discourse Grammar, which makes it possible, in the long term, to explore the subject in descriptive grammars of Portuguese and in teaching materials at university level.

Nathalia Pereira de Souza-Martins

**A ordenação de modificadores e argumentos à direita do núcleo do
sintagma nominal no português brasileiro**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto, como requisito para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística).

Financiamento: FAPESP – Processo 2020/00492-4
(CAPES 001)

Orientador: Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho

Comissão Examinadora

Membros titulares

Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof. Dr. Edson Francisco Rosa de Souza
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof^a. Dr^a. Talita Storti Garcia
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof^a. Dr^a. Joceli Catarina Stassi-Sé
UFSCar – São Carlos

Prof^a. Dr^a. Gabriela Maria de Oliveira-Codinhoto
UFAC – Rio Branco

Membros suplentes

Prof^a. Dr^a. Marize Mattos Dall’Aglío Hattnher
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes
UFMS – Três Lagoas

Prof. Dr. André Vinícius Lopes Coneglian
UFMG – Belo Horizonte

São José do Rio Preto
22 de julho 2024

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho, por quem tenho profundo respeito, agradeço a orientação tão dedicada e as contribuições na minha jornada acadêmica. Sou grata pelo compartilhamento de ideias, pela disponibilidade e, principalmente, pela confiança em meu trabalho. Foi uma grande honra ter sido sua orientanda.

Aos membros do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF) da UNESP de São José do Rio Preto, em especial à Prof^a. Dr^a. Erolilde Goreti Pezatti, agradeço as sugestões e as contribuições feitas principalmente na apresentação do projeto de pesquisa, as quais permitiram o aprimoramento deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Kees Hengeveld, agradeço a orientação durante minha estadia em Amsterdã para a realização da BEPE. Apesar de ter estado sob sua supervisão por pouco tempo, suas contribuições foram de extrema importância para o amadurecimento deste trabalho. Agradeço também o acolhimento e o carinho com que me recebeu em seu país, tornando a experiência de estágio no exterior ainda mais rica.

Agradeço aos membros da banca de qualificação, Prof. Dr. Edson Rosa de Souza, Prof. Dr. Kees Hengeveld, pelas contribuições valiosas que permitiram o aperfeiçoamento deste trabalho. Agradeço também aos membros (titulares e suplentes) da banca de defesa desta tese, Prof. Dr. Edson Rosa de Souza, Prof^a. Dr^a. Talita Storti Garcia, Prof^a. Dr^a. Gabriela Maria Oliveira-Codinhoto, Prof^a. Dr^a. Joceli Catarina Stassi-Sé, Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes, Prof. Dr. André Vinicius Lopes Coneglian e Prof^a. Dr^a. Marize Mattos Dall’Aglio Hattnher, por aceitarem o convite para participação da banca.

Não menos importante, não posso deixar de agradecer à minha família e aos meus amigos pelo constante apoio, e, em especial, ao meu companheiro de todas as horas, meu esposo Vinicius.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela concessão da bolsa de pesquisa de Doutorado, sob o processo nº 2020/00492-4, no período de 1 de junho de 2020 a 31 de julho de 2024, e da Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE), sob o processo nº 2022/11114-6, no período de 01 de março de 2023 a 31 de julho de 2023.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 (no período de março a maio de 2020), à qual agradeço.

“Não me importa a palavra, esta corriqueira.
Quero é o esplêndido caos de onde emerge a sintaxe,
os sítios escuros onde nasce o ‘de’, o ‘aliás’, o
‘o’, o ‘porém’ e o ‘que’, esta incompreensível
muleta que me apoia.
Quem entender a linguagem entende Deus
cujo Filho é Verbo. Morre quem entender.
A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda,
foi inventada para ser calada.
Em momentos de graça, infrequentíssimos,
se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão.
Puro susto e terror.”
Adélia Prado (2008, p. 20)

RESUMO

Este trabalho investiga a ordenação de constituintes no nível do sintagma nominal, mais especificamente a organização morfossintática de modificadores e argumentos pós-nucleares no português brasileiro. Para tanto, com base no arcabouço teórico da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008) e nas categorias de modificação propostas por Rijkhoff (2002, 2008a), é nosso objetivo verificar, por um lado, o que determina predominantemente a ordenação de modificadores e argumentos à direita de um mesmo núcleo nominal, analisando a natureza de cada um deles, e, por outro, investigar os processos que regem a ordenação dos constituintes no interior do sintagma nominal em termos dos princípios de ordenação tomados como motivações em competição e sua implicação para a linearização desses constituintes no Nível Morfossintático do modelo teórico adotado. A hipótese central deste trabalho prevê, por um lado, uma motivação semântica para a ordem prototípica dos elementos pós-nucleares do sintagma nominal no português brasileiro e, por outro, motivações pragmáticas e formais para ordenações não prototípicas. O material de análise consiste em uma amostra principal extraída do banco de dados Iboruna (Gonçalves, 2007), que representa a variedade falada no noroeste paulista, e em uma amostra complementar retirada do Corpus do Português (Davies, 2016), mais especificamente da amostra *Web/Dialetos*. O procedimento metodológico fundamental corresponde à coleta de sintagmas nominais com mais de um modificador ou argumento pós-nuclear e à aplicação de critérios de ordem pragmática, semântica, morfossintática e fonológica, em busca de uma descrição detalhada das diferentes ordenações possíveis e das motivações que as subjazem. Os resultados confirmam a hipótese de que a ordem prototípica do português brasileiro é semanticamente motivada, em atendimento ao Princípio de Escopo (Rijkhoff, 2002), enquanto aspectos pragmáticos, morfossintáticos e fonológicos fazem emergir uma ordem não prototípica, circunstância em que os Princípios de Saliência Pragmática e de Complexidade Crescente (Dik, 1997) exercem influência no processo de linearização. Em termos gerais, a posição inicial geralmente acomoda elementos pré-nucleares; a medial, o núcleo do sintagma nominal e seus argumentos; e a final, modificadores pós-nucleares.

Palavras-chave: Sintagma nominal. Modificadores. Argumentos. Ordenação. Linearização.

ABSTRACT

This paper investigates the ordering of constituents at the level of the noun phrase, more specifically the morphosyntactic organization of post-head modifiers and arguments in Brazilian Portuguese. To this end, based on the theoretical framework of Functional Discourse Grammar (Hengeveld; Mackenzie, 2008) and on modification categories proposed by Rijkhoff (2002, 2008a), our aim is to verify, on the one hand, what predominantly determines the ordering of modifiers and arguments to the right of the same nominal head, analyzing the nature of each one of them, and, on the other hand, to investigate the processes that govern the ordering of constituents within the noun phrase in terms of the ordering principles taken as competing motivations and their implication for the linearization of these constituents at the Morphosyntactic Level of the theoretical model adopted. The central hypothesis of this work predicts, on the one hand, a semantic motivation for the prototypical ordering of post-head elements of the noun phrase in Brazilian Portuguese and, on the other, pragmatic and formal motivations for non-prototypical orderings. The analysis material consists of a main sample taken from the *Iboruna* database (Gonçalves, 2007), which represents the variety spoken in the northwest of São Paulo state, and a complementary sample taken from the *Corpus do Português* (Davies, 2016), more specifically from the Web/Dialects sample. The basic methodological procedure involves collecting noun phrases with more than one post-nominal modifier or argument and applying pragmatic, semantic, morphosyntactic, and phonological criteria in search of a detailed description of the different possible orderings and the motivations behind them. The results show that the prototypical order of Brazilian Portuguese is semantically motivated, in accordance with the Principle of Scope (Rijkhoff, 2002), while pragmatic, morphosyntactic, and phonological aspects cause the non-prototypical order to emerge, a circumstance in which the Principles of Pragmatic Highlighting and of Increasing Complexity (Dik, 1997) play a role on the linearization process. In general terms, the initial position generally accommodates pre-head elements; the medial position, the head of the noun phrase and its arguments; and the final position, post-head modifiers.

Keywords: Noun phrase. Modifiers. Arguments. Ordering. Linearization.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo cognitivo-funcional do Np inglês	19
Figura 2 – Zonas de modificação adjetival	32
Figura 3 – Distinção entre as configurações classificador + classificador e avaliativo + avaliativo	33
Figura 4 – <i>Layout</i> geral da GDF	39
Figura 5 – <i>Layout</i> geral da GDF – revisado	42
Figura 6 – Esquema atualizado de camadas de modificação do Np	50
Figura 7 – Camadas do Np no NI e no NR	51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação entre as categorias funcionais de Rijkhoff (2002, 2008a) e as categorias adotadas na literatura do português	53
Quadro 2 – Adjetivos classificadores mais frequentes usados para a criação das listas de palavras	68
Quadro 3 – Adjetivos qualificadores mais frequentes usados para a criação das listas de palavras	69
Quadro 4 – Configurações de modificadores localizadores no NR	131
Quadro 5 – Atuação dos princípios de ordenação	154
Quadro 6 – Generalizações teóricas com relação à linearização	155

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorias analisadas e número de ocorrências	73
Tabela 2 – Número de ocorrências de construções com modificadores de categorias diferentes (ordem prototípica vs. ordem não prototípica) (Iboruna)	74
Tabela 3 – Configurações do Np que atendem à ordem preferida	74
Tabela 4 – Configurações do Np que não atendem à ordem prototípica	86
Tabela 5 – Motivações para a ordem não prototípica	88
Tabela 6 – Configurações de Nps com modificadores discursivo-referenciais (Corpus do Português)	100
Tabela 7 – Subclassificação de Nps com dois ou mais modificadores de mesma categoria	103
Tabela 8 – Frequência das subcategorias dos classificadores em cada posição pós-nuclear	104
Tabela 9 – Combinações das subcategorias classificadoras (Iboruna)	105
Tabela 10 – Combinações das subcategorias classificadoras (Corpus do Português)	106
Tabela 11 – Combinações das subcategorias classificadoras (Corpus do Português) (junção das subcategorias 1) <i>status</i> e objetivo/função e 2) material/composição e modo de operação)	109
Tabela 12 – Frequência das subcategorias dos qualificadores (Iboruna)	113
Tabela 13 – Combinações das subcategorias qualificadoras (Iboruna)	113
Tabela 14 – Classificação da combinação qualidade + qualidade	115
Tabela 15 – Combinações das subcategorias qualificadoras (Corpus do Português)	116
Tabela 16 – Combinações das subcategorias qualificadoras (Corpus do Português) (junção das subcategorias idade e propriedade física)	119
Tabela 17 – Combinações das subcategorias qualificadoras (Corpus do Português) (descrição objetiva e subjetiva)	120
Tabela 18 – Frequência das subcategorias localizadoras (Iboruna)	125
Tabela 19 – Combinações das subcategorias localizadoras (Iboruna)	126
Tabela 20 – Combinações das subcategorias localizadoras (junção das subcategorias localização espacial e localização temporal)	127
Tabela 21 – Variantes analisadas e número de ocorrências (construções com um argumento e um modificador)	134
Tabela 22 – Tipos de modificadores envolvidos em construções com a ordem	135

modificador + argumento

Tabela 23 – Complexidade morfossintática de construções com um argumento e um modificador 136

Tabela 24 – Variantes analisadas e número de ocorrências (construções com mais de um argumento) 142

Tabela 25 – Complexidade morfossintática de construções com mais de um argumento 142

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1 Apresentação.....	17
2.2 Uma visão geral da ordem de modificadores do núcleo do sintagma nominal.....	17
2.3 A literatura sobre ordem dos modificadores no português.....	24
2.4 A ordem de argumentos (e modificadores) de nomes relacionais.....	35
2.5 A Gramática Discursivo-Funcional: arquitetura geral.....	37
2.6 O sintagma nominal na GDF.....	43
2.7 Modificadores do núcleo do sintagma nominal: o modelo tipológico de Rijkhoff.....	48
2.8 Ordenação de constituintes na GDF: implementação dinâmica da morfossintaxe.....	54
2.9 Princípios de ordenação na gramática (discursivo-)funcional.....	56
3 METODOLOGIA E UNIVERSO DE INVESTIGAÇÃO.....	60
3.1 Apresentação.....	60
3.2 Objetivos e hipóteses.....	60
3.3 Material de análise e procedimentos metodológicos.....	62
4 ANÁLISE DA ORDENAÇÃO DE MODIFICADORES E ARGUMENTOS À DIREITA DO NÚCLEO DO SINTAGMA NOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	73
4.1 Apresentação.....	73
4.2 Construções com modificadores de categorias diferentes.....	73
4.2.1 Ordem prototípica.....	74
4.2.2 Ordem não prototípica.....	86
4.2.3 Sobre os modificadores discursivo-referenciais.....	99
4.3 Construções com modificadores de mesma categoria.....	103
4.3.1 Classificadores.....	104
4.3.2 Qualificadores.....	112
4.3.3 Localizadores.....	125
4.4 Construções argumentais.....	134
4.4.1 Construções com um argumento e um modificador.....	134
4.4.2 Construções com mais de um argumento.....	142
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	146
REFERÊNCIAS.....	156

1 INTRODUÇÃO

Na literatura linguística, as discussões a respeito da ordenação de constituintes têm sido abundantes majoritariamente no nível oracional, isto é, têm focado a ordem dos termos na oração, como os estudos tipológicos de Greenberg (1963), Hawkins (1983) e Dryer (1992). Em relação aos estudos de língua portuguesa, Pezatti (2014) fornece uma descrição detalhada da ordenação de constituintes oracionais no português sob a luz do arcabouço teórico da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008) (doravante GDF), mas ressalta “ainda a necessidade de um estudo mais refinado sobre a ordenação de constituintes dentro do Sintagma” (Pezatti, 2014, p. 132).

É fato que estudiosos, como Perini (2010, 2016), Castilho (2014) e Neves (2000), têm abordado o assunto em gramáticas descritivas do português, ainda que com um tratamento ligeiro, buscando uma categorização das diferentes configurações do sintagma nominal (doravante Np).¹ No entanto, as discussões são ainda insuficientes. Por isso, o tema ainda demanda uma investigação mais ampla e profunda no que tange à pesquisa linguística e à explicação descritiva do fenômeno.

Nesse sentido, pode-se mencionar o trabalho de cunho tipológico de Rijkhoff (2002, 2008a), cujo objetivo, dentre outros, é descrever padrões de ordenação de palavras no nível do sintagma nominal em diferentes línguas, recorrendo a princípios de ordenação que estariam por trás do processo. Além disso, é possível fazer alusão ao estudo funcionalista de Keizer (2007) que, embora não objetive tratar da ordem de constituintes do Np, discute o conceito de Np descontínuo, tema esse que abrange o debate sobre variações de ordem dos termos do Np.

Com base nessas considerações, este trabalho tem como objetivo verificar, por um lado, o que determina predominantemente a ordenação de modificadores e argumentos à direita de um mesmo núcleo nominal, analisando a natureza de cada um deles, e, por outro, investigar os processos que regem a ordenação dos constituintes no interior do Np em termos dos princípios de ordenação tomados como motivações em competição e sua implicação para a linearização desses constituintes no Nível Morfossintático da GDF. Então, pretendemos definir não só qual a ordem prototípica de constituintes pós-nucleares do Np do português brasileiro, mas também quais fatores favorecem a aparição de ordens alternativas possíveis na língua

Nossa escolha toma por base a consideração de que a porção pré-nuclear é, em geral no português, reservada para modificadores interpessoais e dêiticos (Camacho; Dall’Aglio

¹ Np é uma abreviação para *Noun phrase*, que, em português, equivale a Sintagma Nominal. O uso da abreviação busca uniformidade com os termos da teoria a que este trabalho se vincula.

Hattner; Gonçalves, 2008, p. 27). Por conter, portanto, a porção pré-nuclear do Np um conjunto mais restrito de possibilidades, a escolha do objeto de estudo encontra respaldo na ideia de que à direita do núcleo nominal há mais possibilidades de combinações de diferentes tipos de modificadores e argumentos (cf. Exemplos em (1-3)), o que é propício para a investigação da ordem de constituintes e de suas variações. Do ponto de vista morfossintático, é possível analisar, na zona pós-nuclear, além de modificadores adjetivais (1) (restrição que se aplica à porção pré-nuclear), modificadores sintagmáticos (*de flores*, em (2)) e oracionais (*que meu pai trabalha lá*, em (3)).

- (1) a. Tem **um portão eletrônico cinza** (Iboruna: AC-043; DE: L.078)
- b. Um portão cinza eletrônico.
- (2) a. Tem uma árvore um:: duas... **dois vasos... de flores enorme** (Iboruna: AC-022; DE: L.297)
- b. Dois vasos enorme(s) de flores.
- (3) a. Tem **a fabriquinha que meu pai trabalha lá de marcenari::a...** (Iboruna: AC-025; DE: L.095)
- b. A fabriquinha de marcenaria que meu pai trabalha lá.

Os exemplos apresentados em (1-3a) são ocorrências reais de uso da língua, enquanto os exemplos em (1-3b), criados como variação dos exemplos em (a), ilustram uma ordem alternativa possível na língua e suscitam questionamentos a respeito de que ordem é a esperada para o português brasileiro. Em vista disso, a delimitação do objeto também se dá em razão de lacunas que permaneceram não preenchidas durante a pesquisa de mestrado (cf. Souza-Martins (2020)), especialmente com relação à ordem prototípica dos termos que compõem o Np na porção pós-nuclear.

É válido ressaltar que não é finalidade deste trabalho verificar a motivação de um determinado modificador ser anteposto ou posposto ao núcleo e as consequências desse posicionamento para o sentido da construção, como comumente se tem feito em pesquisas que investigam principalmente adjetivos. Na verdade, o intuito é realizar um estudo das motivações da ordem de modificadores e argumentos pós-nucleares do Np, verificando inicialmente os fatores pragmáticos e semânticos que definem as regras de linearização

morfossintática que se aplicam a cada variação e, não havendo parâmetros interpessoais e representacionais, que fatores morfossintáticos e fonológicos, em relação ao grau de complexidade formal da construção, é que definem as regras de linearização. É também objetivo definir quais posições morfossintáticas, no nível do sintagma, são ativadas no processo de linearização, levando em conta hierarquias de caráter pragmático e semântico relevantes para esse processo.

Nossas principais hipóteses preveem uma motivação semântica para a ordenação dos termos à direita do núcleo do Np, enquanto ordenações alternativas não prototípicas têm explicação pragmática, morfossintática ou fonológica, com base em princípios de ordenação que interagem e competem entre si, produzindo tensão entre uma ou outra forma de ordenar os constituintes. Havendo dois modificadores de uma mesma categoria, em especial a dos qualificadores, espera-se que o que determina seu posicionamento é a escala de objetividade/subjetividade, de modo que modificadores mais objetivos tendem a ocupar posições mais próximas do núcleo, enquanto modificadores mais subjetivos preenchem posições mais periféricas. Com relação a argumentos de nomes relacionais, prevê-se que são posicionados mais próximos do núcleo os argumentos que exercem função de Ativo, depois os argumentos que exercem função de Inativo e, por fim, os argumentos com função de Locativo. Na situação de ocorrência de um argumento e de um modificador do núcleo, nossa hipótese prevê que são os argumentos que precedem os modificadores, com base no fato de que, se os primeiros compõem com o núcleo uma unidade semântica, então estão mais intrinsecamente relacionados a ele e, iconicamente, devem ocupar a posição morfossintática imediatamente mais próxima.

Adotamos a perspectiva da GDF, de Hengeveld e Mackenzie (2008), como suporte teórico deste trabalho, uma vez que o modelo, tendo uma arquitetura organizada hierarquicamente em níveis e camadas e uma orientação descendente de gramática, permite um tratamento especial do escopo entre categorias do mesmo nível e um estudo de fenômenos morfossintáticos de linearização vinculado a explicações de natureza semântico-pragmática e fonológica, que é o que este trabalho pretende desenvolver. Também fazemos uso das categorias funcionais de modificação presentes no modelo tipológico da estrutura do Np de Rijkhoff (2002, 2008a), vinculado à estrutura formal da Gramática Funcional de Dik (1997) em 2002, mas aliado à GDF em 2008a.

O material de análise utilizado nesta pesquisa consiste em uma amostra geral coletada a partir do banco de dados Iboruna (Gonçalves, 2007) e de uma amostra complementar extraída do Corpus do Português (Davies, 2016). A primeira fonte de dados, o Iboruna,

representa a variedade do português brasileiro falada no noroeste paulista, mais especificamente a região de São José do Rio Preto. Um *corpus* de língua falada é o ideal para o tratamento do objeto de estudo que estabelecemos para este estudo, já que viabiliza não só a investigação de aspectos pragmáticos típicos da linguagem verbal, cuja atuação é relevante para o fenômeno da ordem de constituintes, como também viabiliza, mais do que um corpus escrito, a manifestação de posições variáveis dos modificadores de ordem representacional e de argumentos na zona pós-nuclear do Np.

A segunda fonte de dados, o Corpus do Português, especificamente a amostra *Web/Dialetos*, é uma base de dados com mais de um bilhão de palavras de páginas da *web* de quatro países de língua portuguesa (Brasil, Portugal, Angola, Moçambique), escolhida para este trabalho como fonte complementar de dados, em vista da insuficiência de tipos específicos de ocorrência no Iboruna.

Este trabalho se organiza da seguinte maneira. O capítulo 2 trata da revisão bibliográfica, abordando pontos teóricos específicos sobre o estado da arte do objeto de estudo, o que inclui o tema da ordem de modificadores e argumentos no âmbito do Np, tanto na literatura linguística geral quanto na literatura específica da GDF, que fornece o aparato teórico deste trabalho. O capítulo 3 apresenta a metodologia e o universo de investigação, detalhando, em primeiro lugar, os objetivos e as hipóteses do trabalho, e, em segundo, os materiais, os critérios e os procedimentos de análise utilizados. O capítulo 4 traz uma exposição da análise da ordem de modificadores e argumentos do Np, iniciando pela descrição de construções com modificadores de categorias diferentes, depois passando para construções com modificadores de mesma categoria, para, por fim, descrever construções argumentais. O capítulo 5, finalmente, apresenta as considerações finais, resumizando as generalizações teóricas e as contribuições da presente pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Apresentação

O presente capítulo tem como objetivo o desdobramento dos conceitos teóricos fundamentais para a compreensão do fenômeno investigado. Em primeiro lugar, na Seção 2.2, lidamos com o estado da arte no que se refere à ordem de modificadores do núcleo do sintagma nominal, tanto com relação à literatura geral quanto com relação à literatura do português. Em seguida, a Seção 2.3 aborda a ordem de modificadores e argumentos de nomes relacionais, dando a estes especial tratamento em vista de suas particularidades. Na sequência, a Seção 2.4 apresenta o modelo da Gramática Discursivo-Funcional, arcabouço teórico em que se assenta o presente trabalho, com destaque a questões pertinentes ao objeto de estudo desta tese, tais como a arquitetura geral do modelo, a concepção do sintagma nominal e de seus modificadores e argumentos (Seções 2.5 e 2.6), a ordem de constituintes no Nível Morfossintático (Seção 2.7) e os princípios gerais de ordenação relevantes para o enfoque do objeto (Seção 2.8).

2.2 Uma visão geral da ordem de modificadores do núcleo do sintagma nominal

A literatura linguística apresenta uma diversidade de estudos tanto tipológicos (Rijkhoff, 2002; Dixon, 1982) quanto específicos da língua inglesa (Quirk *et al.*, 1985; Adamson, 2000; Huddleston; Payne, 2002; Matthews, 2014; entre outros) quando se trata da ordem dos modificadores do Np, em especial dos adjetivais. Ainda que, no inglês, uma língua preposicional (Greenberg, 1963), adjetivos modificando o Np sejam preferencialmente posicionados na porção pré-nuclear, traço morfossintático que difere de línguas românicas, como o português, uma língua posposicional, em que se privilegia a porção pós-nuclear para a colocação de diferentes modificadores semânticos, é de nosso interesse revisar a literatura sobre o tema, uma vez que esperamos detectar princípios atuantes na ordenação de modificadores adjetivais em inglês (e em outras línguas) que operam também nas variedades do português sob o escopo deste trabalho.

Whorf (1956) propõe que é possível explicar a ordem dos adjetivos modificadores do Np inglês com base em sua natureza semântica, havendo dois principais grupos de adjetivos:

Um grupo que se refere a qualidades “inerentes” – incluindo cor, material, estado físico (sólido, líquido, poroso, duro etc.), procedência, raça, nacionalidade, função, uso – tem a tendência de ser colocado mais próximo do substantivo do que o outro grupo, que podemos chamar de qualidades não inerentes, embora seja este o resíduo

fora do primeiro grupo – incluindo adjetivos de tamanho, forma, posição, avaliação (ética, estética ou econômica) (Whorf, 1956, p. 93, tradução nossa).²

Percebe-se o uso do termo *inherentes* para descrever qualidades designadas por adjetivos posicionados mais próximos ao núcleo nominal, como características físicas mais intrínsecas do objeto referenciado pelo Np; em contrapartida, qualidades não inerentes tendem a ser denotadas por adjetivos mais distantes do núcleo.

Quirk *et al.* (1985) também evocam a noção de *inerência* e a relacionam com o conceito de *subjetividade*, defendendo que o princípio responsável pela ordenação de adjetivos pré-nucleares no inglês é uma *polaridade subjetiva/objetiva*:

[...] modificadores relacionados a propriedades que são (relativamente) inerentes ao núcleo do sintagma nominal, visualmente observáveis e objetivamente reconhecíveis ou avaliáveis, tenderão a ser colocados mais próximos do núcleo e precedidos por modificadores relacionados a uma questão de opinião, imposta ao núcleo pelo observador, não observada visualmente, e apenas avaliada subjetivamente (Quirk *et al.*, 1985, p. 1341, tradução nossa).³

Em outras palavras, quanto mais intrínsecas ao núcleo semântico do Np forem as propriedades de um adjetivo, mais objetiva a descrição do referente evocado e, portanto, mais adjacente ao núcleo é esse adjetivo; e vice-versa: quanto menos intrínsecas (e, portanto, mais relacionadas com a opinião do falante) forem essas propriedades designadas pelo adjetivo, mais subjetiva é a descrição do referente evocado, o que faz com que a posição desse adjetivo se dê num espaço mais distante sintaticamente do núcleo nominal. Esse princípio semântico explicaria a preferência de ordenação no inglês, como em *a wonderful blue car* (*um carro azul maravilhoso*), em que *blue*, denotando a cor do referente, que é uma propriedade inerente do carro, se posiciona mais próximo do núcleo, enquanto *wonderful*, denotando uma propriedade menos inerente (logo, mais subjetiva), está posicionado mais distante do núcleo. Uma vez mais, é a natureza semântica dos adjetivos que parece determinar a sua relativa distância do núcleo.

A noção de *subjetividade* é mencionada também por outros autores (Dixon, 1982; Alexiadou *et al.*, 2007; Ghesquière, 2014; Breban; Davidse, 2019; Scontras *et al.*, 2019; entre

2 No original: a group referring to ‘inherent’ qualities – including color, material, physical state (solid, liquid, porous, hard, etc.), provenience, breed, nationality, function, use – has the reactance of being placed nearer the noun than the other group, which we may call one of noninherent qualities, though it is rather the residuum outside the first group – including adjectives of size, shape, position, evaluation (ethical, esthetic, or economic).

3 No original: modifiers relating to properties which are (relatively) inherent in the head of the noun phrase, visually observable, and objectively recognizable or assessable, will tend to be placed nearer to the head and be preceded by modifiers concerned with what is relatively a matter of opinion, imposed on the head by the observer, not visually observed, and only subjectively assessable.

outros). Destaca-se, aqui, o trabalho de Ghesquière (2014), que focalizou o processo de subjetivização no Np inglês, argumentando na mesma direção que Quirk *et al.* (1985):

Tipicamente, modificadores descritivos objetivos indicam qualidades objetivamente reconhecíveis, puramente descritivas e potencialmente definidas [...] (por exemplo, *longo, pequeno, verde*), enquanto modificadores descritivos subjetivos expressam a atitude do falante com relação à instância referida pelo Np (Halliday, 1994). No último caso, eles são de natureza avaliativa, frequentemente afetiva, expressando uma postura subjetiva e pessoal do falante (por exemplo, *bonito, fantástico, adorável*) (Ghesquière, 2014, p. 30-31, tradução nossa, grifos da autora).⁴

A autora ressalta que essa distinção entre modificadores objetivos e subjetivos não tem um limite bem definido, caracterizando-se, portanto, como um *continuum*,⁵ indo de usos mais objetivos até usos mais subjetivos. A Figura 1 apresenta o modelo cognitivo-funcional para o Np inglês proposto pela autora.

Figura 1 – Modelo cognitivo-funcional do Np inglês

instantiation of a type of entity									
determination			modification				categorization		(multi-functional)
			degree modification		descriptive modification				
secondary	primary	secondary	noun-intensifier	adjective-intensifier	subjective	objective	classifier	head	
			bleached	non-bleached					
the		regular		boring				topic	that linguists like to discuss
all	those		really		pretty	little	garden	flowers,	annual and perennial
utter								madness	
your		other		rather		small	electric	trains	with pantographs
such	a		very		nice		blackbird		
those		lovely			long		legs		of yours

Fonte: Ghesquière (2014, p. 24)

Ainda mais próximos do núcleo do Np estão os classificadores (*classifier*, na Figura 1), que, em vez de atribuírem uma propriedade ao referente no núcleo, modificam-no de modo

4 No original: typically, objective descriptive modifiers indicate objectively recognizable, purely descriptive and potentially defining qualities [...] (e.g. *long, small, green*), whereas subjective descriptive modifiers express the speaker's attitude towards the instance referred to by the Np (Halliday 1994:184). In the latter case, they are of an evaluative, often affective, nature, expressing a subjective, personal stance of the speaker (e.g. *beautiful, terrific, lovely*).

5 A noção de *continuum* já tinha sido referida por Quirk *et al.* (1972 *apud* Ghesquière, 2014) e Hetzron (1978 *apud* Ghesquière, 2014), conforme a própria autora.

a indicar seu tipo de referente, como em *electric train* (*trem elétrico*), sendo assim enquadrados na zona de categorização. Essa distribuição permite deduzir uma relação semanticamente ainda mais estreita entre núcleo e classificadores, uma vez que ocupam a posição imediatamente adjacente ao núcleo.

Nessa mesma linha de argumentação, Alexiadou *et al.* (2007) também associam a distância dos adjetivos (em relação ao núcleo) com seu caráter mais ou menos objetivo:

[...] Adjetivos de comentário e de qualidade subjetivos são encontrados a uma distância maior do que aqueles de tamanho, idade e forma. Do ponto de vista sintático, o que é interessante nessas hierarquias [de adjetivos] é o fato de que quanto menos propriedade concreta ou objetiva um adjetivo denota, mais ele se distancia do substantivo que modifica. [...] Adjetivos objetivos ou absolutos denotam propriedades concretas, que são inerentes ao referente do substantivo, o “objeto”, portanto, são “objetivos”. Adjetivos objetivos denotam propriedades “naturais” – propriedades que “constituem a própria coisa” (Vendler, 1967: 173). [...] Adjetivos subjetivos/não absolutos denotam qualidades “não naturais” – eles têm uma relação menos íntima ou mais remota com o substantivo, e isso também se reflete em sua posição: [...] estão literalmente mais distantes do substantivo.” (Alexiadou *et al.*, 2007, p. 313, tradução nossa)⁶

Novamente, evoca-se a noção de *inerência* para tornar mais precisa a definição de *objetividade/subjetividade*, estando a objetividade vinculada a propriedades *concretas* ou *naturais* denotadas pelo adjetivo, enquanto a subjetividade se vincula a propriedades mais *abstratas* e *não naturais*. Assim como nos estudos anteriormente citados, a explicação para a ordem de adjetivos parece encontrar seu respaldo na natureza semântica desses elementos, ancorando-se em uma relação entre o significado das estruturas e sua ordenação morfossintática.

Para além dessa motivação semântica, Dirven (1999) aponta para uma possível motivação cognitiva por trás da ordem de adjetivos que ele chama de atributivos. Entre as três maiores categorias de adjetivos atributivos por ele elencadas (os Qualificadores, os Descritivos e os Baseados em papéis semânticos (*role-based*)), o autor defende haver a atuação do princípio icônico de proximidade:

A motivação cognitiva para a ordenação sequencial das três maiores categorias de adjetivos atributivos é baseada no princípio icônico de proximidade, ou o seu

6 No original: [...] adjectives of subjective comment and quality are found at a greater distance than those of size, age and shape. From a syntactic point of view, what is interesting about these hierarchies, is the fact that the less concrete or objective property an adjective denotes, the more distanced it is from the noun it modifies. [...] Absolute or objective adjectives denote concrete properties, which are inherent to the referent of the noun, the ‘object’, hence they are ‘objective’. Objective adjectives denote ‘natural’ properties – properties that “make up the thing itself” (Vendler 1967: 173). [...] Non-absolute/subjective adjectives denote ‘non-natural’ qualities – they have a less intimate or more remote relationship with the noun, and this is also reflected in their position: [...] [they] are literally further away from the noun.

oposto, o princípio de distância. Isso significa que a categoria de adjetivos que é conceitualmente mais fortemente relacionada ao nome é também mais próxima a ele sintaticamente (Dirven, 1999, p. 60, tradução nossa).⁷

Sendo assim, Dirven (1999) propõe a seguinte escala de proximidade com o núcleo: Nome > Adjetivos baseados em papéis semânticos⁸ > Adjetivos descritivos > Adjetivos qualificadores. Isso pode ser ilustrado por meio do exemplo: *Uma mesa esculpida redonda boa*, em que *esculpida* é um adjetivo baseado nos papéis semânticos de agente e paciente (alguém esculpiu a mesa, e a mesa, portanto, sofreu a ação de ser esculpida) e denota uma propriedade estável e imutável do objeto; *redonda* é um adjetivo descritivo, que denota uma propriedade estável, mas mutável do objeto; e *boa* é um adjetivo qualificador, aplicando ao núcleo uma qualidade menos intrínseca e mais dependente dos critérios de avaliação do observador. Nos termos de Dirven (1999), a propriedade *esculpida* é conceitualmente mais fortemente relacionada ao objeto *mesa* do que as propriedades *redonda* e *boa*, o que justificaria sua posição com relação ao núcleo. Ainda para o autor, o princípio básico de iconicidade de “o que é conceptualizado junto fica linguisticamente junto” encontra aqui sua aplicação mais completa (Dirven, 1999, p. 61).

Além do princípio de proximidade, Dirven (1999) postula que, no interior de cada categoria de adjetivos, há a operação do princípio de saliência conceptual:

[...] Faria pouco sentido explicar essa hierarquia [interna dos adjetivos descritivos] com base na proximidade conceptual. Não há uma razão *a priori* para que a cor de uma entidade seja conceptualizada mais próxima à natureza dessa entidade do que seu tamanho ou forma. [...] Obviamente, a hierarquia interna dentro da categoria de adjetivos descritivos não é governada pelo princípio de proximidade conceptual. A hipótese que quero explorar aqui é quase o oposto do princípio de proximidade. [...] É o princípio de saliência perceptual ou conceptual. Saliência não é um resultado da primazia do mundo sobre o conceptualizador humano, mas, pelo contrário, reflete a primazia do conceptualizador humano sobre o mundo. [...] De acordo com o princípio de saliência, humanos percebem o tamanho das coisas antes da forma, o tamanho e a forma antes da idade e todas as três propriedades antes da cor (Dirven, 1999, p. 63, tradução nossa).⁹

7 No original: the cognitive motivation for the sequential ordering of the three major categories of attributives is based on the iconic principle of proximity, or its reverse, the principle of distance. This means that the category of adjectives that is conceptually more strongly related to the noun is also syntactically closer to it.

8 Destaca-se aqui a diferença entre os papéis semânticos evocados pelo autor e as funções de *Actor*, *Undergoer* e *Locative* (respectivamente, Ativo, Inativo e Locativo) no Nível Representacional da GDF, de modo que nomes que requerem argumentos receberão um tratamento diferenciado no escopo desta tese (ver seção de metodologia).

9 No original: [...] it would hardly make any sense to explain this hierarchy on the basis of conceptual proximity. There is no *a priori* reason why an entity's colour should be conceptually closer to the nature of an entity than its size or shape. [...] Obviously, the internal hierarchy within the descriptive adjective category is not governed by the principle of conceptual proximity. The hypothesis I want to explore here is almost the opposite of proximity [...] This is the principle of perceptual or conceptual saliency. Saliency is not a result of the world's primacy over the human conceptualiser, but rather reflects the human's conceptualiser's primacy over the world. [...]

Conforme o exposto pelo autor, esse princípio seria capaz de explicar uma sequência de adjetivos de uma mesma categoria (no caso, a dos descritivos), como *a large round old brown table* (*uma mesa marrom velha redonda grande*), com base na saliência perceptual que essas propriedades têm para o conceptualizador humano. Essa escala pode ser representada do seguinte modo:

Tamanho < forma < idade < cor

(Dirven, 1999, p. 63, tradução nossa)¹⁰

Ainda em se tratando de motivações para a ordem dos adjetivos, Scontras *et al.* (2019) também constata, como fizeram outros autores, a relevância da noção de *subjetividade* no que tange ao posicionamento desses modificadores do Np em relação ao núcleo nominal, mas parecem ir além, ao propor que a subjetividade está relacionada com a contribuição comunicativa que esses elementos podem dar para o estabelecimento da referência:

Aqui está o ponto crucial da descrição e, finalmente, um retorno à questão da subjetividade: conteúdo menos subjetivo é mais útil para uma comunicação eficaz sobre o mundo (ou seja, para estabelecer uma referência). [...] Quando se trata de preferências de ordenação, os falantes consolidam o conteúdo menos subjetivo e mais útil em torno do substantivo modificado. A alegação é que eles fazem isso em uma tentativa de ajudar o ouvinte a estabelecer referência, minimizando erros de alinhamento (Scontras *et al.*, 2019, p. 9-10, tradução nossa).¹¹

Seguindo essa linha de raciocínio, em um sintagma como *uma mesa de madeira bonita*, o sintagma preposicional *de madeira* atribui ao núcleo *mesa* uma propriedade mais objetiva. Em razão dessa atribuição, o modificador na forma de sintagma preposicional teria maior grau de utilidade para o estabelecimento adequado da referência da entidade envolvida na interação por provocar menos “falhas” (chamadas de “erros de alinhamento” na citação supramencionada) na construção dessa referência pelo ouvinte/leitor, uma vez que, se, por um lado, diferentes observadores podem chegar mais facilmente a um acordo em relação a uma característica mais objetiva da mesa, como o material de que é feita, poderiam, por outro,

According to the principle of saliency, humans would perceive the size of things before the shape, both these properties before the age of entities and all of these properties before their colour.

10 No original: size < shape < age < color.

11 No original: here is the crux of the account, and finally a return to the issue of subjectivity: less subjective content is more useful for effectively communicating about the world (i.e., establishing reference. [...] When it comes to ordering preferences, speakers consolidate the less subjective, more useful content around the modified noun. The claim is that they do so in an attempt to aid the listener in establishing reference by minimizing errors in alignment.

mostrar maior grau de desacordo quanto, por exemplo, ao critério de beleza dessa mesma entidade, como em *mesa bonita*.

Essa constatação, para os autores, teria validade tanto para o inglês, uma língua predominantemente pré-nominal, quanto para línguas pós-nominais, como o português, porque, nesse caso, “os adjetivos que estão mais próximos do substantivo fazem suas contribuições semânticas primeiramente” (Scontras *et al.*, 2019, p. 14, tradução nossa).¹² Ao propor essa explicação interlinguística, os autores afirmam ter encontrado as mesmas preferências de ordenação justamente “porque a comunicação é um objetivo central do uso da linguagem, então as pressões para uma comunicação bem-sucedida se aplicam universalmente” (Scontras *et al.*, 2019, p. 16).¹³

De modo geral, o que parece ser consenso entre os estudos sobre ordenação de modificadores do Np (pelo menos entre os consultados aqui) é o reconhecimento de que a natureza semântica desses modificadores desempenha um papel no posicionamento morfossintático deles, principalmente em termos do maior ou menor grau de subjetividade que veiculam as propriedades denotadas pelos adjetivos. Essa constatação embasa uma das principais hipóteses iniciais deste projeto, a que prevê uma motivação semântica para a ordem de modificadores e argumentos pós-nucleares do Np.

Outro ponto de concordância é o fato de essas descrições se ocuparem mais com *preferências de ordenação* de modificadores do Np do que com ordenações compulsórias, o que significa prever desvios da ordem canônica esperada para a gramática da língua em análise. Esses desvios, no entanto, não ocorrem por acaso e, por isso, também estão no escopo deste trabalho, que pretende não só descrever a ordem de modificadores e argumentos pós-nucleares do Np típica do português, mediante o estudo da variedade brasileira, mas também explicar o uso de fatores motivadores por trás de construções não atinentes à ordem prototípica da língua.

Para Whorf (1956), a ordem esperada para os adjetivos no Np inglês pode ser alterada para fins de realce ou de contraste, sendo logo percebida, pelo ouvinte/leitor, como peculiar. Do mesmo modo, Alexiadou *et al.* (2007) afirmam haver possibilidade de alteração na ordem preferida do inglês com o objetivo de focalizar um dos adjetivos, dando origem a uma “leitura contrastiva” do elemento enfocado. Huddleston e Payne (2002), por sua vez, afirmam que desvios da ordem padrão “terão frequentemente aceitabilidade questionável, mas também

12 No original: [...] adjectives that are closer to the noun make their semantic contributions earlier.

13 No original: [...] because communication is a central goal of language use, so pressures for successful communication apply universally.

podem ser justificados por considerações de escopo e de empacotamento da informação” (p. 452),¹⁴ argumentando que o desejo do falante de contrastar ou focalizar uma informação pode interferir na ordem dos adjetivos. Nesse mesmo sentido, Adamson (2000) defende que esses desvios ocorrem com “padrões de entonação marcados, como disjunção de vírgula entre os adjetivos ou ênfase contrastiva em um deles” (p. 43).¹⁵ Constata-se, nesses estudos, uma tendência de explicar essas ordenações não prototípicas com base em fatores aqui interpretados como pragmáticos, como foco, contraste, ênfase, realce etc., o que implicaria, inclusive, em diferenças fonológicas, como entonação marcada, dando pistas ao ouvinte de que essa ordenação não esperada tem um propósito comunicativo específico. Com essas considerações em vista, reiteramos nossas hipóteses iniciais: a ordem prototípica de modificadores e argumentos é motivada pela sua natureza semântica, enquanto os desvios são motivados predominantemente por fatores pragmáticos. É fato que também se investiga a atuação de fatores morfossintáticos (em especial a complexidade morfossintática) na ordenação dos elementos. No entanto, prevemos que eles não desempenham um papel tão significativo quanto o das motivações pragmáticas, que, por seu turno, parecem influenciar, em maior grau, a decisão do falante de elaborar uma ou outra forma de expressão linguística (cf. Souza-Martins, 2020).

A próxima subseção aborda o tratamento dado ao fenômeno na descrição do português, de modo a atualizar a bibliografia sobre o tema.

2.3 A literatura sobre ordem dos modificadores no português

Embora sejam abundantes análises da classe de adjetivos e classificações que visem a categorizá-los, a descrição do português brasileiro ainda carece de estudos mais refinados no âmbito da ordem de modificadores e argumentos no nível do Np. Muito se fala a respeito da natureza semântica dos elementos, das subclassificações em que eles se enquadram e dos diferentes efeitos de sentido que produzem sua anteposição e sua posposição, mas pouco se discute em relação ao seu posicionamento morfossintático, especialmente na porção pós-nuclear do Np. Perini (2000) menciona essa escassez de análises mais robustas sobre a ordem de palavras no Np e tece algumas considerações sobre o tema.

14 No original: departures from this order will often be of questionable acceptability but they may also be justified by considerations of scope and information packaging.

15 No original: they occur with marked intonation patterns, such as comma disjuncture between the adjectives or contrastive stress on one of them.

O autor propõe que o Np português dispõe de uma estrutura posicionalmente muito mais rígida do que a da oração, já que “as possibilidades de mudança de ordem dos termos são poucas e bem delimitadas” (Perini, 2000, p. 94), e assume que, no âmbito do Np, há funções desempenhadas pelos modificadores que se estabelecem “pelas posições dos termos em relação uns aos outros, e não por suas posições absolutas” (p. 97). Na área direita do núcleo, como o autor denomina a porção pós-nuclear, há três funções: Núcleo do SN (NSN), Modificador Interno (ModI) e Modificador Externo (ModE), como vemos no exemplo em (4), fornecido pelo autor.

- (4) Um ataque cardíaco fulminante.

Em (4), *ataque* é Núcleo do SN (NSN), *cardíaco* é Modificador Interno (ModI), ocupando a antepenúltima posição, e *fulminante* é Modificador Externo (ModE), ocupando a última posição. Com exceção da função de Núcleo do SN (NSN), as outras funções não recebem uma definição clara e são ancoradas em critérios pouco decisivos, como o próprio autor reconhece. No intuito de distinguir o Modificador Interno (ModI) do Externo (ModE), por exemplo, Perini (2000) postula que o último exibe “a propriedade de ser separável do resto do SN por sinal de pontuação” (p. 103), como se vê em (4’a-b).

- (4’) a. Um ataque cardíaco, fulminante.
b. *Um ataque, cardíaco fulminante.

Esse critério, todavia, é pouco elucidativo na medida em que não explica, de fato, a diferença de natureza entre as duas funções propostas, além de ser inviável para análises de textos falados, em razão de ser baseado em uma convenção de escrita: os sinais de pontuação. Evidentemente, não seria viável a elaboração de uma lista com todos os itens possíveis de preencherem essas posições, como o autor mesmo esclarece, pois ela seria extensa, se não infinita, considerando a vasta quantidade de palavras de classe aberta que poderiam ocorrer em um Np. No entanto, a falta de uma especificação precisa de tais funções torna a descrição inconclusiva e meramente especulativa, de modo que mais suscita dúvidas do que busca respondê-las.

Posteriormente, Perini (2016), em uma nova versão da *Gramática descritiva do português (brasileiro)*, recorre a fatores semânticos, como restritividade e papéis temáticos, para explicar o posicionamento de elementos no Np. Apesar de serem apresentados na

subseção dos modificadores pós-nucleares, esses fatores apenas servem de parâmetro para diferenciar a anteposição e a posposição de certos itens lexicais, de modo que o foco não parece estar mais na verificação do que determina a ordem de diferentes elementos pospostos com relação uns aos outros e ao núcleo, como pretendido por Perini (2000), o que ainda deixa sem resposta a questão das funções de modificação interna e externa.

Castilho (2014), por seu lado, embora elabore uma classificação detalhada dos adjetivos¹⁶ no português brasileiro, reserva à ordem de elementos no Np um espaço reduzido em sua *Nova gramática do português brasileiro*. Antes de discutir sobre o tema, no entanto, cabe mencionar as categorias de adjetivos propostas pelo autor: predicativos, não predicativos (ou de verificação) e dêiticos.

Os adjetivos predicativos, como o nome sugere, “predicam o substantivo ou toda uma sentença [...] [e] exibem flexão de grau, concordando em gênero e número com o substantivo a que se aplicam” (Castilho, 2014, p. 513). São tradicionalmente conhecidos como adjetivos prototípicos ou verdadeiros e se subdividem em: (i) modalizadores, que “verbalizam uma avaliação pessoal do falante sobre o conteúdo [do] substantivo” (p. 524), como *evidente*; (ii) qualificadores, que “interferem nas propriedades intensionais do substantivo, alterando-as de forma a agregar traços (1) de qualificação polar, por antonímia [como *bom/mau*]; (2) de dimensão [como *alto*]; (3) de graduação [como *grande*]; (4) de aspectualização [(imperfectiva e perfectiva), como *lento/momentâneo*]” (p. 526); e (iii) quantificadores, que modificam a extensão dos substantivos, podendo ser (i) aspectualizadores iterativos, como *semanal*; e (ii) delimitadores, como *autêntico*.¹⁷

Os não predicativos ou de verificação, por sua vez, “classificam o referente dos substantivos” (p. 513) e geralmente são denominados adjetivos não prototípicos ou classificatórios. Subdividem-se em: (i) classificadores, como *administrativa* (em *reforma administrativa*); (ii) pátrios, como *brasileiro* ou *paulista*; (iii) gentílicos, como *indígena*; e (iv) de cor.

Os adjetivos dêiticos, por fim, “dispõem sua classe-escopo numa perspectiva locativa e temporal” (p. 524) e se subdividem, conforme sua definição, em: (i) dêiticos locativos,

16 Note que, em alguns momentos, recorreremos ao termo “adjetivo” em vez de “modificador”, pois, na revisão bibliográfica, muitos trabalhos focam na descrição do adjetivo como modificador prototípico do Np. Veja que “adjetivo” é uma classe de palavra (*part of speech*) e, como tal, tem fundamento morfossintático, ao passo que o termo “modificador” é um lexema e, como tal, tem fundamento semântico. Na Seção 2.5, veremos como a GDF concebe o Np prototípico em todos os níveis de análise e como essa distinção se resolve no referido modelo.

17 A classificação de *autêntico* como adjetivo delimitador parece inadequada, já que esse adjetivo apresenta um teor mais avaliativo do que delimitador.

como *próximo* (em *lugar próximo*); e (ii) dêiticos temporais, como *seguinte* (em *mês seguinte*).

A classificação proposta pelo autor parece apresentar subcategorias diferentes para noções muito semelhantes, uma vez que os adjetivos modalizadores, por exemplo, também qualificam o substantivo de certa forma, o que talvez justificaria incluí-los na subclasse dos qualificadores, assim como faz Neves (2000), como veremos mais adiante. O próprio autor reconhece a similaridade entre as subclasses na medida em que “atribuem traços semânticos à classe-escopo” (p. 526), mas afirma que “enquanto os primeiros [os modalizadores] o fazem a partir de uma avaliação subjetiva do sentido do substantivo, os segundos [os qualificadores] o fazem a partir de uma descrição objetiva do sentido do substantivo” (p. 526). Vê-se que o argumento utilizado é questionável, já que não é consenso que qualificadores, de modo geral, oferecem apenas descrições objetivas, considerando a previsão de certo grau de subjetividade em termos como *bom* e *mau*, itens exemplares da categoria citada.

Pode-se fazer a mesma reavaliação da diferenciação entre os subtipos gentílicos e pátrios, visto que ambos também classificam o substantivo no sentido mais amplo do termo: apresentam subclasses do referente evocado pelo substantivo em termos de nacionalidade, etnia, origem, etc. Isso justificaria a inclusão dos termos numa categoria única de classificadores, evitando a subdivisão categorial.

Em suma, o procedimento de criação de muitas subcategorias, embora pareça demonstrar rigor descritivo, pode resultar em classificações desnecessárias baseadas em diferenças sutis. Preza-se, aqui, na verdade, por categorizações mais abrangentes, capazes de enquadrar ocorrências semelhantes com uma mesma terminologia, em busca de generalizações mais consistentes. Veremos mais adiante como as categorias funcionais de Rijkoff (2002, 2008a), adotadas neste trabalho, podem englobar as diferentes subclassificações já existentes na literatura.

Voltemos, então, à questão da ordem dos elementos no Np. Castilho (2014) tece um curto comentário a respeito de sequências como [substantivo + adjetivo + adjetivo], cuja ocorrência, segundo ele, é majoritariamente composta por dois adjetivos não predicativos, como em *o problema demográfico mundial*. Conforme os dados apresentados, o primeiro adjetivo dessas sequências tende a ser não predicativo e forma lexias complexas com o substantivo. Nada relata o autor, entretanto, com relação a outras possibilidades de combinação, como um adjetivo predicativo e um não predicativo ou dois adjetivos predicativos, de modo que permanecem sem resposta questões como qual das categorias tende a ser posicionada mais perto do núcleo nominal e por quê.

Negrão *et al.* (2014), ao abordarem a classe de adjetivos adnominais,¹⁸ apresentam duas categorias: os adjetivos argumentais e os adjetivos predicadores.

Os primeiros “satisfazem exigências temáticas impostas pelo núcleo [...] [e] saturam uma posição temática do substantivo com o qual se relacionam” (p. 246), como *bibliográfica* (em *pesquisa bibliográfica*). As propriedades típicas do uso argumental dos adjetivos são as seguintes:

a) estabelecem uma relação temática com o substantivo-núcleo (no caso, pode-se evidenciar essa relação temática mostrando que há um paralelo entre *pesquisar a bibliografia* e *pesquisa bibliográfica*; em ambos os casos, sabemos que a bibliografia é o alvo da pesquisa); b) aceitam a comutabilidade com expressão nominal: *pesquisa bibliográfica* = *pesquisa da bibliografia*; c) não aceitam a anteposição, fato possivelmente explicado por exigências da relação núcleo-complemento (Negrão *et al.*, 2014, p. 246, grifos das autoras).

Quanto aos adjetivos predicadores, “são eles próprios os elementos que impõem as exigências a serem satisfeitas” (p. 246), além de terem “uma grade temática própria” (p. 247). Além disso, exibem as seguintes propriedades:

a) são parafraseados por sentença relativa: “*uma casa que é grande*” (contrastar com *uma consulta que é bibliográfica*); b) poderiam ser usados como predicativos do objeto: “*eu considero grande a casa*” (contrastar com *eu considero esta pesquisa bibliográfica*); c) aceitam a anteposição: “*uma grande casa*” (contrastar com **uma bibliográfica pesquisa*); d) podem variar em grau: “*uma casa muito grande*”; a propósito desta última propriedade, o contraste entre a forma *casa muito grande* (gramatical) e a forma **pesquisa muito bibliográfica* (que é agramatical) corrobora a distinção (Negrão *et al.*, 2014, p. 247, grifos das autoras).

Os critérios elencados pelas autoras restringem-se a características formais dos adjetivos, dentre as quais se encontram algumas que podem ser questionadas. Por exemplo: nem todo adjetivo dito predicador aceita anteposição, como, por exemplo, os de cor (**uma vermelha casa*) e alguns de dimensão física (**uma redonda mesa*), para citar alguns. Parece haver então um problema ou com os critérios, que são todos estruturais e não se aplicam a todo adjetivo predicador, ou com o que as autoras entendem por adjetivo predicador. Mais adiante, veremos como considerar categorias funcionais, como as de Rijkhoff (2002, 2008a), pode ser mais proveitoso em termos de descrição.

Com relação ao posicionamento dos adjetivos na estrutura do Np, as autoras seguem a tendência das descrições do português brasileiro e apenas abordam a anteposição e a posposição de certos adjetivos e as diferenças de sentido que elas podem suscitar, sem

18 Trata-se de adjetivos que “fazem parte da estrutura de um sintagma nominal” (Negrão *et al.*, 2014, p. 245). Sendo o nosso objetivo analisar os modificadores do Np, focaremos apenas nesse tipo de adjetivo.

menção quaisquer regras de posicionamento de elementos pós-nucleares com relação uns aos outros e ao núcleo nominal.

Neves (2000), por sua vez, também divide a classe dos adjetivos em apenas duas subclasses: os qualificadores (ou qualificativos) e os classificadores (ou classificatórios).

A primeira delas compõe-se de termos que, como sugere o nome, qualificam o substantivo, “o que pode implicar uma característica mais, ou menos, subjetiva, mas sempre revestida de certa vaguidade” (Neves, 2000, p. 184). A autora, ao assumir que graus de subjetividade permeiam a definição da categoria, distancia-se de Castilho (2014), visto que ele defende que qualificadores oferecem uma descrição objetiva do referente evocado pelo nome. É certo que nenhum dos dois autores explora as noções de subjetividade e de objetividade a fundo, em vista dos propósitos que tem uma gramática descritiva. Entretanto, a posição de Neves (2000) a esse respeito nos parece mais alinhada tanto com o modelo teórico discursivo-funcional quanto com a literatura linguística tipológica e específica do inglês.

Ainda para a autora, os qualificadores apresentam as seguintes características: a) são graduáveis, como *mais bonitas*; b) são intensificáveis, como *extremamente baixo*; c) podem expressar valores semânticos de modalização, como *óbvio*; eventualidade, como *possível*; necessidade, como *necessário*; e avaliação, como *sincera*. Como já mencionado, Neves (2000) enquadra os adjetivos que expressam modalização na mesma categoria dos qualificadores, diferentemente de Castilho (2014), e fornece uma categoria mais ampla capaz de abarcar noções semelhantes sob uma mesma nomenclatura.

A segunda subcategoria, a dos classificadores, compreende os adjetivos que “colocam o substantivo que acompanham em uma subclasse, trazendo em si uma indicação objetiva sobre essa subclasse” (Neves, 2000, p. 186). Além disso, podem expressar noções adverbiais de: a) delimitação ou circunscrição, como *científico*; b) localização no espaço, como *internacional*; c) localização no tempo, como *retrasado*, d) quantidade de tempo transcorrido, como *centenário*; e e) aspecto, como *habitual*.

Uma última distinção a ser feita entre as duas subcategorias diz respeito a seu caráter predicativo ou não predicativo. No caso dos qualificadores, há atribuição de uma propriedade ao nome, o que constitui um processo de predicação, sendo eles, portanto, do tipo predicativo. Já os classificadores são não predicativos, de modo que constituem “uma verdadeira denominação para a subclasse, e, portanto, são denominativos” (Neves, 2000, p. 186). Nota-se que essa distinção entre adjetivos predicativos e não predicativos converge com a feita por Castilho (2014), mas o autor propõe uma terceira, a dos dêiticos. Neves (2000), por sua vez, parece alocá-los na subcategoria dos classificadores.

Após caracterizar as subclasses, Neves (2000, p. 199-200) assume haver uma permeação entre elas:

[...] Adjetivos classificadores podem passar a qualificadores, em uso metafórico, com possibilidade de anteposição [como *um subterrâneo terror*]. [...] Com diferentes efeitos de sentido, adjetivos classificadores recebem gradação ou intensificação, o que revela um valor de qualificação [como *o mais brasileiro possível*]. [...] Certos adjetivos são em princípio qualificadores, mas, junto de determinados substantivos, podem operar a sua colocação em uma subclasse [como *homem branco*]. [...] Adjetivos qualificadores podem passar a classificadores, especialmente em sintagmas cristalizados [como *água doce*] [...] Certos adjetivos são em princípio classificadores, mas, pela própria natureza da classe em que colocam o nome, podem ser usados predicativamente [como *destro*].

Tendo em vista a orientação funcionalista do trabalho da autora, fica implícita a ideia de que há *usos* classificadores e qualificadores, a depender do contexto em que eles ocorrem, em vez de categorias discretas. Essa postura, evidentemente, coincide com a deste trabalho, já que as generalizações teóricas mais adiante levam em conta o contexto de uso das estruturas linguísticas, evitando classificações de itens lexicais isolados.

Retornando à questão da ordem de modificadores, novamente nos deparamos com um espaço tímido reservado ao tema. Neves (2000) tece um breve comentário a respeito de camadas de modificação formadas tanto por classificadores quanto por qualificadores, sugerindo haver relações de escopo entre adjetivos pospostos, de modo que o mais distante do núcleo tem escopo sobre o conjunto [núcleo + adjetivo mais próximo].

Com adjetivos pospostos, essas camadas se formam, sempre, a partir do adjetivo que está mais próximo do substantivo, em direção ao que está mais distante (da esquerda para a direita). [...] Na formação de camadas, a locução adjetiva – sempre posposta – fica numa camada mais externa que o adjetivo simples, quando ambos coocorrem [como *sorriso paternal de orgulho*] (Neves, 2000, p. 213).

Embora a autora faça comentários pertinentes a respeito da ordem de adjetivos, especialmente quando reconhece relações de escopo e camadas de modificação, algumas perguntas permanecem sem resposta, como, por exemplo, a questão da camada externa preenchida por locuções adjetivas. Vejamos os contraexemplos em (5) e (6).

- (5) você entra aí eu tenho lá... sofá... uma namorade(i)ra... **tapete de sala básico** como toda casa tem né?... (AC-080; DE: L117)
- (6) tem um:: um:: tipo de **um bazarzinho de materiais de construção pequenininho** (AC-078; DE: L192)

Diante dessas ocorrências de uso real, o que se pode fazer é questionar se, quando a locução adjetiva ocupar uma posição mais próxima do núcleo, ela continua sendo concebida como externa ou passaria a ser interna, mesmo tendo estatuto morfossintático de locução. Por outro lado, o que definiria a camada externa: apenas sua configuração morfossintática ou outras motivações, como a natureza semântica-pragmática do modificador? Julgamos que em vez de “camada mais externa”, como diz Neves (2000), seria preferível falar em diferença formal que há entre a palavra adjetival e o sintagma adposicional, ambos na mesma camada.

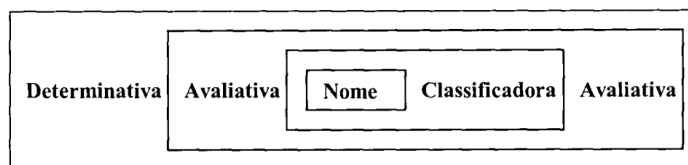
No caso desta tese, prevemos uma motivação semântica para locuções adjetivas (sintagmas preposicionais, por assim dizer) serem ordenadas antes de adjetivos, contrariando a ordem canônica possível “menos complexo > mais complexo”. Essa motivação, como veremos mais adiante, está vinculada à natureza do modificador, uma vez que classificadores tendem a ocorrer mais próximos do núcleo que qualificadores, independentemente da expressão morfossintática que assumem. De qualquer modo, definir uma camada apenas como mais externa não responde satisfatoriamente a tais questionamentos.

Com relação às gramáticas descritivas do português citadas até aqui, conclui-se que o tema da ordem de modificadores pós-nucleares do Np ainda carece de investigação mais aprofundada, levando em conta que, quando se aborda o assunto, se enfatiza a classificação dos adjetivos e as diferenças de sentido com relação à anteposição ou à posposição, mas pouco se diz sobre ordem. Reconhecemos, no entanto, que é metodologicamente inviável, no âmbito de uma gramática descritiva, abordar minuciosa e detalhadamente qualquer tópico, além de não ser esse o objetivo de uma gramática. É justamente para o preenchimento dessa lacuna de conhecimento que este trabalho pretende contribuir.

Feita a revisão das gramáticas descritivas, resta ainda mencionar alguns trabalhos específicos cujos objetivos perpassam a questão da ordem de modificadores do Np na descrição do português.

Pria (2004), baseando-se na classificação proposta por Silva e Pria (2002 *apud* Pria, 2004, p. 50), considera três subclasses de adjetivos: os determinativos, os classificadores e os avaliativos. Os classificadores seguem a mesma definição de Neves (2000), e os avaliativos parecem corresponder aos qualificadores. Já os determinativos são sempre antepostos ao nome, delimitando sua extensão e podendo tanto quantificá-lo quanto determiná-lo. Essas subcategorias preenchem o que o autor nomeia de *zonas de modificação adjetival*, conforme se vê na Figura 2 a seguir.

Figura 2 – Zonas de modificação adjetival



Fonte: Pria (2004, p. 51)

Na porção pós-nuclear (que é de nosso interesse aqui), a subclasse classificadora ocupa uma posição mais próxima ao núcleo do que a subclasse avaliativa, que, por sua vez, é mais externa e contém nome e classificador. Ora, se considerarmos que classificadores inserem o nome de forma objetiva em uma subclasse, subcategorizando-o, enquanto os avaliativos exibem certa vaguidade, denotando características mais ou menos subjetivas (Neves, 2000), seria possível, então, depreender (embora não seja mencionado diretamente pelo autor) que há, no português, assim como no inglês, como visto anteriormente, um *continuum* de objetividade/subjetividade na ordem dos modificadores, de forma que propriedades mais objetivas seriam expressas por elementos ordenados em posição mais adjacente ao núcleo do que propriedades mais subjetivas. Essa constatação corrobora uma de nossas hipóteses, conforme veremos na Seção 3.

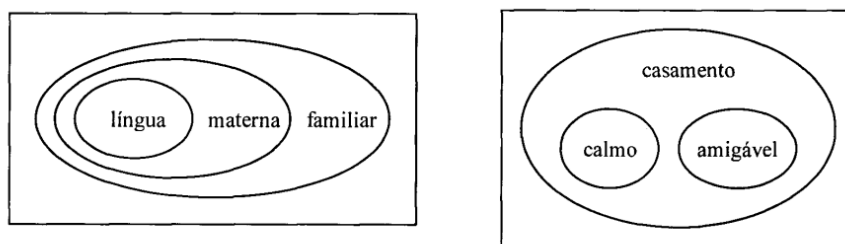
Como exemplo da combinação classificador + avaliativo, Pria (2004) menciona a ocorrência *métodos descritivos comuns*, em que se deriva “a subclasse *métodos descritivos* por meio do classificador *descritivos* e, posteriormente, essa subclasse recebe uma propriedade temporária através do adjetivo avaliativo *comuns*” (p. 54, grifos do autor). Além dessa configuração classificador + avaliativo, o autor também explora a combinação classificador + classificador, como na ocorrência *língua materna familiar*,¹⁹ em que se derivam “duas subclasses por meio dos classificadores *materna* e *familiar*. *Língua materna* é uma subclasse de *língua*, já *língua materna familiar* é subclasse de *língua materna*” (Pria, 2004, p. 55, grifos do autor).

Quanto à combinação avaliativo + avaliativo, Pria (2004) não dispõe de dados que a exemplifiquem, a não ser quando os adjetivos estão unidos por uma conjunção coordenativa, como em *casamento calmo e amigável*. Em casos como esse, defende o autor, os adjetivos não se relacionam entre si nem criam subgrupos, diferentemente do que ocorre em

19 Não se descarta um possível uso avaliativo do adjetivo *familiar*, como em “um lugar que me é *familiar*”, em que o referido item lexical cumpriria uma função similar à exercida por *comum*, *trivial*, etc. No caso do exemplo *língua materna familiar*, o adjetivo *familiar* refere-se ao âmbito social do núcleo da família, atuando, neste caso, como um classificador.

construções com dois classificadores. Na Figura 3 a seguir, há uma representação da distinção entre as duas configurações.

Figura 3 – Distinção entre as configurações classificador + classificador e avaliativo + avaliativo



Fonte: Pria (2004, p. 56)

A imagem na Figura 3 permite inferir uma relação de escopo entre os adjetivos classificadores *materna* e *familiar* no primeiro retângulo, em que o último classificador, *familiar*, tem escopo sobre o conjunto *língua* + *materna*. Não se pode dizer o mesmo dos avaliativos, que parecem atuar sobre o núcleo independentemente, sem haver uma relação de escopo entre eles e sem incidir um sobre o outro. Isso explicaria por que é possível inverter a ordem dos avaliativos sem perda ou mudança de sentido (*casamento amigável e calmo*), o que não é válido para os classificadores, já que *língua familiar materna* apresenta sentido diferente em virtude da mudança das relações de escopo entre os adjetivos.

Com relação à configuração avaliativo + classificador, não há ocorrência exemplificativa nos dados de Pria (2004), o que não significa que a construção, embora rara, não possa ocorrer, como comprova o contraexemplo em (7).

- (7) ela tinha... sala... copa e:: cozinha... conjugada... e::... dois dormitórios... e **um banhe(i)ro normal social...** (AC-119; DE: L.148)

Em suma, o trabalho de Pria (2004) representa um avanço na discussão da ordem de adjetivos no Np do português, especialmente por relacionarem aspectos morfosintáticos, como a posição dos adjetivos, com categorias semânticas, como a definição de adjetivos classificadores, avaliativos e determinativos. Ainda assim, o presente trabalho pretende ampliar o universo de pesquisa com base em dois aspectos: (i) por incluir outros tipos de modificadores, como quantificadores, localizadores e discursivo-referenciais; (ii) por propor uma análise de qualquer item lexical que modifique o Np independentemente da forma

morfossintática que assuma, o que implica examinar também modificadores sintagmáticos e oracionais.

Sobre esse último aspecto, o trabalho de Uchoa (2019) também mostra certo grau de abrangência, uma vez que analisa modificadores lexicais do Np para além do adjetivo, com base na GDF. Dentre seus principais resultados, interessa-nos a constatação de que, na presença de mais de um modificador lexical do Np, existe um alinhamento representacional²⁰ para a proximidade dos elementos, de modo que modificadores semanticamente mais próximos do núcleo tendem a ser posicionados morfossintaticamente também mais próximos dele. O autor acrescenta:

Com efeito, os Modificadores com função semântica de classificador são cognitiva e linguisticamente mais próximos do nome e, no caso de dois modificadores à direita do nome, é ele que se coloca imediatamente após. Os Modificadores com função avaliativa podem ocorrer à esquerda ou à direita do nome. Mas, se há, no sintagma nominal, dois Modificadores lexicais, o de função classificadora precede o de função avaliativa. (Uchoa, 2019, p. 144)

Percebe-se que o autor adota as mesmas categorias de Pria (2004), a saber, os classificadores e os avaliativos,²¹ mas faz uso do termo *função* para aludir a elas, noção mais abrangente que viabiliza conceber os modificadores em termos do papel que exercem no interior do Np.

Quanto à proximidade dos modificadores com relação ao núcleo, Uchoa (2019) também se mostra alinhado a Pria (2004) ao afirmar que classificadores assumem a posição mais próxima do núcleo e são seguidos pelos avaliativos. O autor, todavia, vai além e defende que essa proximidade é *cognitiva e linguística*, afirmação que, de certa forma, encontraria respaldo em um dos subprincípios da iconicidade: quanto mais integrado conceptualmente, mais próximo sintaticamente (Givón, 1990). Contudo, essa afirmação permanece pouco elucidativa, visto que o autor a abandona no curso de sua argumentação sem justificar como se dá essa motivação linguístico-cognitiva para a ordem dos modificadores.

Quanto ao resultado mais geral com relação ao posicionamento de modificadores pós-nucleares do Np, Uchoa (2019) contribui para a hipótese central deste trabalho, a de que há motivações semânticas para o processo, oferecendo embasamento para considerarmos, também, que existe um alinhamento representacional, em termos de GDF, na ordenação morfossintática dos elementos. O que diferencia esta pesquisa do trabalho de Uchoa (2019) é

²⁰ O termo *representacional*, no âmbito da abordagem discursivo-funcional, refere-se a noções e conceitos semânticos próprios do Nível Representacional.

²¹ Excluem-se aqui os determinativos, porque tal categoria ocorre apenas na porção pré-nuclear.

a verificação de como ocorre a linearização dos constituintes internos do Np com base nas posições morfosintáticas propostas na GDF.

Na próxima subseção, abordaremos como, no âmbito do sintagma nominal, modificadores e argumentos podem ser combinados em termos de ordenação de constituintes.

2.4 A ordem de argumentos (e modificadores) de nomes relacionais

Na literatura, é extensa a discussão a respeito da diferença entre nomes que exigem complemento, os chamados *relacionais*, e os que não exigem, os chamados nomes *não-relacionais*, que não necessitam de um complemento para a compreensão de seu conteúdo no uso e que não denotam entidades intrinsecamente ligadas a outras, como, por exemplo, *carro*, *madeira*, *homem* etc., podendo ser restringidos por modificadores. Essa classificação abarca a grande maioria dos nomes que denotam entidades concretas.

Os nomes que, por sua vez, exigem complemento são comumente denominados de *relacionais*, por denotarem entidades que estão associadas, de alguma forma, a outra entidade (ou conjunto de entidades) e que só podem fazer sentido quando relacionados a ela. Como exemplo, há os nomes de parentesco (*mãe*, *pai*, *amigo*), os que denominam partes do corpo (*perna*, *cabeça*, *mão*), os que denominam parte-todo, (*frente (da casa)*) e outros geralmente associados a outras entidades (*rei-país*) (Keizer, 2007, p. 220). Esses nomes podem ser básicos (não derivados), que é o caso dos nomes supracitados, ou derivados, as chamadas nominalizações, como, por exemplo, *destruição*. Adotamos aqui a definição de Mackenzie (2013, p. 99) de que uma “nominalização, no seu sentido mais geral, envolve a formação de um substantivo a partir de uma fonte que não é um substantivo”.²² Dessa forma, o termo em si abrange nomes deverbais, como *destruição* (que tem como origem o verbo *destruir*), deadjetivais, como *fidelidade* (que vem de *fiel*), e outros nomes resultantes de derivações por afixação.

No caso das nominalizações deverbais especificamente, para Camacho (2011, p. 121), elas têm a função categorial de se referir a entidades de ordem superior (cf. Lyons, 1977), isto é, entidades abstratas (que podem denotar eventos com localização no tempo e no espaço e conteúdos proposicionais, como sentimentos, emoções etc.),²³ e dispõem de estrutura argumental herdada do verbo *input* correspondente (mesmo quando esses argumentos não estão superficialmente especificados). Tomemos novamente como exemplo a nominalização

²² No original: nominalization in its most general sense involves the formation of a noun from a source which is not a noun.

²³ Nominalizações como *construção* também podem se referir a entidades concretas, tais como o edifício resultante do processo de construção (veja Mackenzie (2007, p. 222))

destruição, mas agora com seus argumentos expressos: *a destruição da casa pela chuva*. A nominalização *destruição* preserva os dois argumentos requeridos pelo verbo *input* correspondente *destruir*: um agente que destrói (*a chuva*) e o paciente que sofre a ação de destruir (*a casa*). Camacho (2011) recorre ao Princípio de Ajuste Formal (PAF) de Dik (1997) e afirma que argumentos de nominalizações podem assumir a forma tanto de possuidor quanto de adjetivo. Também destaca que o argumento paciente é o que tende a ser gramaticalmente especificado, enquanto o agente é frequentemente inferido pelo contexto ou por anáfora zero, em casos de nomes derivados de verbos bitransitivos. Foge ao escopo do seu trabalho, no entanto, a investigação da tendência de ordenação dos argumentos da nominalização, de modo que não se diz muito a respeito de quais posições eles tendem a ocupar dentro do Np na presença de mais de um argumento.

Descrevendo dados do inglês, Keizer (2007, p. 252) também considera que o argumento paciente é o que tende a ser expresso. O agente é mais frequentemente omitido, enquanto o paciente é omitido em circunstâncias bem específicas. Mackenzie (2013, p. 109) também concorda com essas propriedades de expressão e omissão argumental do nome derivado, considerando que, especificamente para o inglês, se houver um argumento expresso, ele tende a ser o paciente, tendendo o agente a ser omitido.

Keizer (2007, p. 252) vai um pouco além do trabalho de Camacho (2011) e Mackenzie (2013) ao abordar, ainda que brevemente, o tópico da ordenação de argumentos de nomes relacionais, assumindo que, no inglês, argumentos (especificamente na forma de sintagmas preposicionais) com função de paciente tipicamente precedem aqueles com função de agente numa ordem de palavras “neutra”, nas palavras da autora, embora seja possível selecionar ordens alternativas para indicar diferenças de *status* informacional. Nenhuma consideração é dirigida, no entanto, à ordenação interna de construções com mais de dois argumentos ou a outras funções semânticas, como recipiente e meta, por exemplo.

É justamente nessa lacuna que se insere este trabalho, cujo interesse está voltado para não somente identificar as posições que cada tipo de argumento tende a ocupar em relação a si mesmos e ao núcleo em construções com, pelo menos, dois argumentos expressos, mas também a tendência de ordenação que se observa em construções com um argumento e um modificador do núcleo. Sobre esse tópico da presença de argumento e de modificador de um mesmo núcleo nominal, Keizer (2007, p. 303) assume que, no inglês, um argumento normalmente precede um modificador, porque, do ponto de vista do processamento, “se o núcleo depende do complemento para a sua interpretação, o ouvinte não será capaz de

estabelecer completamente o significado ou a estrutura do Np antes de chegar ao complemento”.²⁴

Huddleston e Payne (2002, p. 454), por sua vez, alegam também que argumentos pós-nucleares tendem a ocupar a posição mais próxima do núcleo do Np inglês. Essa tendência, todavia, depende do “peso” que um argumento apresenta. O termo “peso”, tal como empregado pelos autores, corresponde à complexidade morfossintática que cada elemento apresenta, de modo que elementos “pesados” são mais complexos do que elementos “leves”. Os autores propõem as seguintes restrições:

Complementos pós-nucleares leves > modificadores pós-nucleares
Dependentes leves > dependentes pesados

Essas restrições preveem que 1) na presença de dois elementos pós-nucleares pouco complexos, o argumento geralmente precede o modificador; 2) na situação em que o argumento é mais complexo que o modificador, o modificador normalmente precede o argumento; e 3) na situação de serem ambos complexos, ambas as ordens são aceitáveis. Há a ressalva, no entanto, de que não é só a complexidade dos elementos que influencia sua posição, mas também estão em jogo considerações de escopo e de empacotamento da informação (Huddleston; Payne, 2002, p. 454). Keizer (2007, p. 237) traz à tona fatores como foco-final e ambiguidade como sendo relevantes para a ordenação de argumentos e modificadores: argumentos podem seguir modificadores quando veicularem informações pragmaticamente salientes, ou quando houver a possibilidade de ambiguidade com relação ao escopo do elemento na posição final.

Nas próximas subseções, abordaremos o modelo teórico da GDF, especialmente como são concebidos conceitos fundamentais a este trabalho, como a arquitetura geral da teoria, o sintagma nominal (com seus modificadores e argumentos) e a ordem de constituintes no Nível Morfossintático.

2.5 A Gramática Discursivo-Funcional: arquitetura geral

Considerada como a sucessora da Gramática Funcional (doravante GF), de Dik (1989, 1997), a GDF tem como marco de seu advento a publicação do livro *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure* (A Gramática Discursivo-

²⁴ No original: if the head noun depends on the complement for its interpretation, the hearer will not be able to fully establish the meaning or the structure of the Np before coming to the complement.

Funcional: uma teoria da estrutura da língua com base tipológica), de Hengeveld e Mackenzie (2008). Como o título sugere, a teoria é concebida com o objetivo de descrever potencialmente toda e qualquer língua natural do mundo (por isso “com base tipológica”) sob uma perspectiva funcionalista da linguagem. Distingue-se da GF de Dik e de outras abordagens funcionalistas ao adotar, como unidade básica de análise, o Ato Discursivo (por isso “Discursivo-Funcional”).

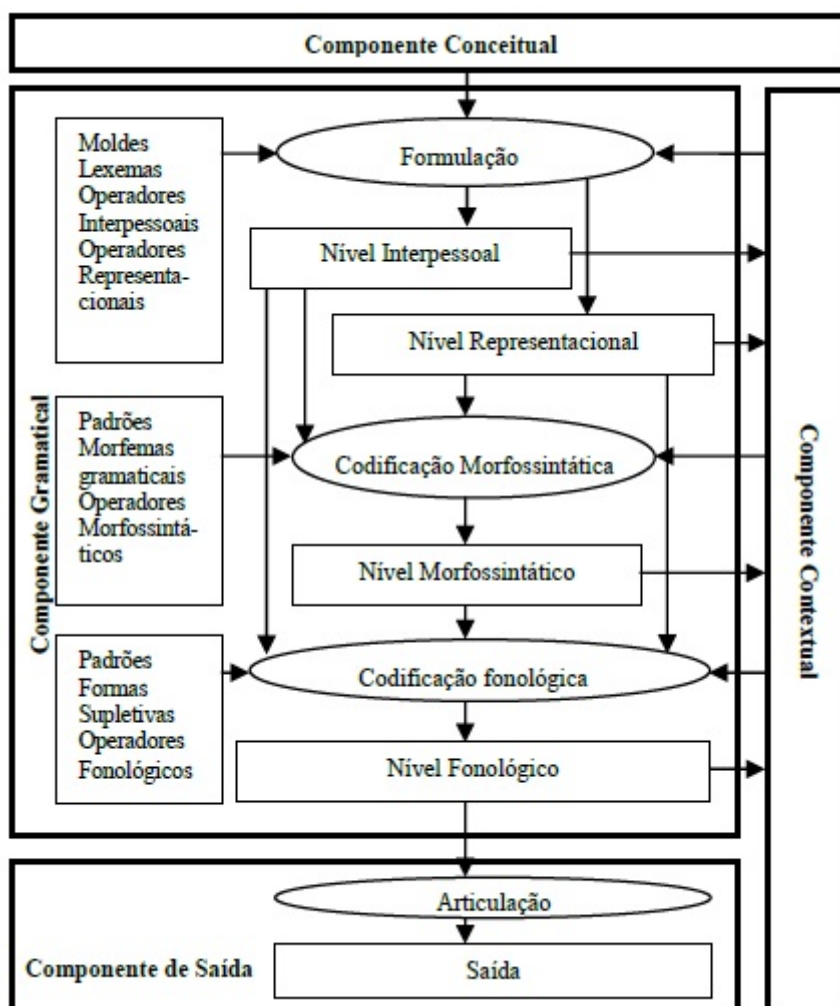
Organizada em níveis e camadas hierarquicamente relacionados, o modelo tem uma organização descendente de gramática, pois se inicia com a intenção comunicativa do falante e se desenvolve até a articulação, em virtude da suposição de que quanto mais a organização de um modelo de gramática se aproximar do processamento linguístico no indivíduo, mais eficaz ele será. Dentro dessa organização, a Pragmática rege a Semântica; a Pragmática e a Semântica regem a Morfossintaxe; e, finalmente, a Pragmática, a Semântica e a Morfossintaxe regem a Fonologia. A GDF é também caracterizada como “o Componente Gramatical de um modelo global de interação verbal em que esse componente se liga ao Componente Conceitual, ao Componente de Saída e ao Componente Contextual” (Hengeveld; Mackenzie, 2012, p. 44). A Figura 4, na página seguinte, ilustra a organização geral do modelo.

Os Componentes Conceitual, Contextual e de Saída não são gramaticais, mas interagem com o Componente Gramatical por meio das operações de Formulação e de Codificação. A primeira operação diz respeito a regras que regem as representações pragmáticas e semânticas, e a segunda diz respeito a regras que convertem tais representações em representações morfosintáticas e fonológicas. O Componente Conceitual é considerado a “força motriz” do Componente Gramatical, já que desenvolve tanto a intenção comunicativa do falante quanto as conceitualizações referentes a fatores extralinguísticos. O Componente de Saída, baseando-se na informação que o Componente Gramatical fornece, gera as expressões, sejam elas escritas, acústicas ou de sinais. E, por fim, o Componente Contextual “contém a descrição do conteúdo e da forma do discurso precedente, do contexto real perceptível em que ocorre o evento de fala e das relações sociais entre os participantes” (Hengeveld; Mackenzie, 2012, p. 45).

Dentro do Componente Gramatical, há quatro níveis de organização linguística, que, por sua vez, têm uma organização hierarquicamente ordenada em camadas. O primeiro deles é o Nível Interpessoal (doravante NI), responsável pelas ações linguísticas no processo de interação entre os participantes. Nele estão contidas as representações pragmáticas de Formulação. Sua camada mais alta é o Movimento (M), a maior unidade de interação

relevante para a análise linguística, que pode conter um ou mais Atos Discursivos (A), a unidade básica de análise do modelo.

Figura 4 – *Layout* geral da GDF



Fonte: Traduzido de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 13).

Por sua vez, cada Ato contém dois participantes do discurso, Falante (S) e Destinatário (A), e um Conteúdo Comunicado (C), que é a totalidade do que o falante deseja evocar na interação com o ouvinte. Cada Conteúdo Comunicado contém um ou mais Subatos hierarquicamente subordinados ao Conteúdo Comunicado. Os Subatos podem ser de atribuição (T), evocando uma propriedade, ou de referência (R), evocando um referente.

O segundo nível é o Representacional (doravante NR), que trata dos aspectos semânticos de uma unidade linguística, sendo, por isso, responsável pela designação. Suas camadas são definidas com relação às categorias semânticas que elas designam. A mais alta é a do Conteúdo Proposicional (p), caracterizado como um construto mental, que contém um ou

mais Episódios (ep), que, por seu turno, contém um ou mais Estados de Coisas (e), entidades de segunda ordem que podem ser localizadas no tempo e avaliadas em termos de sua realidade. A camada do Estado de Coisas pode ser organizada em uma Propriedade Configuracional (f^c), que consiste em um predicado, uma Propriedade Lexical (f), e em seus argumentos, podendo eles ser de diferentes categorias, como Indivíduo (x) (entidades de primeira ordem localizadas no espaço), Locação (l), Tempo (t), Modo (m), Quantidade (q) e Razão (r).

O terceiro nível é o Morfossintático (doravante NM), que dá conta dos aspectos estruturais de uma unidade linguística. Esse nível, além de ser, muitas vezes, funcionalmente motivado, tem seus próprios princípios de organização, o que nos interessa neste estudo, especialmente no que tange à ordenação de constituintes. Além disso, ele recebe o *input* dos níveis de Formulação e é responsável pela Codificação morfossintática das representações interpessoais e representacionais. Sua camada mais alta é a Expressão Linguística (Le), qualquer conjunto de, pelo menos, uma unidade morfossintática, que, por sua vez, pode ser formado por Orações (Cl), Sintagmas (P) e Palavras (W).²⁵

O quarto e último nível é o Fonológico (doravante NF), que trata de todos os aspectos da Codificação não abrangidos pelo NM. É ele que recebe o *input* dos três outros níveis e fornece o *input* para o Componente de Saída. Suas camadas são: o Enunciado (U), sendo o maior trecho de discurso abrangido pelo NF, que consiste em uma ou mais Frases Entonacionais (IP), que, por sua vez, são compostas de uma ou mais Frases Fonológicas (PP). Cada Frase Fonológica contém uma ou mais Palavras Fonológicas (PW), e estas são compostas de um ou mais Pés (F), que, por fim, contêm, pelo menos, uma Sílabas (S).

Tendo abordado os quatro níveis de organização linguística do Componente Gramatical, é possível fazer menção a relações entre os componentes e os níveis. Em relação aos componentes, Hengeveld e Mackenzie (2012) destacam, por exemplo, a interação entre os componentes Conceitual e Gramatical, que é caracterizada pela ideia de ser aquele a força motriz por trás do funcionamento deste. Já a respeito dos componentes Gramatical e Contextual, pode-se afirmar que o segundo aloja aspectos do contexto que influenciam o funcionamento do primeiro. Por fim, os autores aludem à interação entre os componentes Gramatical e de Saída, interação essa que é caracterizada pela função do Componente de Saída, que “pode ser vista como a tradução da informação digital (ou seja, de base opositiva) na gramática para uma forma analógica (ou seja, continuamente variável)” (p. 67).

²⁵ Hengeveld e Keizer (no prelo) propõem uma nova camada, a da Sentença, entre as camadas da Expressão Linguística e da Oração.

Quanto a relações existentes entre os níveis do Componente Gramatical, pode-se citar, por exemplo, a relação entre o NI e o NR, de modo que “somente se o NI contiver um Conteúdo Comunicado é que o NR também entra em jogo” (p. 68). Há relações também entre o NI e o NM, considerando-se que este pode codificar as distinções feitas naquele, como, por exemplo, a função pragmática de Foco, que pode ser marcada morfossintaticamente, como é o caso do foco-ser no português brasileiro (Pezatti, 2014, p. 18). É possível, ainda, perceber relações entre o NI e o NF, que, embora separados ao máximo no modelo, estão proximamente relacionados, como, por exemplo, no que diz respeito à tendência de uma distinção ilocucionária ou de ênfase serem expressas fonologicamente, com subidas ou quedas na frase entonacional.

Interessam-nos, aqui, principalmente, as relações entre os níveis de Formulação (NI e NR) e o NM, uma vez que lidamos com o fenômeno da ordenação de constituintes e com as motivações para uma ou outra ordenação advindas dos níveis mais altos. Com relação à influência das motivações provenientes dos níveis de Codificação, uma observação deve ser feita sobre o NF, uma vez que consideramos aspectos fonológicos em nossa análise.

Levando em conta a organização descendente do modelo da GDF, seria impossível para o NF, o nível mais baixo na hierarquia, enviar informações para o NM em uma direção ascendente. Isso foi apontado por Hengeveld e Mackenzie (2021), que propõem um novo olhar sobre essa questão após se depararem com certos fenômenos em línguas cujo codificador morfossintático precisa ter acesso a informações do NF. Um exemplo é o da língua tagalo, na qual “o adjetivo precede o substantivo, mas a ordem oposta também é possível, podendo ser desencadeada por vários fatores, muitos dos quais de natureza fonológica” (Hengeveld; Mackenzie, 2021, p. 24),²⁶ o que significa que o posicionamento morfossintático nessa língua pode ser determinado por fatores fonológicos. Os autores, portanto, propõem relaxar a restrição *top-down* na GDF de modo que ela se aplique apenas aos processos gramaticais, mas não ao Fundo, em que se permitem também operações *bottom-up*:

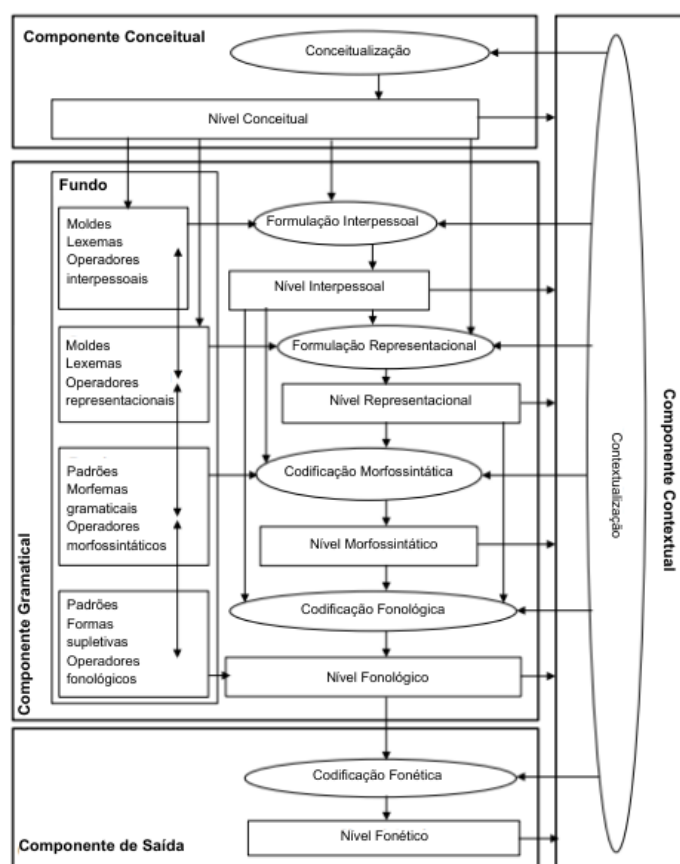
Por meio do Fundo, com seus compartimentos de conexão, as informações podem ser recuperadas de baixo para cima. [...] Nossa proposta é permitir operações de *look-ahead*, mas limitá-las àquelas mediadas pelo Fundo, em que os aspectos pragmáticos, semânticos, morfossintáticos e fonológicos de um mesmo lexema ou molde estão conectados e acessíveis. Ao adotar essa abordagem, os processos

26 No original: the adjective precedes the noun, but the opposite order is possible too, and may be triggered by various factors, several of which are phonological in nature.

ascendentes são permitidos, mas ao mesmo tempo são restritos de uma forma baseada em princípios (Hengeveld; Mackenzie 2021, p. 25).²⁷

A Figura 5 ilustra a atualização do modelo proposta pelos autores.²⁸ Note como agora o conjunto de lexemas, moldes, padrões, operadores e outros primitivos são agrupados em um quadro intitulado *Fundo*. As setas em ambas as direções, tanto para cima como para baixo, representam como operações descendentes e ascendentes são possíveis no âmbito do Fundo.

Figura 5 – *Layout* geral da GDF – revisado



Fonte: Traduzido de Hengeveld e Mackenzie (2021, p. 19)

Essa atualização do modelo da GDF permite explicar satisfatoriamente como aspectos fonológicos podem influenciar processos morfossintáticos, como a ordenação de constituintes, o que será de nosso interesse ao descrever a zona pós-nuclear do Np do português brasileiro,

27 No original: through the Fund, with its connecting compartments, information can be retrieved bottom-up. [...] Our proposal is to allow look-ahead operations, but to limit them to those that are mediated through the Fund, where pragmatic, semantic, morphosyntactic, and phonological aspects of one and the same lexeme or frame are connected and accessible. By taking this approach, bottom-up processes are allowed but at the same time restricted in a principled way.

28 Destacamos aqui a atualização referente ao Fundo por ser um aspecto relevante para este trabalho, o que justifica não abordarmos outras mudanças no modelo que podem ser visualizadas na Figura 5.

como veremos na seção de análise, quando estivermos lidando com a ordem fonologicamente motivada. Antes disso, na próxima seção, veremos a GDF em funcionamento por meio da caracterização do Np.

2.6 O sintagma nominal na GDF

O Np é comumente definido com base em critérios morfossintáticos: um conjunto de elementos dentro da oração que tem como núcleo um substantivo. Sob a abordagem discursivo-funcional, o Np é uma variável da camada do Sintagma (Xp) no NM que tem como núcleo uma Palavra Nominal (Nw). Para Hengeveld (2008, p. 43), apresentar um núcleo nominal é característica definitiva do Np prototípico, além do fato de ele denotar, por meios lexicais, uma entidade concreta de primeira ordem e ser usado referencialmente. Entram em jogo, agora, propriedades semânticas e pragmáticas do Np, o que implica tornar mais complexa a sua definição. Vejamos o exemplo a seguir, adaptado de Hengeveld (2008, p. 46).

(8) *A menina inteligente passou na prova.*

O Np *a menina inteligente* atende aos quatro requisitos necessários, segundo o autor, para ser considerado como prototípico: 1) tem o nome *menina* como seu núcleo; 2) denota a entidade concreta de primeira ordem *menina*; 3) denota por meios lexicais, isto é, por nomes e modificadores (*menina* e *inteligente*), a construção do conceito pretendido; e 4) é usado pelo falante para se referir à entidade denotada.

Levando em conta a arquitetura da GDF, começemos a análise do Np prototípico pelo nível mais alto, o NI. Nele, há a representação da tentativa do falante de evocar uma referência (*menina inteligente*). Trata-se, então, de um Subato Referencial (R_I), dentro do qual encontram-se dois Subatos Atributivos (T_I e T_J), um que evoca a propriedade *menina* e outro, a propriedade *inteligente*. Ainda nesse nível, especifica-se, por meio do operador de identificabilidade (+id), que o referente evocado é identificável pelo destinatário, característica pragmática que, no NM, será marcada por meio do artigo definido *a*. Em (8a), vê-se a representação interpessoal do referido exemplo, também baseada em Hengeveld (*ibidem*).

(8) *A menina inteligente*

- a. NI: (+id R_i: [(T_i) (T_j)] (R_i))

No NR, os dois Subatos Atributivos evocados correspondem a duas propriedades lexicais, *menina* (f_i) e *inteligente* (f_j). Ambas as propriedades compõem a camada do Indivíduo (x_i), uma entidade concreta de primeira ordem. Veja, na representação em (8b), que a natureza nominal de *menina* é indicada nesse nível pela letra N subscrita, e a natureza adjetival do modificador, pela letra A subscrita.

(8) *A menina inteligente*

- b. NR: (1 x_i: [(f_i: menina_N (f_i)) (x_i): [(f_j: inteligente_A (f_j))(x_i)]])

Com base nas informações recebidas pelo NI e pelo NR, o NM codifica o Np da seguinte forma:

(8) *A menina inteligente*

- c. NM: (Np_i: [(Gw_i: a) (Nw_i: menina) (Ap_i: (Aw_i: inteligente))]) (Np_i))

Como se vê, o Np é uma categoria morfossintática que evoca, como membro prototípico da categoria, um Subato Referencial no NI e denota, no NR, um Indivíduo (x), que é uma entidade de primeira ordem, que pode ser localizada no espaço e avaliada em termos de sua existência. Ele é formalmente constituído (i) pelo artigo definido (Gw_i), que representa, no NM, o caráter identificável do referente no NI; (ii) por um nome (Nw_i), *menina*, exercendo o papel de núcleo; (iii) e por um sintagma adjetival (Ap_i), que é composto pelo adjetivo (Aw_i) *inteligente*.

É assim que se organiza o Np prototípico, na visão de Hengeveld (2008), que, todavia, identifica outros tipos de Np que, como membros menos prototípicos da categoria, dele se distanciam. São os casos de Nps: (i) não nominais (*Vi o que você fez*); (ii) que denotam entidades de ordem superior, como Estados de Coisas (*a produção de leite*) e Conteúdos Propositionais (*a crença na mudança*);²⁹ (iii) com nomes próprios e pronomes (*Pedro saiu/ele saiu*), que são desprovidos de denotação no NR; (iv) que representam vocativos (*Ei, menina!*); (v) com (x) incorporado (em línguas que os contêm, o que não é o caso do português);³⁰ (vi) atributivos (*Este homem é um neurótico*).

²⁹ No capítulo 3, veremos que a coleta de dados abarca não só os Nps tidos como prototípicos, mas também os que denotam entidades de ordem superior.

Como são de nosso interesse os modificadores que podem compor um Np, principalmente aqueles que são codificados à direita do núcleo no NM, é interessante discutir também seus diferentes tipos à luz da GDF. Hengeveld (2008) propõe três tipos: modificadores de atitude subjetiva, modificação de referente e modificação de referência.³¹ O primeiro tipo aplica-se ao NI e são relacionados à atitude subjetiva do falante com relação ao referente evocado, como em *o pobre menino*. Por ocuparem tipicamente a posição pré-nuclear no NM, esses modificadores interpessoais fogem ao escopo deste trabalho.

Modificadores de referente, por sua vez, atuam geralmente na camada do Indivíduo (x) e especificam propriedades da entidade como um todo, enquanto modificadores de referência têm sob seu escopo uma camada mais baixa, a camada da Propriedade (f), e especificam subpropriedades da propriedade expressa pelo núcleo nominal. Em (9-10), podemos ver a diferença entre estes dois tipos de modificador.

(9) *João é um médico bom. Sempre ajuda os necessitados.*

(10) *João é um bom médico. Realiza procedimentos com maestria.*

Em (9), há a modificação de referente, pois a propriedade *bom* aplica-se a entidade como um todo: João é médico e é bom. Em (10), por outro lado, apenas a referência é modificada, tendo o adjetivo um escopo mais restrito: a entidade é referida como boa enquanto médica, ou seja, é o exercício de sua medicina que está sendo qualificado como bom e não a entidade *médico* como um todo. Observe-se que, no caso do português, essa diferença pode ser marcada pela posição que o modificador ocupa (no caso da modificação de referência, a porção pré-nuclear), embora não seja rara a ocorrência de modificadores de referência também na porção pós-nuclear, como é o caso de classificadores, o que veremos mais detalhadamente na seção de análise.

Em razão de este trabalho também abranger construções nucleadas por nomes relacionais (aqueles que exigem argumento), cabe ainda ver como essa categoria representacional é concebida no interior da GDF.

Em primeiro lugar, no NR, a relação entre núcleo e argumento é distinta da relação entre núcleo e modificador. Vejamos o exemplo a seguir.

30 Hengeveld (2008) aponta casos em que um Np não tem função interpessoal alguma. No NR, trata-se da incorporação de uma variável (x) (a da categoria do Indivíduo). O autor exemplifica essa ocorrência com a língua cad-do (cf. Hengeveld, 2008, p. 57).

31 Hengeveld (2008) esclarece que o uso dos termos “modificação/modificador de referente” e “modificação/modificador de referência” remonta a Bolinger (1967).

(11) *O braço lesionado do menino*

NR: $[(x_i: [(f_i: [(f_j: \text{braço}_N (f_j)) (1x_j: [(f_k: \text{menin-}_N (f_k)) (x_j)_\phi])_{\text{Ref}}] (f_i)) (x_i))]: [(f_i: \text{lesionad-}_A (f_i)) (x_i))]$

O Indivíduo (x_i) compõe-se de uma Propriedade Configuracional (f_i), que, por sua vez, consiste na Propriedade (f_j) *braço* (o predicado) e em seu argumento, o Indivíduo (x_j) *menino* exercendo função semântica de Referência (indicada por meio do subscrito *Ref*), já que a entidade *braço* se envolve numa relação de parte-todo inalienável com seu possuidor, podendo ser definida apenas com referência a ele (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 203). De modo distinto, a Propriedade (f_i) *lesionado* opera como modificador de (x_i), o que é sinalizado pelos dois pontos na representação. A principal diferença, portanto, entre argumento e modificador é que o primeiro faz parte do molde de predicação, que consiste em predicado e argumentos, e exerce uma função semântica, enquanto o modificador tem toda a camada (nesse caso, a do Indivíduo) sob seu escopo. Como veremos na Seção 3.2, essa diferença tem reflexo nas hipóteses deste trabalho. Veja, no entanto, que essa distinção tem por base o caso de modificadores que tenham sob seu escopo a camada como um todo (nesse caso, a do Indivíduo).

No caso de modificadores que atuam na camada da Propriedade (os mencionados modificadores de referência), a relação é um pouco distinta, pois eles são ainda mais “internos”, por assim dizer, do que os argumentos. Vejamos o exemplo em (12), em que *esquerdo* atua como modificador da Propriedade (f_j) *braço* e está mais intrinsecamente relacionado a ela do que o próprio argumento *menino* (x_j).

(12) *O braço esquerdo do menino*

NR: $(x_i: [(f_i: [(f_j: \text{braço}_N (f_j): (f_k: \text{esquerd-}_A (f_k)) (f_j)) (1x_j: [(f_l: \text{menin-}_N (f_l)) (x_j)_\phi])_{\text{Ref}}] (f_i)) (x_i))]$

Em segundo lugar, é relevante definir funções semânticas que argumentos de nomes relacionais podem exercer. Para Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 194-195), uma função semântica especifica uma relação entre um núcleo e um dependente. Neste trabalho, interessamos particularmente a função que um argumento assume com relação ao nome relacional, que pode ser, predominantemente, identificado como um Estado de Coisas ou um Conteúdo

Proposicional (os chamados nomes de ordem superior). Outros exemplos incluem nomes que designam quantidades e unidades de medida.

Além da função semântica supracitada, a de Referência, iniciemos com a função de Ativo, traduzida de *Actor*, que corresponde a um hiperpapel abrangendo o que a tradição linguística chama de Agente, Força, Posicionador, ou seja, um participante que tem um papel ativo (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 195) no Estado de Coisas envolvido. O Inativo, por seu lado, traduzido de *Undergoer*, corresponde tipicamente a um segundo hiperpapel, abrangendo o que a tradição linguística chama de Paciente, Processado, Objetivo, Experienciador, o participante que assume um papel passivo no Estado de Coisas. Segue abaixo um exemplo (resgatado da Seção 2.3) que ilustra as duas funções semânticas: o Ativo é representado pelo subscrito *A* (de *Actor*), enquanto o Inativo é representado pelo subscrito *U* (de *Undergoer*).

(12) *A destruição da casa pela chuva*

NR: (e_i: [(f_i: [(f_j: destruição_N (f_j)) (1x_j: -chuva_{N-} (x_j)_A (1x_i: -casa_{N-} (x_i)_U] (f_i))] (e_i))

Nesse exemplo, o nome relacional *destruição* preserva a estrutura argumental do verbo de origem (*destruir*) e consiste num Estado de Coisas dinâmico de dois lugares cujos participantes exercem a função semântica de Inativo, que sofre a ação de destruição, a *casa*, e de Ativo, que realiza a ação de destruir (ainda que não volitivamente), a *chuva*.

Uma outra função semântica relevante é a de Locativo, traduzida de *Locative*, que envolve, em Estados de Coisas dinâmicos,

uma variedade de distinções espaciais, como Ablativo (indicando a fonte do movimento), Perlatoivo (indicando o caminho do movimento), Alativo (indicando o ponto final de movimento, e abrangendo outras distinções, como Destinatário, Beneficiário, e Meta espacial) e Abordagem (indicando um ponto em direção ao qual há movimento) (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 197, tradução nossa).³²

Em (13), o Locativo, representado pelo L subscrito, indica Meta. Em Estado de Coisas não dinâmicos, a função Locativo é geralmente exercida por um participante da categoria semântica Locação (l), como em (14). Atente-se ao fato de que, nesse último exemplo, *presidente* exerce função de Inativo (“sofre a ação de estar”, por assim dizer), já que em

32 No original: in dynamic States-of-Affairs, locative roles cover a range of spatial distinctions, namely Ablative (indicating the source of movement), Perlative (indicating the path of movement), Allative (indicating the end point of movement, and covering further distinctions such as Recipient, Beneficiary, and spatial Goal), and Approach (indicating a point towards which there is movement).

Estados de Coisas não dinâmicos nenhum participante exerce função semântica de Ativo (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 197).

(13) *A vinda do presidente à cidade*

NR: $(e_i: [(f_i: [(f_j: \text{vinda}_N(f_j)) (1x_i: \text{--presidente}_{N-}(x_i)_A (1l_j: \text{--cidade}_{N-}(l_j)_L] (f_i))] (e_i))$

(14) *A estadia do presidente no hotel*

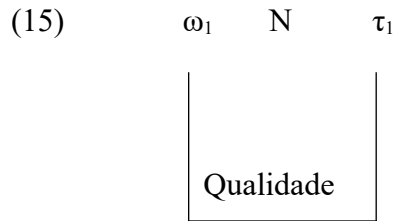
NR: $(e_i: [(f_i: [(f_j: \text{estadia}_N(f_j)) (1x_i: \text{--presidente}_{N-}(x_i)_U (1l_j: \text{--hotel}_{N-}(l_j)_L] (f_i))] (e_i))$

Vê-se que a complexidade funcional do Np tem suporte num modelo de gramática, como a GDF, que representa, em níveis e camadas hierarquicamente organizadas, esse modo complexo de funcionamento. Na próxima seção, aborda-se como um modelo de base tipológica acomoda diferentes tipos de modificadores e como essa abordagem pode ser útil para a análise do fenômeno do presente trabalho ainda no âmbito da GDF.

2.7 Modificadores do núcleo do sintagma nominal: o modelo tipológico de Rijkhoff

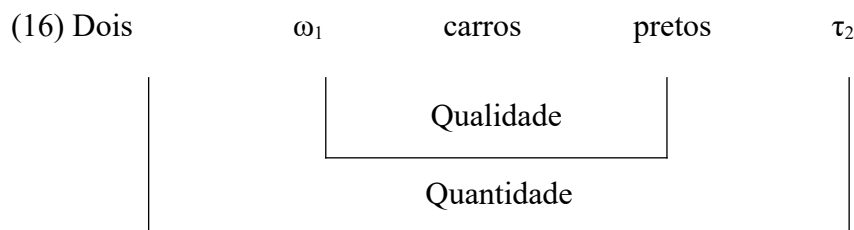
Rijkhoff (2002) propõe uma classificação dos modificadores do núcleo do Np com base nas categorias aristotélicas de qualidade, quantidade e localização.³³ Uma vez que os estudos de Rijkhoff (2002) são de cunho tipológico, o autor afirma que, se uma língua dispuser de adjetivos como classe, eles são comumente usados como modificadores qualificadores, na medida em que especificam tipicamente propriedades características (ou qualidades) mais ou menos inerentes de um referente, tais como tamanho, valor, peso, idade ou cor, como em *esta mesa grande / cara / pesada / velha / marrom*. Como pertencem ao tipo de entidade definido pelo nome, na medida em que especificam como se representa a propriedade nominal no espaço, esses modificadores também se relacionam a uma característica inerente do referente do Np. Assim, operadores (ω_1) e modificadores (τ_1) qualificadores estão mais próximos do núcleo do Np por se relacionarem apenas com a entidade definida pelo nome, como mostra (15).

33 É importante não confundir a categoria de localização do modelo tipológico de Rijkhoff (2002) com a camada da Locação (l) da GDF anteriormente apresentada.

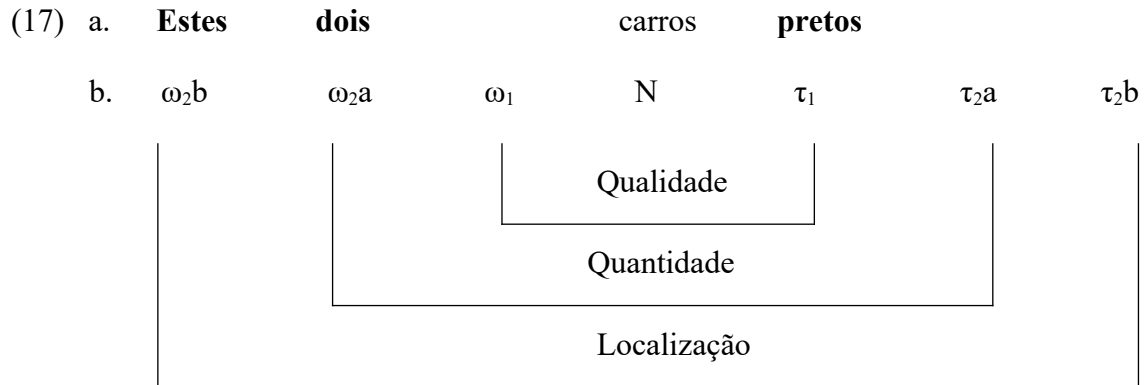


Em contraste, quantidade (número, cardinalidade) e localização são noções relacionadas aos traços externos não inerentes de um referente, que têm em seu escopo a entidade com todas as características especificadas pelo nome e pelos operadores e modificadores de qualidade.

Começando pela quantidade, considere-se, por exemplo, um sintagma como *dois carros pretos*; as relações de escopo – a qualidade sob quantificação – excluem a possibilidade de uma leitura como a de que somente um dos dois carros é preto, conforme mostra (16).



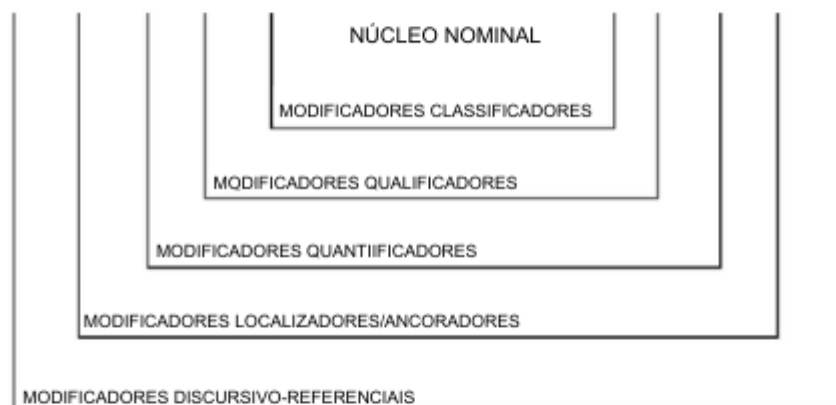
Rijkhoff (2002) alega que diversos tipos de modificadores têm em comum a especificação da localização do referente do Np, tornando, assim, possível para o destinatário identificar corretamente o referente pretendido. Pronomes demonstrativos são manifestações gramaticais da noção de localização (operadores de localização), como *este livro*, enquanto orações relativas restritivas, sintagmas de posse e outros tipos de sintagmas (os preposicionais, por exemplo) são exemplos de manifestações lexicais de localização, como *o livro sobre a mesa* (localização no espaço), *a festa de ontem* (localização no tempo), *a roupa de João* (sintagma de posse). Para a construção em (17a), o falante somente se refere aos dois carros que são pretos no lugar especificado pelo operador de localização *estes* (proximidade em relação à perspectiva do falante).



O gráfico (17) mostra que, em (17b), modificadores de qualidade estão no escopo de modificadores de quantidade e de localização, enquanto modificadores de quantidade estão dentro do escopo de modificadores de localização de modo que o último especifica o lugar da entidade com todas as suas propriedades qualitativas e quantitativas; dito em outros termos: o número (ou a cardinalidade) do referente de um Np está contido na região indicada pelos modificadores de localização.

Posteriormente, Rijkhoff (2008a) incorpora ao esquema de níveis e camadas uma camada especial para modificadores de classificação, que especificam o *tipo* de entidade denotada pelo núcleo, podendo abranger diferentes categorias, tais como material, propósito, função, status, origem e modo de operação (Halliday, 2004 *apud* Rijkhoff, 2008a, p. 83). Além disso, inclui também uma camada que abarca modificadores discursivo-referenciais, os quais ancoram o referente do Np no mundo compartilhado do discurso, como *o livro supramencionado*. É possível contemplar a atualização das camadas de modificação na Figura 6 a seguir.

Figura 6 – Esquema atualizado de camadas de modificação do Np

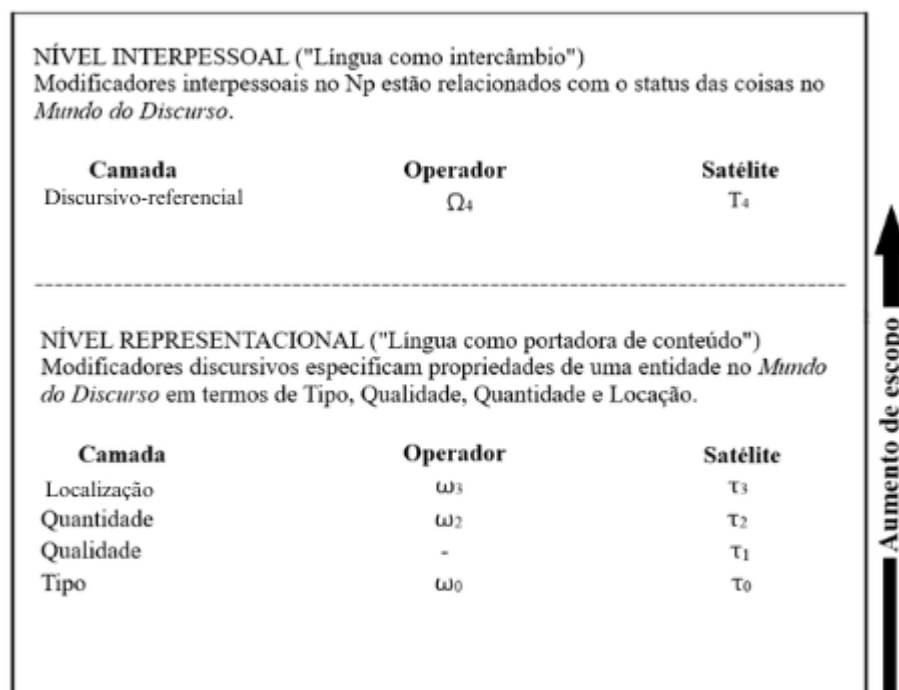


Fonte: Traduzido de Rijkhoff (2010, p. 102)

O posicionamento das camadas adicionadas ao esquema se justifica nas relações de escopo: a camada de classificação é adjacente ao núcleo e tem escopo sobre ele, abrigando modificadores que indicam uma subcategoria específica da entidade denotada pelo núcleo. Por seu turno, a camada de modificação discursivo-referencial tem escopo sobre todas as camadas anteriores e sobre o núcleo e abriga modificadores relacionados com o *status* pragmático do referente do Np no mundo compartilhado do discurso. Observe-se que o modelo atualizado, ao posicionar classificadores na adjacência do núcleo nominal e, portanto, antes de qualificadores, converge com o que se encontra tanto na literatura específica do inglês (cf. Ghesquière, 2014; Breban; Davidse, 2019, entre outros) quanto na do português (cf. Neves, 2000; Pria, 2004; Uchoa, 2019). Isso se deve ao potencial tipológico do modelo, o que justifica a aplicação dele não só às duas línguas mencionadas, como também a muitas outras, dentro de uma amostra de 52 línguas de diferentes famílias.

Tendo em vista a arquitetura geral da GDF, Rijkhoff (2008a) argumenta que modificadores descritivos (classificadores, qualificadores, quantificadores e localizadores) são especificados no NR, enquanto modificadores discursivo-referenciais são especificados no NI, como se vê na Figura 7.

Figura 7 – Camadas do Np no NI e no NR



Fonte: Traduzido de Rijkhoff (2008a, p. 100)

É de nosso interesse apenas os satélites dessas camadas, denominados aqui (e na GDF) de modificadores, uma vez que se caracterizam pela modificação por vias lexicais, que é o caso do objeto deste trabalho. Destaca-se, aqui, a limitação deste esquema de modificação, por abranger apenas entidades de primeira ordem, isto é, Indivíduos (x), que, em termos de GDF, representam, no NR, o Np prototípico (cf. Hengeveld, 2008). Nossa proposta pretende ir para além do Np prototípico por descrever qualquer item lexical que funcione como núcleo do Np e que seja modificado por vias lexicais, o que inclui principalmente nominalizações (que consistem, no NR, em Estados de Coisas (e) e em Conteúdos Propositionais (p)) e nomes que designam Quantidade (q). Outra limitação de Rijkhoff (2008a) é não definir em quais camadas (dos respectivos níveis em que são especificados) cada tipo de modificador tende a atuar, explicação que este trabalho também pretende fornecer, muito embora nosso foco seja fazê-lo com relação aos modificadores do português brasileiro especificamente.

Ainda é importante dizer, conforme Rijkhoff (2008b), que a arquitetura da GDF permite uma relação não biunívoca entre a forma e a função dos modificadores nas camadas, o que significa dizer que uma mesma função (no NI ou no NR) pode ser exercida por membros de diferentes classes formais no NM. Como exemplo disso, modificadores qualificadores podem assumir a forma de adjetivos simples, sintagmas preposicionais e orações adjetivas (por exemplo, uma mesa *valiosa/de grande valor/ que é valiosa*). O contrário também é verdadeiro, pois uma mesma forma pode exercer diferentes funções, como, por exemplo, sintagmas preposicionais operando como classificador, qualificador e localizador (por exemplo, uma mesa *de jantar/ de grande valor/ de Maria*).

Em vista disso, este trabalho se orienta pelas funções desempenhadas pelos elementos, a saber, funções de classificação, qualidade, quantidade, localização e referência ao discurso, independentemente da forma morfossintática que eles apresentem. Ao expandir seu escopo para além da investigação da ordem de adjetivos apenas, este trabalho pode dar uma contribuição relevante para a literatura linguística, em especial para a descrição do português brasileiro. Como forma de relacionar as categorias adotadas neste trabalho com as até então adotadas na literatura do português, apresentamos a seguir o Quadro 1.

Quadro 1 – Relação entre as categorias funcionais de Rijkhoff (2002, 2008a) e as categorias adotadas na literatura do português

Literatura do PB	Categorias funcionais de Rijkhoff (2002, 2008a)				
	Classificadores	Qualificadores	Quantificadores	Localizadores	Discursivo-referenciais
Castilho (2014)	Não-predicativos (classificadores, gentílicos e pátrios)	Predicativos (modalizadores, qualificadores, quantificadores delimitadores) e de cor	-	Dêiticos e quantificadores aspectualizadores	-
Negrão <i>et al.</i> (2014)	-	Predicadores	-	-	-
Neves (2000)	Classificadores	Qualificadores	-	Classificadores que delimitam tempo e espaço	-
Pria (2004) e Uchoa (2019)	Classificadores	Avaliativos	-	-	-

Fonte: autoria própria.

A inexistência de itens nas colunas dos modificadores quantificadores e discursivo-referenciais mostra como esta tese pode contribuir para a descrição do português brasileiro, já que propõe investigar tipos de modificadores pouco analisados até o momento. É possível que aquilo que denominamos aqui modificadores quantificadores e discursivo-referenciais seja enquadrado em outras categorias por outros autores, mas, como ficou constatado na revisão bibliográfica realizada, encontra-se pouco ou quase nada sobre eles.

Como se vê, pautamos o presente trabalho por categorias funcionais amplas capazes de englobar noções semelhantes, já que o principal objetivo aqui é descrever a posição pós-nuclear que os diferentes tipos de modificadores tendem a ocupar e não propor novas classificações para eles. A subcategorização será crucial, no entanto, quando mais de um modificador de mesma categoria estiver presente após o núcleo (dois qualificadores, por exemplo), uma vez que, nesse caso, devemos buscar distinções mais refinadas no interior de cada categoria.

2.8 Ordenação de constituintes na GDF: implementação dinâmica da morfossintaxe

No NM, o componente de ordenação de constituintes da GDF constrói-se dinamicamente fazendo uso de no máximo quatro posições absolutas: P^I (posição inicial), P^2 (segunda posição),³⁴ P^M (posição medial) e P^F (posição final). Depois que essas posições forem preenchidas, posições relativas ficam disponíveis: P^{I+1} , P^{F-1} , P^{M-1} , por exemplo.³⁵ Essas posições são ocupadas de tal forma que, dentro de cada nível, os elementos com escopo mais alto são ordenados primeiro em relação aos elementos com escopo mais baixo, que são ordenados em um estágio posterior; entre os níveis, as unidades interpessoais preenchem uma posição antes das unidades representacionais. Além disso, quando pertencendo a uma mesma camada, funções têm preferência sobre operadores, e estes, sobre modificadores (funções > operadores > modificadores) (Hengeveld; Keizer, no prelo). Após esse estágio, as unidades não hierárquicas (ou configuracionais), a saber, predicados e seus argumentos, recebem cada uma sua posição, tendo o predicado preferência sobre os argumentos (Hengeveld; Keizer, no prelo).

Considerando que, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), fatores semânticos desempenham um papel relevante na ordenação dos adjetivos no Np inglês, retomamos a ideia de que adjetivos considerados semanticamente mais objetivos geralmente são ordenados em posição mais próxima do núcleo, enquanto adjetivos mais subjetivos são ordenados em posição mais distante dele. Para os autores, os adjetivos de idade permanecem no meio (entre avaliativos e objetivos). Esse posicionamento pode ser visto em (18).

(18)	P^I	P^{I+1}	P^{I+2}	P^{I+3}	P^{I+4}
	a	nice ^{EVAL}	old ^{AGE}	black ^{OBJV}	car
	um	bom	velho	preto	carro
	“um bom e velho carro preto”				

(Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 389, tradução nossa)³⁶

Na representação, as designações dos adjetivos estão sobrescritos: para *nice* “bom”, temos a classificação *evaluative* “avaliativa” (^{EVAL}); para *old* “velho”, temos *age* “idade” (^{AGE}); para *black* “preto”, temos *objective* “objetivo” (^{OBJ}). A ordenação dos constituintes

³⁴ P^2 é uma posição relevante na camada da Oração, mas não do Sintagma.

³⁵ P^I pode ser expandida para a direita (P^{I+n}), P^F para a esquerda (P^{F-n}), e P^M em ambas as direções (P^{M-n} , P^{M+n}). P^2 é uma posição restrita a algumas línguas, como o neerlandês e, até o momento, ainda não há evidências da necessidade de sua existência na camada do Sintagma.

³⁶ Note que, no português, um sintagma complexo como esse que, no inglês, segue um procedimento recursivo, tenderia a ter seus modificadores coordenados pela conjunção *e*, conforme visto na tradução.

ocorre da seguinte maneira: primeiro, atribui-se uma posição absoluta (P^I) ao artigo indefinido *a* “um”, pois ele corresponde a um operador de identificabilidade (“-id”, que significa “não identificável”) no NI, sendo, portanto, o elemento mais alto em termos de hierarquia. Depois disso, no NR, posicionam-se os modificadores da camada do Indivíduo, *nice* “bom”, *old* “velho” e *black* “preto”, em posições iniciais relativas (P^{I+1} , P^{I+2} e P^{I+3}) e, em seguida, o núcleo nominal *car* “carro” em P^{I+4} , uma vez que modificadores (unidades hierárquicas) devem ocupar uma posição antes de núcleos (unidades configuracionais) (Hengeveld, 2013).

Keizer (2015, p. 221) propõe uma maneira mais detalhada de linearizar um Np em inglês na GDF. Vejamos o exemplo a seguir em (19), no qual a autora apresenta um Np com um modificador de Propriedade e um modificador de Indivíduo, um classificador e um qualificador em nossos termos.

(19) *A famous criminal lawyer* (Um advogado criminalista famoso)

- a. NI: (-id R_I : [(T_I) (T_J) (T_K)] (R_I))
- b. NR: ($1x_i$: [(f_i : lawyer_N(f_i): (f_j : criminal_A) (f_j)) (f_i)) (x_i): (f_k : famous_A (f_k)) (x_i)])
- P^I P^{I+1} P^{I+2} P^M
- c. πR_i indef σx famous σf criminal lawyer. πx sg
- d. 1 3 4 5 – 2

(Adaptado de Keizer (2015, p. 221), tradução nossa)

Percorrendo todo o processo de linearização, no NI, o primeiro elemento a receber uma posição é, novamente, o operador de identificabilidade (na camada do Subato Referencial (R_I), representado por “+id” em (19a)), desencadeando a colocação do *placeholder* “indef” em P^I . Passando para o NR, o operador de singularidade (representado por “1” antes de “ x_i ” em (19b) e expresso como o *placeholder* “sg” em (19c)) é colocado em P^M , uma posição que o núcleo preencherá em uma etapa posterior.³⁷ Em seguida, *famous* modifica a camada do Indivíduo (x) e, portanto, é colocado em P^{I+1} . Na sequência, *criminal* modifica uma camada inferior, a da Propriedade, e, portanto, vai para P^{I+2} . Por fim, o núcleo *lawyer* se junta ao operador de singularidade em P^M . Observe que os números em (19d) indicam o estágio em que cada unidade preencheu uma posição. Ao longo da análise, adotamos o mesmo modo de representação que Keizer (2015).

37 Em inglês, número é expresso pelo núcleo nominal, o que justifica a colocação do operador de singularidade na mesma posição que o núcleo ocupará posteriormente. O mesmo se aplica ao português, como veremos no Capítulo de análise.

No capítulo 4, discutiremos como esse processo de ordenação dinâmica no NM pode ser útil para explicar a posição de modificadores e argumentos no Np em uma análise discursivo-funcional, mostrando, inclusive, como a linearização ocorre de forma diferenciada no português. Em seguida, vejamos como princípios de ordenação atuam no processo de ordenação dos constituintes do Np.

2.9 Princípios de ordenação na gramática (discursivo-)funcional

Para Dik (1997), uma descrição satisfatória de como se dá o processo de ordenação nas línguas requer uma teoria multifuncional de ordenação de constituintes, que postula que padrões de ordenação sejam descritos em termos de diferentes princípios e preferências em interação e, possivelmente, em competição. Essa teoria é baseada nas seguintes suposições:

- (i) os padrões de ordenação encontrados em uma língua resultam de princípios em interação;
- (ii) cada um desses princípios é em si mesmo funcionalmente motivado [...];
- (iii) dois princípios em interação nem sempre definem a mesma preferência de ordenação [...];
- (iv) logo, nenhuma língua pode atender a todos os princípios ao mesmo tempo e na mesma medida;
- (v) a “solução” para a ordenação numa dada língua contém um elemento de conciliação e ela acaba se caracterizando por certo grau de “tensão”;
- (vi) mudanças na força relativa dos diferentes princípios podem levar a mudanças (às vezes radicais) na ordem dos constituintes;
- (vii) quando essas mudanças atenuarem a tensão com respeito a um princípio, elas podem criar nova tensão com respeito a outro princípio;
- (viii) consequentemente, não há solução estável e ideal para o problema da ordenação de constituintes (Dik, 1997, p. 396, tradução nossa).³⁸

Com base nesses princípios gerais, Rijkhoff (2002, p. 337) defende que a ordem dos constituintes, especificamente no âmbito do Np, resulta principalmente da interação de três princípios gerais de ordenação de palavras, que são, na verdade, todos elaborações de um princípio de iconicidade formulado por Behaghel (1932, p. 4 *apud* Rijkhoff, 2002, p. 337), segundo o qual os elementos que permanecem juntos semanticamente tendem a ocorrer juntos

38 No original: (A1) The actual constituent ordering patterns found in a language are the resultant of a number of interacting principles. (A2) Each of these principles is in itself functionally motivated [...] (A3) But two such principles do not necessarily define the same ordering preference [...] (A4) Therefore, no language can conform to all the ordering principles at the same time and to the same degree. (A5) The actual ‘solution’ for constituent ordering in a given language will thus contain an element of compromise and will to that extent be characterized by a certain amount of ‘tension’. (A6) Shifts in the relative force of the different principles may lead to (sometimes radical) changes in constituent ordering. (A7) When such changes relieve tension with respect to one principle, they may create new tension with respect to another. (A8) There is consequently no optimal, stable solution to the constituent ordering problem.

sintaticamente. São eles: Princípio de Escopo, Princípio de Integridade de Domínio³⁹ e Princípio de Proximidade do Núcleo. Embora elenque os três como os principais, Rijkhoff (2002), ao longo da análise de diferentes línguas, recorre a outros, como o Princípio de Saliência Pragmática e o Princípio de Complexidade Crescente, os quais são de nosso particular interesse aqui.

O primeiro deles, o de Escopo, prediz que modificadores tendem a ocorrer imediatamente antes ou depois da parte da expressão que eles têm em seu escopo. Uma expressão que atende a esse princípio, para Rijkhoff (2002, p. 313), é a que mantém qualificadores⁴⁰ mais próximos ao núcleo, seguidos de quantificadores e de localizadores, porque obedece à máxima de que quanto maior o escopo de um modificador, mais à periferia será sua posição. Como exemplo, o localizador, tendo sob seu escopo a construção como um todo (núcleo + qualificadores + quantificadores), deve ocorrer na periferia do Np após todos os elementos que o compõem. O autor assinala que o Princípio de Escopo não permite fazer nenhuma previsão sobre a ordem relativa de modificadores da mesma camada (dois qualificadores, por exemplo) se ambos precederem ou seguirem o núcleo.

Já o Princípio de Integridade de Domínio, por sua vez, prevê que todos os domínios encaixados (como Nps possuidores e orações relativas) devem ocorrer na periferia, ou seja, antes ou depois de todos os outros constituintes do Np matriz. Esse princípio é definido por Rijkhoff (2002, p. 250) nos seguintes termos: “constituintes preferem permanecer dentro dos limites de seu domínio; os constituintes de um domínio preferem não ser interrompidos por domínios encaixados”.⁴¹ A violação do Princípio de Integridade de Domínio provoca a emergência de descontinuidades geralmente motivada pela atuação do Princípio de Saliência Pragmática, segundo o qual, constituintes com estatuto pragmático especial são preferencialmente colocados em posições especiais (Dik, 1997, p. 403). A atuação desse princípio justifica, por exemplo, um constituinte enfático ocupando uma posição não prevista pelo Princípio de Integridade de Domínio.

O Princípio de Proximidade do Núcleo, por sua vez, prediz que “as regras de ordenação de constituintes conspiram para manter os núcleos de diferentes domínios o mais próximos possível” (Dik, 1997, p. 402).⁴² A versão forte desse princípio faz emergir a hipótese de que

39 Para uma definição de “domínio” sob a abordagem funcionalista, ver Dik (1997, p. 397-398).

40 Na versão revisada de 2008 do modelo tipológico do Np, Rijkhoff propõe que a categoria de classificadores é a que ocupa a posição adjacente ao núcleo.

41 No original: constituents prefer to remain within the boundaries of their proper domain; constituents of matrix domains prefer not to be interrupted by embedded domains.

a posição preferida do núcleo de qualquer modificador lexical é imediatamente antes ou depois do núcleo nominal, mas [...] a posição preferida de modificadores lexicais curtos (como adjetivos) é estarem mais próximos do núcleo nominal do que os modificadores longos encaixados (como um Np possuidor ou uma oração relativa) se ambos ocorrerem no mesmo lado do núcleo (Rijkhoff, 2002, p. 264, tradução nossa).⁴³

Essa preferência de ordenação (modificadores curtos antes dos longos encaixados) também é prevista pelo Princípio de Complexidade Crescente, segundo o qual existe uma “preferência por ordenar os constituintes em uma ordem de complexidade crescente” (Dik, 1997, p. 404),⁴⁴ isto é, do menos para o mais complexo, o que também prediz que adjetivos devem preceder sintagmas (como Nps possuidores) e orações relativas.

No modelo da GDF, os princípios de ordenação elencados por Dik (1997) são reduzidos a apenas três: Iconicidade, Integridade de Domínio e Estabilidade Funcional. Para os autores, esses princípios governam a relação entre o NM e os dois níveis mais altos que lhe servem de *input* e contribuem para maximizar o paralelismo entre as estruturas, reforçando a transparência e a facilidade de interpretação da estrutura linguística. Como já foi abordado o Princípio de Integridade de Domínio, resta detalhar os outros dois princípios.

Em primeiro lugar, o Princípio de Iconicidade abarca uma diversidade de fenômenos linguísticos que propiciam certo grau de homologia entre as dimensões da forma e do conteúdo. É possível ilustrar a atuação desse princípio com base na correspondência entre a ordem em que se introduzem as categorias do NI e do NR e a ordem em que essas categorias são expressas na Codificação morfossintática e fonológica, como se vê nos exemplos contidos em (20a-b), adaptados de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 284-285).

- (20) a. O jogo começou às 16h e terminou empatado.
b. O jogo, que começou às 16h, terminou empatado.

O exemplo (20a) ilustra o caso de um Movimento com dois Atos Discursivos, categorias do NI, cuja ordenação morfossintática conserva a sequência cronológica dos eventos discursivos evocados e designados, no NR, como dois Estados de Coisas. De

42 No original: constituent ordering rules conspire to keep the heads of different domains as closely together as possible.

43 No original: the preferred position of the head of any lexical modifier is immediately before or after the noun, but [...] short lexical modifiers (such as adjectives) are preferred closer to the noun than long, embedded modifiers (such as possessor Np or relative clause) if they both occur on the same side of the noun.

44 No original: a preference for ordering constituents in an order of increasing complexity.

conformidade com essa ordem, o NM codifica essa relação sob a forma de uma Expressão Lingüística consistindo em duas orações coordenadas. Seria possível violar o Princípio de Iconicidade se o interesse do falante fosse dar maior proeminência à informação de jogo empatado do que à do momento de seu início, que se traduz em (20b). Nesse caso, o Movimento consistiria em dois Atos Discursivos, um dos quais, o Subsidiário, aparece como oração adjetiva no NM e o Nuclear, como a oração principal, dando abertura a três frases entonacionais no NF, marcadas pelas vírgulas na modalidade escrita. Tudo é, como se vê, uma questão de intenção comunicativa, uma escolha do falante na situação de interação.

O outro princípio, o de Estabilidade Funcional, requer que constituintes com a mesma especificação interpessoal ou representacional sejam colocados numa mesma posição fixa em relação a outras categorias. Em certas línguas, a disposição de constituintes exercendo função focal é determinada por sua posição em relação ao verbo, por exemplo. Um exemplo dado por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 286) é a língua turca, em que um constituinte focal é colocado em posição imediatamente pré-verbal.

Tanto no caso dos princípios elencados por Rijkhoff (2002) quanto no caso dos princípios elencados por Hengeveld e Mackenzie (2008), são possíveis (i) a atuação conjunta de um ou mais princípios (quando eles favorecem uma mesma ordem de constituintes) e (ii) a possível violação de princípios em situações específicas, principalmente em contextos de competição (em que cada um favorece uma ordem específica de constituintes), o que implica, nesse caso, um grau de tensão entre as possíveis variações de ordenação, como afirmou Dik (1997). Veremos, no capítulo 4, o de análise, quais desses princípios se mostram relevantes para este trabalho e como eles podem atuar no processo de ordenação de modificadores e argumentos do Np. Antes disso, no capítulo seguinte, serão retomados os objetivos e as hipóteses deste trabalho.

3 METODOLOGIA E UNIVERSO DE INVESTIGAÇÃO

3.1 Apresentação

O presente capítulo tem como objetivo apresentar a metodologia fundamental eleita para o presente trabalho e seu universo de investigação. A Seção 3.2 aborda os objetivos e as hipóteses, enquanto a Seção 3.3 apresenta o material de análise e os procedimentos metodológicos empregados na pesquisa.

3.2 Objetivos e hipóteses

Como já mencionado, este trabalho tem como objetivo verificar, por um lado, o que determina predominantemente a ordenação de modificadores e argumentos à direita de um mesmo núcleo nominal, analisando a natureza de cada um deles, e, por outro, investigar os processos que regem a ordenação dos constituintes no interior do Np em termos dos princípios de ordenação tomados como motivações em competição e sua implicação para a linearização desses constituintes no NM da GDF. Então, pretendemos definir não só qual a ordem prototípica de constituintes pós-nucleares do Np do português brasileiro, mas também quais fatores favorecem a aparição de ordens alternativas possíveis na língua. Sendo assim, elaboram-se as seguintes perguntas de pesquisa:

1. Qual é a ordem prototípica do Np no português brasileiro?
2. O esquema de classificação, qualidade, quantidade, localização e referência ao discurso, proposto por Rijkhoff (2002, 2008a), é aplicável ao português brasileiro?
3. A natureza semântica dos modificadores (e dos argumentos, em casos de nomes relacionais) é o que determina a ordem dos elementos no Np?
4. As funções pragmáticas de Foco e Contraste e o operador de ênfase, em se tratando de realces dados às informações de um dado contexto, podem exercer um papel na determinação da ordem dos elementos?
5. Fatores formais, como complexidade, advindos dos níveis de Codificação, a saber, o Morfossintático e o Fonológico, podem influenciar o processo de ordenação dos elementos?
6. Esses parâmetros pragmáticos, semânticos, morfossintáticos e fonológicos de diferentes ordens apontariam para a aplicação de motivações em competição (Du Bois, 1985)?⁴⁵ Se sim, quais seriam os princípios de ordenação a exercerem papel relevante nesse processo?

⁴⁵ Du Bois (1985, p. 361) utiliza o termo *motivações em competição* (do inglês *competing motivations*) em uma discussão teórica a respeito do sistema linguístico e propõe que “forças motivadoras originárias de fenômenos externos penetram no domínio da linguagem, mas elas se encontram e interagem com forças internas”. Utilizamos aqui o referido termo com o sentido pretendido de fatores que interagem entre si, especialmente quando atuam em direção oposta, o que leva, então, a uma competição entre eles.

7. Quais posições morfossintáticas são necessárias para acomodar os elementos do sintagma nominal no português brasileiro, especialmente os elementos à direita do núcleo?

Nossa hipótese principal prevê que a ordem prototípica do português brasileiro atende ao esquema de modificação proposto por Rijkhoff (2002, 2008a), sendo motivada pela natureza semântica dos modificadores do Np.⁴⁶ Isso implica dizer que, para o português brasileiro, prevemos haver a escala: classificador > qualificador > quantificador > localizador > discursivo-referencial. Dessa forma, um Np que atendessem à ordem prototípica seria aquele que tem seus modificadores pós-nucleares linearizados de acordo com essa escala, iniciando com o classificador na posição adjacente ao núcleo e assim por diante.

Uma segunda hipótese é a de que, havendo dois ou mais qualificadores em uma construção, o que determina a ordenação deles é a escala de objetividade/subjetividade, de modo que modificadores mais objetivos tendem a ocupar posições mais próximas do núcleo, enquanto modificadores mais subjetivos preenchem posições mais periféricas. Enquadrar uma variedade vasta de modificadores nessa escala não parece tarefa fácil, o que nos leva a considerar a objetividade ou a subjetividade que cada modificador apresenta em determinada ocorrência, em vez de propor uma escala universal que abranja todos os itens encontrados na amostra. No caso de dois ou mais modificadores de uma mesma categoria (excetuando-se os qualificadores), esperamos que analisar subclassificações específicas de cada categoria dê indícios de uma escala interna de cada tipo de modificador.

Uma terceira hipótese, que leva em conta Nps nucleados por nomes relacionais (que podem dispor de argumentos e modificadores), tem dois desdobramentos possíveis: o primeiro diz respeito à presença de, pelo menos, dois argumentos do núcleo e o segundo diz respeito à presença de um argumento e de um modificador do núcleo.

No primeiro caso, postulamos que, na linearização morfossintática, têm preferência os argumentos que exercem função de Ativo, depois os argumentos que exercem função de Inativo e, por fim, os argumentos com função de Locativo. Isso implica dizer que, numa construção com dois argumentos, um Ativo e outro Inativo (ou Locativo), o primeiro se localizaria na posição adjacente ao núcleo e o outro, na periferia da construção. Essa hipótese, por um lado, contraria a afirmação de Keizer (2007), discutida na Seção 2.3, de que argumentos Inativos (“pacientes” na terminologia da autora) tendem a preceder os com função de Ativo (ou “agente”), mas, por outro, tem fundamento na hierarquia das funções semânticas: Ativo > Inativo > Locativo (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 35). Essa preferência de ordenação também se reflete nas etapas de ativação das posições

46 A exceção seria o posicionamento dos modificadores discursivo-referenciais, cuja motivação é interpessoal. De qualquer forma, prevê-se o alinhamento da ordenação dos modificadores do Np no português brasileiro com o esquema tipológico proposto pelo autor.

morfossintáticas, de modo que argumentos com função de Ativo são ordenados em primeiro lugar, seguidos de argumentos com função de Inativo e de Locativo (Hengeveld; Keizer, no prelo).

No segundo caso, em que há a ocorrência de um argumento e de um modificador do núcleo, a hipótese que defendemos prevê que argumentos precedem modificadores, com base no fato de que os primeiros compõem com o núcleo uma unidade semântica (uma Propriedade Configuracional), e os segundos atuam na camada como um todo, geralmente a do Indivíduo. Nesse caso específico, argumentos estariam mais intrinsecamente relacionados ao núcleo e, iconicamente, deveriam ocupar a posição morfossintática imediatamente mais próxima. Quando os modificadores atuarem na camada da Propriedade, prevemos que estes tendem a ocupar a posição mais próxima do núcleo, uma vez que modificadores de Propriedade estão ainda mais intrinsecamente ligados a ela do que argumentos.

Quanto às posições em que se alocam os elementos, defendemos a hipótese de que, no português brasileiro, são necessárias as três posições absolutas: P^I para a expressão de elementos pré-nominais, especialmente o operador de identificabilidade, expresso por artigos definidos e indefinidos no NM; P^M para o núcleo nominal (e seus argumentos, quando presentes em construções nucleadas por nomes relacionais); e P^F para modificadores pós-nominais, independentemente da natureza semântica que apresentem (seja classificadora, qualificadora, etc). Prevê-se que essa ordenação *default* poderia ser alterada pela presença de fatores especiais pragmáticos, morfossintáticos ou fonológicos.

Por fim, nossa última hipótese prevê que os casos que se desviarem da ordem prototípica se explicam, em maior grau, pela influência de fatores pragmáticos, como Foco, Contraste, ênfase, e, em menor grau, pela influência de fatores formais, como complexidade morfossintática e fonológica. Isso significa que é possível subverter a ordem esperada para o português brasileiro (que seria semanticamente motivada) na presença de motivações pragmáticas, morfossintáticas e fonológicas. Uma situação potencialmente plausível, por exemplo, seria a de um classificador morfossintaticamente mais complexo poder posicionar-se após um qualificador menos complexo; outra situação prevista é a de um modificador mais saliente pragmaticamente poder alocar-se em uma posição não esperada por conta justamente de seu estatuto pragmático.

3.3 Material de análise e procedimentos metodológicos

O material de análise é constituído de uma amostra do fenômeno extraída do (i) banco de dados Iboruna (Gonçalves, 2007), composto pelo Projeto ALIP (Amostra Linguística do

Interior Paulista), que representa a variedade falada na região de São José do Rio Preto, e do (ii) Corpus do Português (Davies, 2016).

Quanto ao item (i), o Iboruna foi coletado entre março de 2004 e setembro de 2007 e constitui o primeiro banco de dados de amostras de fala do interior do estado de São Paulo, com controle rigoroso dos procedimentos de coleta e dos fatores sociais, abrangendo sete municípios da região noroeste: Bady Bassitt, Cedral, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto (Gonçalves; Tenani, 2008). Os informantes, de perfis sociais pré-definidos pelo entrecruzamento das características sociais sexo/gênero, faixa etária, nível de escolaridade e renda familiar, contribuíram com cinco tipos de textos orais diferentes: narrativa de experiência pessoal (NE), narrativa recontada (NR), relato de descrição (DE), relato de procedimento (RP) e relato de opinião (RO). Do cruzamento dos quatro grupos de fatores sociais que constituíram os perfis da Amostra Censo ou Amostra Comunidade (AC), obteve-se o total de 152 informantes. Embora a intervenção de fatores sociais não faça parte do processo de investigação do fenômeno aqui abordado, que parece ser imune a essas condições externas, mantiveram-se os diferentes perfis dos informantes para garantir a diversidade máxima de falantes e, em consequência, de ocorrências possíveis a serem analisadas. Ao longo do texto, faz-se referência às ocorrências encontradas no Iboruna da seguinte forma: *Iboruna: AC* (Amostra Censo)-XXX (Número do inquérito); *DE* (Tipo de texto oral); *L.XXX* (linha em que se encontra a ocorrência).

Quanto ao item (ii), utilizamos o Corpus do Português (Davies, 2016) como complementar ao banco de dados Iboruna, especificamente para encontrar construções com i) mais de um classificador; (ii) mais de um qualificador; ou (iii) modificadores discursivo-referenciais. Fez-se necessário recorrer a um *corpus* alternativo em virtude da pouca variedade encontrada na amostra do Iboruna com relação a subclassificações de modificadores classificadores e qualificadores e à ocorrência de modificadores discursivo-referenciais. Sendo assim, elegemos o referido *corpus*, mais especificamente a amostra *Web/Dialetos*, cuja base de dados contém, de acordo com a própria plataforma, cerca de um bilhão de palavras de páginas da *web* de quatro países de língua portuguesa (Brasil, Portugal, Angola, Moçambique).⁴⁷ Além disso, nossa escolha também foi guiada pela variedade de recursos oferecidos pela plataforma, em especial, a ferramenta de criação de lista de palavras e a busca desses itens em combinação. Dentre as diferentes amostras do Corpus do Português, a *Web/Dialetos* é, conforme a própria plataforma, aquela que permite a mais ampla gama de

⁴⁷ É fato que o presente trabalho tem como foco o estudo da variedade brasileira. A expansão para outras variedades é apenas pontual com relação às ocorrências específicas buscadas no Corpus do Português, a fim de expandir ao máximo a quantidade de casos para verificação da frequência. Outro aspecto relevante a comentar é o de que a distribuição desses modificadores não tem determinação social, o que implica não haver comprometimento dos dados com essa expansão para outras variedades do português.

recursos, o que também motivou nossa escolha em comparação com as outras amostras disponíveis na plataforma (NOW e Gênero/Histórico).

A coleta de dados geral, isto é, a realizada por meio do banco de dados Iboruna, tem como procedimento metodológico fundamental a leitura exaustiva das transcrições de todos os inquéritos da Amostra Censo (AC) fornecidos pelos 152 informantes, o que consiste em aproximadamente 1,5 milhão de palavras (Gonçalves, 2007). Esse procedimento é necessário porque Nps podem assumir qualquer forma lexical, o que inviabiliza o uso de recursos de busca por elementos específicos, como o de rotulação morfossintática. Nessa leitura, busca-se identificar Nps com dois ou mais modificadores (ou argumentos) pós-nucleares que atuem sobre o núcleo separadamente, como mostra o exemplo a seguir.

- (21) a. Uma mesa de jantar redonda bem grande.
- b. Uma mesa **de jantar**.
 Uma mesa **redonda**.
 Uma mesa **bem grande**.

Percebe-se que os três modificadores, em (21a), especificam o núcleo separadamente, o que se pode comprovar em (21b), já que cada um deles poderia ser empregado sozinho sem comprometer o sentido da construção. Essa delimitação exclui casos como (22a), em que há um processo recursivo, cujo escopo incide sobre o elemento anterior, como mostra (22b).

- (22) a. A porta da casa da amiga do meu filho.
- b. A porta da casa.
 *A porta da amiga.
 *A porta do meu filho.

Incluíram-se, como objeto de estudo, diferentes configurações morfossintáticas dos modificadores, sejam eles um adjetivo simples, um sintagma preposicional ou uma oração relativa, e diferentes tipos de entidades semânticas denotadas pelo núcleo, sejam elas Indivíduos (x), Quantidades (q), Locações (l), Estados de Coisas (e), Conteúdos Proposicionais (p), etc.

Na fase da coleta geral no banco de dados Iboruna, encontramos 886 ocorrências do fenômeno, o que permite propor generalizações acuradas com base em frequência e em análises quantitativas. A essas ocorrências, são aplicados os seguintes critérios de análise:

a) critério pragmático: verificar se algum dos modificadores (ou o núcleo) exerce função pragmática de Foco ou Contraste ou se tem natureza enfática. No caso da ênfase, o procedimento empregado consiste na identificação de marcas na transcrição do *corpus*. O banco de dados Iboruna sinaliza entonações enfáticas por meio da utilização de letras maiúsculas. A partir dessa marca, é possível recorrer às gravações das amostras a fim de sanar dúvidas quanto à realização fonológica de determinado trecho da transcrição;

b) critérios semânticos:

1. Analisar a natureza semântica do núcleo (se relacional ou não relacional) e descrever o tipo de entidade denotada por ele (Indivíduo (x), Quantidade (q), Localização (l), Estado de Coisas (e), Conteúdo Proposicional (p), etc.);

2. Descrever a natureza semântica dos modificadores, com base na classificação de Rijkhoff (2008a): classificação, qualidade, quantidade, localização e referência ao discurso, e descrever em qual camada do NR cada tipo de modificador atua;

3. No caso de nomes que dispõem de estrutura argumental, verificar qual a ordem dos elementos: argumento + modificador, modificador + argumento (na presença de um argumento e de um modificador); argumento ativo + argumento inativo, argumento inativo + argumento ativo etc. (na presença de dois ou mais argumentos);⁴⁸

4. Para o caso de haver mais de um modificador da mesma categoria, verificar qual é a ordem interna dos itens lexicais com base em subclassificações de classificação (status, objetivo/função, origem, material/composição e modo de operação, com base em Halliday (2004)), de qualidade (cor, idade, propriedade física e qualidade subjetiva, com base em Rijkhoff (2008b)), de localização (localização no espaço, localização no tempo, posse e ancoragem geral, com base em Rijkhoff (2008b)).⁴⁹ O uso desse procedimento pretende testar se classificações semânticas mais refinadas e específicas são mais decisivas para a definição da ordem dos elementos. A seguir apresentamos exemplos para cada uma das subcategorias:

- **Subcategorias classificadoras:**

Status

(23) *Um campo de futebol **profissional*** (Iboruna: AC-035; DE: L.317)

Objetivo/função

(24) *Grupos ecológicos **de proteção aos animais*** (Iboruna: AC-076; RO: L.422)

⁴⁸ Não se esgotam, aqui, as possibilidades atestadas na aplicação dos critérios, já que outras combinações são possíveis, como argumento ativo-argumento inativo-argumento locativo, entre outras (cf. Seção 4.4).

⁴⁹ Não se mostraram relevantes subclassificações de modificadores quantificadores e discursivo-referenciais, devida à baixa frequência de ocorrência e pouca variabilidade de itens lexicais encontrados.

Modo de operação

(25) *Uma parte **elétrica** automotiva* (Iboruna: AC-091; RP: L.153)

Origem

(26) *O cenário político **brasileiro*** (Iboruna: AC085: RO, L366)

Material/Composição

(27) *A medalha **de ouro** olímpica* (Iboruna: AC-054; RO, L.307)

(28) *Uma mesa **de quatro cadeiras*** (Iboruna: AC-091; DE: L.124)

• Subcategorias qualificadoras:

Cor

(29) *Uma geladeira **branca** não tão grande* (Iboruna: AC-043; DE: L.106)

Propriedade física

(30) *Uma geladeira branca **não tão grande*** (Iboruna: AC-043; DE: L.106) (tamanho)

(31) *A piscina grande **mais funda que todo mundo*** (Iboruna: AC-056; DE: L.136)
(profundidade)

(32) *Um creme bem branquinho e **bem macio*** (Iboruna: AC-092; RP: L.198) (textura)⁵⁰

Idade

(33) *Um armário de aço assim **bem antigo** amarelo* (Iboruna: AC-092; DE: L.163)

Qualidade (subjativa)⁵¹

(34) *Um moço moreno alto **lindo*** (Iboruna: AC074; NE: L.074)

⁵⁰ A lista de especificações da propriedade física de uma entidade não é exaustiva e inclui também noções como forma, peso, consistência etc.

⁵¹ Parece redundante propor uma categoria “qualidade” no interior da categoria de modificadores qualificadores. O termo escolhido, na verdade, visa a abranger um rol de especificações subjetivas, como avaliação (*bom, legal, bonito*), propensão humana (*ciumento, bravo, irritado*), valor (*caríssimo, barato*), entre outras.

- **Subcategorias localizadoras:**

Localização espacial

(35) *O som dele **dentro do carro*** (Iboruna: AC-152; DE: L.338)

Localização temporal

(36) *As eleições aqui de Rio Preto **desse ano*** (Iboruna: AC-049; RO: L.207)

Posse⁵²

(37) *A casa **da nossa amiga** em São Paulo* (Iboruna: AC-087; NE: L.057)

Ancoragem geral

(38) *A história da boate **que ele contou*** (Iboruna: AC-023; NR: L.225)

c) critério morfossintático: descrever a configuração morfossintática dos modificadores: adjetivo simples (como em *mesa **bonita***), sintagma preposicional (como em *mesa **de madeira***) ou oração relativa (como *mesa **que fica na cozinha***). Se houver diferença entre eles, isto é, se um deles for um sintagma e o outro uma oração, por exemplo, verificar, especificamente nesses casos, se há a atuação do Princípio de Complexidade Crescente (Dik, 1997, p. 404). Quando houver dois sintagmas preposicionais, distinguir qual deles contém maior número de palavras. O mesmo procedimento se aplica às orações relativas.

d) critério fonológico: descrever a configuração fonológica dos modificadores com base em contagem de sílabas fonológicas. A contagem de sílabas tem sido um procedimento metodológico usado, por exemplo, em pesquisas sociolinguísticas brasileiras, como a de Scherre (1988). Como estamos lidando com dados falados, no caso do Iboruna, contamos as sílabas exatamente como foram produzidas pelo falante, por meio da audição das gravações. Uma ressalva a ser feita é que esse critério só é empregado quando nenhum dos fatores elencados acima se aplica, isto é, quando não há atuação de fatores pragmáticos, semânticos ou morfossintáticos.

A coleta de dados complementar, referente a busca, no Corpus do Português, de construções com mais de um classificador, mais de um qualificador ou com modificadores discursivo-referenciais consiste em: (i) selecionar os 50 adjetivos mais frequentes para cada subcategoria (status, objetivo/função, material/composição, origem e modo de operação, no caso dos classificadores, e cor, idade, propriedade física e qualidade subjetiva, no caso dos

⁵² Abordamos aqui apenas modificadores de posse alienável, porque, na GDF, possessivos inalienáveis são considerados como argumentos internos de um *frame* de predicação para propriedades relacionais, e não como modificadores.

qualificadores); (ii) criar listas contendo os 50 adjetivos mais frequentes para cada subcategoria na plataforma do *corpus* supracitado; (iii) pesquisar, a partir das listas, todas as combinações possíveis entre as subcategorias; (iv) verificar a frequência de ocorrência das combinações. Quanto aos modificadores discursivo-referenciais, selecionamos apenas os adjetivos *referido*, *mencionado*, *supramencionado*, *citado*, *supracitado* e *aludido*.

Destacam-se algumas vantagens e limitações metodológicas do funcionamento da plataforma que abriga o *corpus* mencionado. Uma vantagem é o acesso à frequência de uma imensa quantidade de palavras de diversos tipos textuais, além da possibilidade de elaborar listas de palavras. Uma limitação é que apenas expressões compostas de um único item lexical podem ser alistadas, o que exclui a possibilidade de acesso a modificadores sintagmáticos e oracionais, aparecendo, assim, na pesquisa, apenas os itens pré-escolhidos e constantes da lista. Apesar disso, cremos que os resultados encontrados podem propiciar uma direção para equacionar certas tendências de ordenação no português. A seguir, os Quadros 2 e 3 listam os adjetivos mais frequentes para cada categoria (a saber, as categorias classificadora e qualificadora).

Quadro 2 – Adjetivos classificadores mais frequentes usados para a criação das listas de palavras

Classificadores				
Status	Objetivo/função	Origem	Material/Composição	Modo de operação
1- Social	1- Preventivo	1. Brasileiro	1. Plástico	1. Digital
2- Público	2- Térmico	2. Português	2. Vegetal	2. Elétrico
3- Humano	3- Normativo	3. Americano	3. Acrílico	3. Online
4- Político	4- Digestivo	4. Europeu	4. Vinílico	4. Eletrônico
5- Nacional	5- Reprodutivo	5. Estrangeiro	5. Metálico	5. Virtual
6- Pessoal	6- Afirmativo	6. Africano	6. Alcoólico	6. Automático
7- Internacional	7- Especulativo	7. Francês	7. Láteo	7. Mecânico
8- Financeiro	8- Comemorativo	8. Angolano	8. Sódico	8. Manual
9- Profissional	9- Comparativo	9. Inglês	9. Sulfúrico	9. Analógico
10- Cultural	10- Formativo	10. Norte-americano	10. Carboxílico	10. Hidráulico
11- Histórico	11- Associativo	11. Espanhol	11. Potássico	
12- Técnico	12- Comprovativo	12. Indígena	12. Férreo	
13- Mundial	13- Preparatório	13. Grego		
14- Econômico	14- Substitutivo	14. Italiano		
15- Sexual	15- Assistencial	15. Chinês		
16- Científico	16- Motivacional	16. Ocidental		
17- Tradicional	17- Consultivo	17. Alemão		
18- Religioso	18- Introdutório	18. Britânico		
19- Espiritual	19- Compensatório	19. Moçambicano		
20- Oficial	20- Profissionalizante	20. Russo		
21- Comercial	21- Operatório			
22- Militar				

23- Médico	22- Exploratório	21. Japonês		
24- Global	23- Vinculativo	22. Cubano		
25- Familiar	24- Condenatório	23. Paulista		
26- Federal	25- Interventivo	24. Árabe		
27- Central	26- Classificativo	25. Judaico		
28- Mental	27- Eliminatório	26. Mineiro		
29- Diário	28- Avaliativo	27. Sírio		
30- Urbano	29- Retrospectivo	28. Oriental		
31- Jurídico	30- Reivindicativo	29. Carioca		
32- Municipal	31- Abortivo	30. Judeu		
33- Ambiental	32- Evangelístico	31. Soviético		
34- Democrático	33- Acusatório	32. Latino		
35- Particular	34- Declarativo	33. Luso		
36- Gratuito	35- Qualificativo	34. Holandês		
37- Escolar	36- Emancipatório	35. Indiano		
38- Musical	37- Qualificador	36. Asiático		
39- Visual	38- Intimidatório	37. Mexicano		
40- Eleitoral	39- Identificativo	38. Baiano		
41- Coletivo	40- Abonatório	39. Sueco		
42- Administrativo	41- Protelatório	40. Canadense		
43- Infantil	42- Integrativo	41. Suíço		
44- Material	43- Prescritivo	42. Hebraico		
45- Obrigatório	44- Combinatório	43. Boliviano		
46- Regional	45- Conciliatório	44. Sul-africano		
47- Químico	46- Sancionatório	45. Turco		
48- Psicológico	47- Modificativo	46. Australiano		
49- Alimentar	48- Protetivo	47. Nordestino		
50- Estadual	49- Devolutivo	48. Israelense		
	50- Reivindicatório	49. Iraniano		
		50. Paulistano		

Fonte: autoria própria.

Quadro 3 – Adjetivos qualificadores mais frequentes usados para a criação das listas de palavras

Qualificadores			
Idade	Cor	Propriedade física	Qualidade (subjativa)
1. Novo	1. Branco	1. Grande	1. Bom
2. Jovem	2. Vermelho	2. Pequeno	2. Importante
3. Antigo	3. Verde	3. Alto	3. Diferente
4. Velho	4. Preto	4. Forte	4. Certo
5. Idoso	5. Azul	5. Longo	5. Simples
6. Velhinho	6. Amarelo	6. Baixo	6. Verdadeiro
7. Novinho	7. Loiro	7. Enorme	7. Difícil
8. Arcaico	8. Rosa	8. Curto	8. Fácil
9. Novíssimo	9. Colorido	9. Imenso	9. Comum
10. Velhíssimo	10. Laranja	10. Leve	10. Mau
11. Velhote	11. Cinzento	11. Duro	11. Feliz
	12. Roxo	12. Quente	12. Natural
	13. Cinza	13. Fraco	13. Capaz

14. Castanho	14. Frio	14. Interessante
15. Dourado	15. Seco	15. Caro
16. Marrom	16. Vazio	16. Lindo
17. Moreno	17. Fundo	17. Legal
18. Pálido	18. Pesado	18. Rápido
19. Amarelado	19. Doce	19. Normal
20. Cor-de-rosa	20. Firme	20. Fundamental
21. Bege	21. Fino	21. Pobre
22. Louro	22. Vasto	22. Rico
23. Rosado	23. Largo	23. Bonito
24. Ruivo	24. Sólido	24. Completo
25. Violeta	25. Fresco	25. Perfeito
26. Rubro	26. Gordo	26. Belo
27. Avermelhado	27. Líquido	27. Excelente
28. Escuro	28. Transparente	28. Famoso
29. Lilás	29. Grosso	29. Grave
30. Prateado	30. Frágil	30. Sério
31. Azulado	31. Pequenino	31. Triste
32. Grisalho	32. Gigante	32. Impossível
33. Alaranjado	33. Gigantesco	33. Puro
34. Verdejante	34. Plano	34. Maravilhoso
35. Corado	35. Reto	35. Seguro
36. Bronzeado	36. Macio	36. Ruim
37. Acastanhado	37. Liso	37. Saudável
38. Acobreado	38. Comprido	38. Crítico
39. Vermelhinho	39. Amargo	39. Poderoso
40. Róseo	40. Cru	40. Inteligente
41. Verde-escuro	41. Redondo	41. Inferior
42. Multicolor	42. Torto	42. Significativo
43. Azul-turquesa	43. Oleoso	43. Intenso
44. Multicor	44. Mole	44. Incrível
45. Azul-e-branco	45. Gelado	45. Raro
46. Vermelhusco	46. Minúsculo	46. Barato
47. Verde-claro	47. Baixinho	47. Absurdo
48. Azul-claro	48. Morno	48. Louco
49. Branquíssimo	49. Robusto	49. Perigoso
50. Castanho-claro	50. Cabeludo	50. Eficaz

Fonte: autoria própria.

Com base nas aproximadamente 40.000 ocorrências de adjetivos mais frequentes, foram selecionados os 50 mais frequentes de cada subcategoria, com exceção das subcategorias classificadoras material/composição e modo de operação, que não dispõem de mais do que 12 e 10 ocorrências exemplificativas, respectivamente, e da subcategoria qualificadora de idade, que não apresenta mais do que 11 ocorrências exemplificativas. Uma observação relevante sobre isso é que os classificadores da subcategoria objetivo/função apresentam uma particularidade: terminam predominantemente com os sufixos *-ivo* e *-ório*. Essa constatação pode indicar uma característica morfológica distintiva dessa subcategoria.

Essas palavras permitiram criar listas com a terminologia própria das subcategorias, e, a partir dos recursos oferecidos pela plataforma, foi possível pesquisar todas as combinações

possíveis, como [NOUN⁵³ status origem], [NOUN origem status], etc. O programa reconhece, então, todas as palavras sob as terminologias escolhidas e exibe a quantidade de ocorrências correspondente ao padrão pesquisado.

Por limitações da própria plataforma, foi possível pesquisar as subcategorias apenas por pares, uma vez que buscar padrões com mais de dois modificadores, como [NOUN status origem objetivo/função], por exemplo, gera erros no sistema.⁵⁴ Assim sendo, a saída mais viável seria comparar a ocorrência dos pares. Após a coleta, selecionamos 5.202 ocorrências das subcategorias classificadoras, 1.509 ocorrências das subcategorias qualificadoras e 174 ocorrências de modificadores discursivo-referenciais. A análise consiste em verificar a frequência de cada par: entre os pares compostos por cor e idade, por exemplo, o objetivo é constatar qual par (cor + idade ou idade + cor) ocorre com maior frequência no *corpus*. Os resultados permitem formular escalas entre as subcategorias, as quais serão apresentadas no capítulo de análise. No caso dos modificadores discursivo-referenciais, buscamos a combinação de pares entre este tipo de modificador e as listas já confeccionadas das subcategorias classificadoras (discursivo-referenciais + status; discursivo-referenciais + origem, e assim por diante) e das subcategorias qualificadoras (discursivo-referenciais + cor; discursivo-referenciais + idade, e assim por diante). Ao final, somamos as ocorrências com o objetivo de propor generalizações como discursivo-referenciais + classificador e discursivo-referenciais + qualificador.

Constatada a ordem prototípica com base na frequência de ocorrência na amostra do Corpus do Português, um último passo consiste em retornar aos dados encontrados no Iboruna em busca de explicações para a ordem não prototípica (com exceção da categoria dos discursivo-referenciais, que não registraram nenhuma ocorrência no Iboruna). Esse procedimento se justifica pelo fato de não ser possível averiguar aspectos pragmáticos e morfossintáticos nos dados do Corpus do Português, pois, em primeiro lugar, se trata de um *corpus* escrito, o que inibe a atuação de fatores pragmáticos típicos da língua falada, e, em segundo lugar, apenas permite a busca de modificadores adjetivais, o que não viabiliza a checagem de diferentes graus de complexidade morfossintática.

Em vista da especificidade dos diferentes tipos de dados, realiza-se uma divisão de construções a serem analisadas: (i) construções com modificadores de categorias diferentes (isto é, construções com um classificador e um qualificador, por exemplo); (ii) construções

53 *Noun* refere-se a substantivo. A plataforma permite a pesquisa por classe de palavras, o que possibilita buscar estruturas específicas como sintagmas nominais. A tentativa de fazer uma pesquisa mais geral NOUN ADJ ADJ, porém, não deu resultado: por ser uma construção muito frequente, a plataforma solicita “restringir a pesquisa”.

54 Mesmo que a plataforma permitisse a busca de Nps com mais de dois modificadores, ela não seria produtiva, dado que a ocorrência de Nps com muitos modificadores não é muito frequente (segundo a amostra do *corpus* Iboruna).

com modificadores de mesma categoria (isto é, construções com mais de um classificador, por exemplo); (iii) construções argumentais (isto é, que apresentam pelo menos um argumento, seja combinado com um modificador, seja combinado com outro argumento). Essa divisão metodológica se reflete na estruturação do próximo capítulo, o de análise, com o intuito de permitir ao leitor uma melhor visualização das diferentes construções analisadas no presente trabalho e uma maior coesão com o próprio procedimento metodológico empregado para distingui-las entre si.

4 ANÁLISE DA ORDENAÇÃO DE MODIFICADORES E ARGUMENTOS À DIREITA DO NÚCLEO DO SINTAGMA NOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

4.1 Apresentação

O presente capítulo apresenta a análise da ordem de modificadores e argumentos à direita do núcleo do Np no português brasileiro. O capítulo se organiza da seguinte forma: a Seção 4.2 diz respeito a construções com modificadores de categorias diferentes; a Seção 4.3 aborda construções com mais de um modificador da mesma categoria; a Seção 4.4, por fim, descreve construções argumentais (que apresentam pelo menos um argumento, seja combinado com um modificador, seja combinado com outro argumento). A divisão de seções adotada segue a divisão metodológica dos dados com o objetivo de seccionar diferentes manifestações do fenômeno em análise. Posto isso, a Tabela 1 resume o número total de ocorrências e as categorias em que elas se enquadram.

Tabela 1 – Categorias analisadas e número de ocorrências

Categoria	Corpus do Português		Iboruna	
	N	%	N	%
Construções com modificadores de categorias diferentes	174 ⁵⁵	2,5	487	55
Construções com modificadores de mesma categoria	6.711	97,5	214	24,1
Construções argumentais	-	-	185	20,9
TOTAL	6.885		886	

Fonte: autoria própria.

4.2 Construções com modificadores de categorias diferentes

A presente seção aborda construções com modificadores de categorias diferentes, com base nas categorias de modificação de Rijkhoff (2002, 2008a) já introduzidas neste trabalho. Das 487 ocorrências em que o Np apresenta dois ou mais modificadores de categorias diferentes, constata-se que a ordem proposta pelo autor é a mais frequente no português brasileiro, como se pode ver na Tabela 2 a seguir. Note que, doravante, a ordem mais frequente (e a que atende ao referido modelo tipológico) será chamada de *prototípica* e a menos frequente (e a que não atende), de *não prototípica*.

⁵⁵ O número em questão refere-se às ocorrências de modificadores discursivo-referenciais.

Tabela 2 – Número de ocorrências de construções com modificadores de categorias diferentes (ordem prototípica vs. ordem não prototípica) (Iboruna)

Categoria	N	%
Ordem prototípica	412	84,6
Ordem não prototípica	75	15,4
TOTAL	487	

Fonte: autoria própria.

Para fins de organização, a Seção 4.2.1 apresenta os resultados concernentes à ordem prototípica, ou seja, construções com modificadores de categorias diferentes que se conformam ao modelo tipológico do Np proposto por Rijkhoff (2002, 2008a); em segundo lugar, a Seção 4.2.2 aborda os resultados referentes à ordem não prototípica. Excluem-se dessa seção, contudo, as ocorrências com modificadores discursivo-referenciais. Por se tratar de casos que foram retirados de outro *corpus* e que não foram submetidos aos mesmos critérios (pela natureza distinta desse tipo de modificador), escolhemos analisá-los em uma seção à parte, a Seção 4.2.3.

4.2.1 Ordem prototípica

A Tabela 3 a seguir mostra as várias configurações que os Nps podem assumir quanto à combinação de modificadores de categorias distintas.

Tabela 3 – Configurações do Np que atendem à ordem preferida

Configuração do Np (porção pós-nuclear)	N	%
Qualificador + localizador	177	43
Classificador + localizador	148	35,9
Classificador + qualificador	76	18,4
Quantificador + localizador	5	1,2
Classificador + qualificador + localizador	4	1
Classificador + quantificador	2	0,5
TOTAL	412	

Fonte: autoria própria.

A Tabela 3 mostra que os três casos mais frequentes envolvem Nps com qualificadores e classificadores seguidos por localizadores. A seguir, apresentamos um exemplo de cada uma das combinações elencadas, dispostas da mais frequente para a menos frequente.

	Porção pré-nuclear e núcleo	Qualificador	Localizador	
(39)	O tapete	azul	no chão	(Iboruna: AC-139; DE: L.227)
	Porção pré-nuclear e núcleo	Classificador	Localizador	
(40)	A oficina	mecânica	do meu pai	(Iboruna: AC-120; DE: L.235)
	Porção pré-nuclear e núcleo	Classificador	Qualificador	
(41)	Um portão	eletrônico	cinza	(Iboruna: AC-043; DE: L.078)
	Porção pré-nuclear e núcleo	Quantificador	Localizador	
(42)	A região	inteira	dessa parte de Mirassol	(Iboruna: AC-151; NE: L.063)
	Porção pré-nuclear e núcleo	Classificador	Qualificador	Localizador
(43)	Uma capota	conversível	bem legal	que (vo)cê pode abaixar ou levantar (Iboruna: AC-066; DE: L.292)
	Porção pré-nuclear e núcleo	Classificador	Quantificador	
(44)	Minha família	de São Paulo	inteira	(Iboruna: AC-046; NE: L.122)

Vale notar que atender à ordem prototípica não necessariamente implica no “preenchimento” de todas as camadas de modificação. Uma construção desse tipo raramente

ocorreria no português, especialmente na variedade falada, dado o esforço cognitivo que sua complexidade morfossintática exigiria do interlocutor no momento da interpretação. O que defendemos, na verdade, é que os casos que atendem à ordem prototípica obedecem às relações de escopo das camadas de modificação, mesmo na ausência de modificadores representativos de uma delas, conforme o seguinte esquema:

Núcleo < classificador < qualificador < quantificador < localizador < discursivo-referencial⁵⁶

Isso significa que, em (39), por exemplo, na combinação qualificador + localizador, não havendo um modificador classificador, o qualificador assume a posição mais próxima do núcleo; ou, quando não há modificador qualificador ou quantificador, é o localizador que, por sua vez, assume a posição imediatamente após a do classificador, como ocorre em (40).

Em termos de alinhamento entre os níveis, a ordem prototípica, um fenômeno morfossintático, é semanticamente motivada, já que é a relação de escopo semântico entre os modificadores que determina o posicionamento deles. Em outras palavras, se localizadores, por exemplo, têm escopo sobre núcleo e modificadores classificadores, qualificadores e quantificadores, sua posição esperada é no extremo direito da construção (no caso do português), uma vez que, de acordo com o Princípio de Escopo, “modificadores tendem a ocorrer próximos à parte da expressão que eles têm em seu escopo” (Rijkhoff, 2002, p. 313, tradução minha).⁵⁷

A seguir, veremos como o modelo da GDF pode comportar cada uma das combinações de modificadores apresentadas anteriormente tanto em termos representacionais quanto em termos de linearização morfossintática.

Para fins de organização, analisamos separadamente as três combinações mais frequentes expostas na Tabela 3: qualificador + localizador, classificador + localizador e classificador + qualificador. Na sequência, é feita a análise da combinação classificador + qualificador + localizador e de construções com quantificadores. Em todos os casos, descrevemos o comportamento das combinações no NR e no NM⁵⁸ e destacamos em que circunstâncias ocorre mudança de ativação de posições na linearização morfossintática, sem mudar, contudo, a ordem esperada para os modificadores.

56 O sinal de “menor que” representa o grau de abrangência do escopo, o que significa que modificadores discursivo-referenciais têm o maior escopo, abrangendo todos os outros tipos de modificadores. Ao longo do texto, as escalas de modificadores seguirão o mesmo padrão de representação.

57 No original: modifiers tend to occur next to the part of the expression that they have in their scope.

58 Menções aos outros níveis, NI e NF, serão feitas quando necessárias, mas não são o foco da presente análise.

Iniciando pela combinação qualificador + localizador, esta é a mais frequente na amostra analisada, representando 43% (177/412) das ocorrências que apresentam à ordem prototípica. Na ausência de um classificador, qualificadores assumem, em contextos não marcados, a posição mais próxima do núcleo e são seguidos por localizadores, que ancoram a referência do núcleo do Np com suas especificações qualificadoras. A presença de um qualificador e de um localizador após o núcleo do Np pode ser representada no NR como em (45). Retomamos, por conveniência, o exemplo apresentado em (39).

(45) *O tapete azul no chão*

NR: $(1x_i: [(f_i: \text{tapete}_N (f_i) (x_i)): [(f_j: \text{azul}_A (f_j)) (x_i)): [(1l_j: (f_k: \text{chão}_N (f_k)) (l_j))_{\text{LOC}} (x_i)])]$

A Propriedade (f_j) *azul* e a Locação (l_j) *chão* modificam a camada do Indivíduo (x_i) *tapete*, o que é demonstrado pelos dois pontos expressos antes de cada modificador. Embora ambos os modificadores atuem na camada do Indivíduo, localizadores têm maior escopo e, por isso, se alocam numa camada mais externa, conforme o modelo de Rijkhoff (2002, 2008a).

Passando à linearização das unidades no NM, o exemplo em (45) apresenta a seguinte formalização:

(45a)	P^I	P^M	P^{F-1}	P^F
	Def (o)	tapete.sg	azul ^{QUAL}	no chão ^{LOCAL}
	1	5 – 2	4	3

Como explorado na Seção 2.7, o posicionamento das unidades morfossintáticas deve, primeiro, obedecer às regras de ordenação hierárquica: entre níveis, unidades interpessoais ocupam posições antes de unidades representacionais. Dentro dos níveis, operadores preenchem posições primeiro, seguidos de modificadores e, por fim, unidades não hierárquicas (ou configuracionais).

Seguindo esse raciocínio, iniciemos o posicionamento das unidades pelo NI. Nesse nível, o operador de identificabilidade deve ocupar uma posição absoluta, o que ocorre por meio da colocação de um *placeholder* (“def”), uma espécie de “marcador de posição” que é posicionado e, posteriormente, recebe a unidade correspondente no NM (no caso, o artigo definido *o*). Por se encontrar no extremo esquerdo do Np, não resta outra posição a ser ativada senão P^I . Não havendo mais nenhuma unidade interpessoal para ser alocada, passemos ao NR.

No referido nível, iniciemos pelo operador de singularidade (representado por “sg”), que é alocado também como *placeholder*, devendo ocupar uma posição absoluta que, posteriormente, abrigará o núcleo, visto que, em português, a expressão de número aparece no núcleo nominal. Sendo assim, esse operador preenche a posição absoluta P^M . Em seguida, há dois modificadores de Indivíduo (o qualificador *azul* e o localizador *no chão*) a receberem posições. Localizadores, por terem maior escopo, ocupam uma posição em primeiro lugar, obedecendo à ordenação hierárquica das unidades representacionais. Desse modo, o localizador *no chão* ocupa P^F . Note que, por estar no extremo direito do Np, a posição absoluta final é a única posição possível a ser ainda ativada. Na sequência, o qualificador *azul* ocupa uma posição final relativa, P^{F-1} , disponível após a ativação de P^F . Por fim, o núcleo *tapete* se junta ao operador de singularidade em P^M .

Observe que, na configuração *default* do Np do português brasileiro, os elementos pré-nominais são colocados no campo inicial; o núcleo, no campo medial; e os modificadores pós-nominais ocupam posições no campo final. É fato que o classificador poderia ocupar uma posição medial relativa (P^{M+1}). Diante das duas possibilidades aceitáveis, decidimos manter os dois tipos de modificador⁵⁹ no campo final. Isso é o que chamaremos de configuração *default* ou ordem esperada. Sempre que duas posições estiverem disponíveis, optaremos por aquela que coincide com o que é esperado na configuração *default*.

Essa regra de posicionamento pode se alterar na presença de ênfase pragmática no qualificador, conforme (46). Como dito anteriormente, as letras maiúsculas nas transcrições do banco de dados Iboruna indicam um acento prosódico diferenciado, o que, na GDF, corresponde sempre à ênfase no NI.

(46) *Uma janela BEM GRANDE⁶⁰ que entra bastante luz* (Iboruna: AC-055; DE: L.118)

a. NI: (-id R_I: [(T_I) (**emph** T_J) (T_K)⁶¹] (R_I))

b.	P^I	P^{M-1}	P^M	P^F
	Indef (uma)	janela.sg	BEM GRANDE ^{QUAL} . emph	que entra bastante luz ^{LOCAL}
	1	6 – 3	5 – 2	4

59 Veremos que essa generalização é válida não só para qualificadores e localizadores, como é o caso do exemplo analisado, mas para todo modificador que ocupe a zona pós-nominal.

60 Como mencionado no capítulo 3, na transcrição do banco de dados Iboruna, as maiúsculas são utilizadas para sinalizar ênfase fonológica em algum item linguístico, o que, na GDF, corresponde sempre a uma ênfase pragmática.

61 A representação do localizador *que entra bastante luz* está simplificada, já que o objetivo, nesse momento, é mostrar como a ênfase escopa o Subato Atributivo que corresponde ao qualificador.

Iniciando o posicionamento das unidades pelo NI, a posição absoluta inicial, P^I , é atribuída ao operador de identificabilidade (“-id”), como *placeholder* “indef”, que corresponde ao artigo indefinido *uma* a ser inserido no NM. Em seguida, o operador de ênfase (que tem escopo sobre o Subato Atributivo (T_I) correspondente ao qualificador *bem grande* no NR), aciona a colocação do *placeholder* “emph” (do inglês *emphasis*) em P^M . Note que nenhuma outra posição poderia ser atribuída a essa unidade a não ser P^M , já que P^F não terá sido acionada ainda para que uma posição relativa final estivesse disponível, e nem mesmo o núcleo havia sido posicionado. Outra observação válida é a de que o operador de identificabilidade é hierarquicamente mais alto, pois opera na camada do Subato Referencial (R_I), e por isso ativa uma posição primeiro em comparação com o operador de ênfase, que, por seu turno, tem como escopo a camada do Subato Atributivo (T_I) contido dentro do Referencial. Não havendo mais unidades interpessoais, passemos ao NR. Nesse nível, o operador de singularidade (como *placeholder* “sg”) deve marcar a posição em que se abrigará o núcleo, ocupando, portanto, P^{M-1} . Na sequência, o localizador *que entra bastante luz* ativa P^F , pois possui maior escopo na construção. Veja que também é possível ativar uma posição medial relativa para abrigar o localizador e, nesse ponto, a escolha em mantê-lo no campo medial ou no final parece arbitrária, já que superficialmente se trata de uma mesma posição (P^{M+1} e P^F são equivalentes nesse aspecto). Nossa decisão, portanto, se pauta pela ideia de que, na ordenação *default*, a não marcada, modificadores pós-nominais ocupam o campo final, como dito com relação ao exemplo anterior. Em seguida, *bem grande*, uma unidade instanciada somente no NR, é colocado em P^M , uma posição já marcada pelo *placeholder* “emph”. Por último, o núcleo *janela* preenche P^{M-1} junto ao operador de singularidade. Aqui também seria possível ativar uma posição inicial relativa para abrigar o núcleo e, novamente, a escolha em mantê-lo no campo medial se justifica pelo fato de que, na ordenação *default*, o núcleo ocupa o campo medial, devendo ser esse seu posicionamento sempre que linearmente possível. Para fins de síntese, nos próximos exemplos, tomaremos como presumidas essas considerações referentes ao preenchimento de uma posição e não de outra superficialmente disponível.

Passando à segunda combinação mais frequente, a combinação classificador + localizador representa 35,9% (148/412) das ocorrências que atendem à ordem prototípica. Classificadores tendem a assumir a posição imediatamente após o núcleo e, na ausência de qualificadores e quantificadores, localizadores preenchem a posição subsequente, ancorando a referência do núcleo do Np com suas especificações classificadoras. A presença de um classificador e de um localizador após o núcleo do Np pode ser representada no NR como em (47). Retomamos, por conveniência, o exemplo apresentado em (40).

(47) *A oficina mecânica do meu pai*

NR: $(1l_i: [(f_i: oficina_N (f_i): (f_j: mecânica_A (f_j)) (l_i): [(f_k: (1x_j: [(f_l: [(f_m: pai_N (f_m) (x_k)_{Ref}] (f_l)) (x_j))]_{Ass} (f_k))] (l_i)])$

Como se vê, a Propriedade (f_j) *mecânica* (o classificador) modifica a Propriedade (f_i) *oficina* por especificar subpropriedades da propriedade expressa pelo núcleo nominal: a oficina especificamente lida com problemas mecânicos. Trata-se assim de modificação de referência, tipicamente realizada por meio de modificadores classificadores na zona pós-nuclear, como afirmado anteriormente no suporte teórico deste trabalho. O localizador *do meu pai* (a Propriedade Configuracional (f_k)), por sua vez, tem escopo sobre toda a camada de Locação (l_i) .

No NM, o exemplo em (47) pode ser linearizado da seguinte forma:

(47a)	P^I	P^M	P^{F-1}	P^F
	Def (a)	oficina.sg	mecânica ^{CLASS}	do meu pai ^{LOCAL}
	1	5 – 2	4	3

Iniciando o posicionamento das unidades pelo NI, P^I é preenchida, por meio do *placeholder* “def”, pelo operador de identificabilidade (“+id”), que corresponde ao artigo definido *a* no NM. Não havendo mais unidades interpessoais, passemos ao NR. Nesse nível, o operador de singularidade (por meio do *placeholder* “sg”) deve marcar a posição em que estará o núcleo, ocupando, então, P^M . Na sequência, o localizador *do meu pai*, por ter maior escopo (sobre toda a camada de Locação), é hierarquicamente ordenado primeiro e, portanto, ativa P^F . Então, o classificador *mecânica*, que tem escopo menor, apenas sobre a Propriedade *oficina*, ocupa P^{F-1} . Por fim, o núcleo *oficina* se junta ao operador de singularidade em P^M .

Assim como visto na combinação qualificador + localizador, a ênfase pode ser responsável por alterar as etapas de posicionamento das unidades quando focaliza o classificador.

(48) *Uma fábrica de Linha aonde eu trabalhava no estoque* (Iboruna: AC-043; NE: L.005)

a.	P ^I	P ^{M-1}	P ^M	P ^F
	Indef (uma)	fábrica.sg	de Linha ^{CLASS} .emph	aonde eu trabalhava no estoque ^{LOCAL}
	1	6 – 3	5 – 2	4

Começando o posicionamento das unidades pelo NI, a posição absoluta inicial, P^I, é ocupada pelo operador de identificabilidade (“-id”), por meio do *placeholder* “indef”. Em seguida, P^M recebe o operador de ênfase, por meio do *placeholder* “emph”. Não havendo mais unidades interpessoais, passa-se ao NR. Nesse nível, o operador de singularidade (“sg”) marca a posição que ocupará o núcleo, preenchendo, portanto, P^{M-1}. Na sequência, o localizador *aonde eu trabalhava no estoque* ativa P^F. Então, o classificador *de linha*, uma unidade instanciada somente no NR, ocupa P^M, uma posição já marcada pelo *placeholder* “emph”. Em último lugar, o núcleo *janela* preenche P^{M-1} junto ao operador de singularidade. Note que as etapas de posicionamento e as posições que as unidades ocupam são as mesmas comparadas ao exemplo (46), que ilustrava a combinação qualificador + localizador com ênfase no primeiro membro, isto é, no qualificador próximo ao núcleo.

A combinação classificador + qualificador é a terceira mais frequente na amostra analisada, representando 18,4% (76/412) das ocorrências de ordem prototípica. Como visto no modelo tipológico de Rijkhoff (2002, 2008a), classificadores tendem a ocorrer na posição adjacente ao núcleo e são seguidos, imediatamente, por qualificadores, quando estes estão presentes. Nessa linha de raciocínio, qualificadores modificam o núcleo com suas especificações classificadoras. A presença de um classificador e de um qualificador no NR pode ser representada como em (49). Retomamos, por conveniência, a ocorrência apresentada em (41).

(49) *Um portão eletrônico cinza*

NR: (1x_i: [(f_i: portão_N (f_i): (f_j: eletrônic-_A (f_j)) (f_i)) (x_i): [(f_k: cinza_A (f_k)) (x_i)]

O classificador (a Propriedade (f_j)) *eletrônico* modifica a Propriedade (f_i) *portão* enquanto o qualificador *cinza* (a Propriedade (f_k)) tem escopo sobre toda a camada do Indivíduo (x_i). Portanto, os modificadores se concentram em camadas distintas, tendo o qualificador maior escopo que o classificador.

No NM, a ocorrência em (49) pode ser linearizada da seguinte forma:

(49a)	P ^I	P ^M	P ^{F-1}	P ^F
	Indef (um)	portão.sg	eletrônico ^{CLASS}	cinza ^{QUAL}
	1	5 – 2	4	3

Começando o posicionamento das unidades pelo NI, o operador de identificabilidade (pelo *placeholder* “indef”) preenche P^I. Em seguida, passando para o NR na ausência de outras unidades interpessoais, o operador de singularidade (pelo *placeholder* “sg”) ocupa P^M, marcando a posição que o núcleo preencherá. Na sequência, por ter maior escopo (sobre toda a camada do Indivíduo), o qualificador *cinza* é hierarquicamente superior e, portanto, ordenado primeiro, ocupando P^F. Depois, P^{F-1} está disponível e abriga o classificador *eletrônico*. Por fim, o núcleo *portão* preenche P^M junto ao operador de singularidade.

Essa ordenação pode se alterar na presença de ênfase pragmática no classificador, como se observa em (50).

(50) *Uma faculdade Pública de primeiro mundo* (Iboruna: AC-081; DE: L.100)

a.	P ^I	P ^{M-1}	P ^M	P ^F
	Indef (uma)	faculdade.sg	pública ^{CLASS} .emph	de primeiro mundo ^{QUAL}
	1	6 – 3	5 – 2	4

Iniciando o posicionamento das unidades pelo NI, P^I é ativada pelo operador de identificabilidade (por meio do *placeholder* “indef”), que corresponde ao artigo indefinido *uma* no NM. Em seguida, P^M recebe o operador de ênfase, por meio do *placeholder* “emph”. Na ausência de outras unidades interpessoais, passa-se ao NR. Nesse nível, o operador de singularidade (pelo *placeholder* “sg”) marca a posição que o núcleo preencherá, ocupando, portanto, P^{M-1}. Na sequência, o qualificador *de primeiro mundo* ativa P^F, posição esperada para qualificadores (na ausência de localizadores), por ter maior escopo que classificadores. Então, o classificador *pública*, uma unidade instanciada somente no NR, fica em P^M, uma posição já marcada pelo *placeholder* “emph”. Em último lugar, o núcleo *faculdade* se junta ao operador de singularidade em P^{M-1}.

Na amostra analisada, 4 ocorrências apresentam a combinação classificador + qualificador + localizador. Como já mencionado, classificadores têm, sob seu escopo, o núcleo do Np, indicando a subclasse a que pertence a entidade denotada pelo núcleo, e são seguidos por qualificadores, que modificam o núcleo com suas especificações classificadoras. Localizadores, por fim, têm maior escopo e modificam o núcleo com suas especificações

classificadoras e qualificadoras. A presença de um classificador, de um qualificador e de um localizador no NR pode ser representada como em (51). Retomamos, por conveniência, o exemplo em (43).

(51) *Uma capota conversível bem legal que você pode abaixar ou levantar*

NR: (1x_i: [(f_i: capota_N (f_i): (f_j: conversível_N (f_j) (f_i)) (x_i): [(f_k: legal_A (f_k): (f_l: bem_{ADV} (f_l)) (x_i): [(e_i: -que você pode abaixar ou levantar- (e_i))]]

A Propriedade (f_j) *conversível* (o classificador) modifica a Propriedade (f_i) *capota* enquanto a Propriedade (f_k) (*bem*) *legal* (o qualificador) e o Estado de Coisas (e_i) *que você pode abaixar ou levantar* (o localizador) têm escopo sobre toda a camada do Indivíduo (x_i).

No NM, a ocorrência em (51) pode ser linearizada da seguinte forma:

(51a)	P ^I	P ^M	P ^{F-2}	P ^{F-1}	P ^F
	Indef (uma)	capota.sg	conversível ^{CLASS}	bem legal ^{QUAL}	que você pode abaixar ou levantar ^{LOCAL}
	1	6 – 2	5	4	3

Iniciando o posicionamento das unidades pelo NI, P^I é preenchida pelo operador de identificabilidade (por meio do *placeholder* “indef”), que corresponde ao artigo indefinido *uma* no NM. Não havendo mais unidades interpessoais, passa-se ao NR. Nesse nível, o operador de singularidade (pelo *placeholder* “sg”) marca a posição do núcleo, ocupando, então, P^M. Na sequência, o localizador *que você pode abaixar ou levantar*, por ter maior escopo, é hierarquicamente ordenado primeiro e, portanto, ativa P^F. Em seguida, ocupa P^{F-1} o qualificador *bem legal*, que também tem escopo sobre a camada do Indivíduo, mas apresenta menor escopo em comparação com o localizador. Depois, o classificador *conversível*, com menor escopo (sobre a camada da Propriedade *capota*), é posicionado em P^{F-2}. Por fim, o núcleo *capota* se junta ao operador de singularidade em P^M.

Essa ordenação pode se alterar na presença de ênfase pragmática em um dos modificadores mais próximos ao núcleo, no classificador ou no qualificador, dado que, na ordem prototípica, se o localizador recebe ênfase, ele ainda assim preenche P^F (embora isso aconteça em uma etapa anterior no NI). Na ocorrência em (52), o qualificador é o modificador enfático.

(52) *Um vaso de flor BEM colorido ali no canto* (Iboruna: AC-066; DE: L.292)

a.	P ^I	P ^{I+1}	P ^{M-1}	P ^M	P ^F
	Indef (um)	vaso.sg	de flor ^{CLASS}	BEM colorido ^{QUAL} .emph	ali no canto ^{LOCAL}
	1	7 – 3	6	5 – 2	4

Começando as etapas de posicionamento das unidades pelo NI, a posição absoluta inicial, P^I, é ocupada pelo operador de identificabilidade (“indef”) que corresponde ao artigo indefinido *um* no NM. Em seguida, P^M recebe o operador de ênfase, por meio do *placeholder* “emph”. Não havendo mais unidades interpessoais, passa-se ao NR. Nesse nível, o operador de singularidade (“sg”) marca a posição que ocupará o núcleo, preenchendo, assim, P^{I+1}. Veja que essa é a única posição relativa possível, já que nenhuma posição relativa medial está disponível, por causa do classificador que ainda não ativou uma posição. Na sequência, o localizador *ali no canto* ativa P^F, por seu maior escopo na construção, sendo essa sua posição prototípica. Depois, o qualificador *bem colorido*, unidade instanciada somente no NR, preenche P^M, uma posição já marcada pelo *placeholder* “emph”. Então, o classificador *de flor* ocupa P^{M-1}. Em último lugar, o núcleo *janela* preenche P^{I+1} junto ao operador de singularidade. O exemplo em questão mostra como, em circunstâncias específicas, as posições esperadas para cada unidade podem mudar a fim de que o processo de linearização das estruturas se conforme às regras de ordenação hierárquica dos níveis superiores.

Analisemos, por fim, combinações com quantificadores, a saber, quantificador + localizador e classificador + quantificador. Apresentamos a seguir um exemplo de cada uma das combinações, retomando por conveniência as ocorrências em (42) e (44).

	Porção pré-nuclear e núcleo	Quantificador	Localizador
(53)	A região	inteira	dessa parte de Mirassol (Iboruna: AC-151; NE: L.063)
	Porção pré-nuclear e núcleo	Classificador	Quantificador
(54)	Minha família	de São Paulo	inteira (Iboruna: AC-046; NE: L.122)

Nas três ocorrências, o quantificador *inteira* especifica o número de locais que compõem a região de Mirassol em (53) e o total de membros da família em (54). A seguir,

vejamos como essas combinações podem ser representadas no NR. Observe que quantificadores, evidentemente, sempre serão uma variável (q).

(53a) NR: (1_i: [(f_i: região_N (f_i)) (l_i): [(q_i: inteir-_A (q_i)) (x_i): [(prox 1 l_j: [(f_j: (f_k: parte_N (f_k)) (l_k: Mirassol_N (l_k)) (f_j))] (l_j)]

(54a) NR: (1^cx_i: [(f_i: família_N (f_i): (l_i: São Paulo_N (l_i))_{LOC} (f_i)) (x_i): [(q_i: inteir-_A (q_i)) (°x_i)]

No caso de (53a), o quantificador *inteira* (q_i) e o localizador *dessa parte de Mirassol* (l_j) modificam a camada de Locação *região* (l_i). Em (54a), o classificador *de São Paulo* (l_i) tem seu escopo sobre a camada da Propriedade (f_i).

No NM, os exemplos anteriores podem ser linearizados do seguinte modo:

(53b)	P ^I	P ^M	P ^{F-1}	P ^F
	Def (a)	região.sg	inteira ^{QUANT}	dessa parte de Mirassol ^{LOCAL}
	1	5 – 2	4	3

(54b)	P ^{M-1}	P ^M	P ^{F-1}	P ^F
	Minha	família.sg	de São Paulo ^{CLASS}	inteira ^{QUANT}
	5	4 – 1	3	2

O posicionamento das unidades é muito similar aos apresentados anteriormente: no NI, P^I é ocupada pelo operador de identificabilidade, no caso de (53). Depois, no NR, em ambos os exemplos, os operadores de singularidade (“sg”) marcam a posição que ocuparão os núcleos, preenchendo, portanto, P^M. Na sequência, os modificadores são ordenados da direita para esquerda, numa orientação centrípeta, com os mais periféricos ativando P^F e, em seguida, os adjacentes ao núcleo ocupando posições finais relativas. Por fim, os núcleos se juntam aos operadores de singularidade em P^M. Observe aqui apenas um detalhe no exemplo (54): a unidade *minha* (um argumento de posse inalienável do núcleo *família*) ocupa P^{M-1} por acreditarmos que o campo medial, no português brasileiro, é o esperado para receber os argumentos do núcleo nominal quando estes são especificados, como veremos mais detalhadamente na Seção 4.4. Outro detalhe é que, por se tratar de argumento de *família*, *minha* é posicionado na última etapa da linearização, pela regra predicado > argumento (Hengeveld; Keizer, no prelo).

Uma vez mais, a ênfase pragmática pode alterar as etapas de posicionamento das unidades e a posição que ocupa o quantificador, como em (55).

(55) *Uma pneumonia DUpla que num tem como* (Iboruna: AC-143; NR: L.137)

a.	P ^I	P ^{M-1}	P ^M	P ^F
	Indef (uma)	pneumonia.sg	DUpla ^{QUANT} .emph	que num tem como ^{LOCAL}
	1	6 – 3	5 – 2	4

Iniciando o posicionamento das unidades pelo NI, P^I é ativada pelo operador de identificabilidade (“indef”), que corresponde ao artigo indefinido *uma* no NM. Em seguida, P^M recebe o operador de ênfase, por meio do *placeholder* “emph”. Na ausência de outras unidades interpessoais, passa-se ao NR. Nesse nível, o operador de singularidade (“sg”) marca a posição que o núcleo preencherá, ocupando, assim, P^{M-1}. Na sequência, o localizador *que num tem como* ativa P^F, posição esperada para localizadores. Então, o quantificador *DUpla*, unidade instanciada somente no NR, ocupa P^M, posição marcada pelo *placeholder* “emph”. Em último lugar, o núcleo *pneumonia* se junta ao operador de singularidade em P^{M-1}.

4.2.2 Ordem não prototípica

A presente seção aborda construções com modificadores de categorias diferentes que não atendem à ordem esperada (com base no modelo tipológico do Np proposto por Rijkhoff (2002, 2008a)). A Tabela 4 a seguir mostra as configurações que os Nps podem assumir quanto à combinação de modificadores de categorias distintas (referentes à ordem não prototípica).

Tabela 4 – Configurações do Np que não atendem à ordem prototípica

Configuração do Np (porção pós-nuclear)	N	%
Qualificador + classificador	37	49,3
Localizador + qualificador	19	25,3
Localizador + classificador	17	22,7
Qualificador + localizador + classificador	2	2,7
TOTAL	75	

Fonte: autoria própria.

A seguir, apresentamos exemplos para cada uma das combinações elencadas na Tabela 4.

	Porção pré-nuclear e núcleo	Qualificador	Classificador	
(56)	Uma grade	alta	de ferro	(Iboruna: AC-081; DE: L.104)
	Porção pré-nuclear e núcleo	Localizador	Qualificador	
(57)	Uma briga	dentro do hospital	enlouquecedora	(Iboruna: AC-150; NR: L.237)
	Porção pré-nuclear e núcleo	Localizador	Classificador	
(58)	Uma copinha	que minha mãe tinha	de madeira	(Iboruna: AC-099; DE: L.318)
	Porção pré-nuclear e núcleo	Qualificador	Localizador	Classificador
(59)	O sotaque	forte	dele	de português
				(Iboruna: AC-146; NE: L.023)

A seguir, veremos como o modelo da GDF pode comportar cada uma das combinações de modificadores apresentadas anteriormente tanto em termos representacionais quanto em termos de linearização morfossintática. Para fins de organização, analisamos as ocorrências de acordo com a motivação que subjaz à ordem não prototípica: primeiramente, os casos de motivação pragmática; depois, as ocorrências com motivação morfossintática, seguidas dos casos de motivação fonológica; na sequência, trata-se dos casos de combinações de motivações, isto é, quando mais de um fator pode estar subjacente à ordem das unidades; finalmente, lida-se com contraexemplos, sem motivações específicas claras.⁶² A Tabela 5 a seguir sumariza os dados quantitativos referentes a cada um dos tipos mencionados.

⁶² Note que não há seção para uma ordem semanticamente motivada, já que ela diz respeito à ordem prototípica já abordada.

Tabela 5 – Motivações para a ordem não prototípica

Motivações para a ordem não prototípica		N	%
Ordem pragmaticamente motivada	Função pragmática Contraste	22	29,3
	Ênfase pragmática	4	5,3
Ordem morfossintaticamente motivada	Complexidade morfossintática	31	41,3
Ordem fonologicamente motivada	Complexidade fonológica ⁶³	6	8
Combinação de motivações	Ênfase + complexidade morfossintática	9	12
	Ênfase + complexidade fonológica	1	1,3
Sem motivações específicas (contraexemplos)		2	2,7
TOTAL		75	

Fonte: autoria própria.

Iniciando, então, a discussão por Nps com ordem pragmaticamente motivada, essa categoria se divide em duas subcategorias: as que apresentam função Contraste e as que apresentam ênfase, conforme visto na Tabela 5. Começamos a análise pela abordagem da função Contraste.

Caracteriza-se a função pragmática Contraste na GDF como a expressão do “desejo do Falante de destacar as diferenças específicas entre dois ou mais Conteúdos Comunicados ou entre um Conteúdo Comunicado e informações contextualmente disponíveis” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 96, tradução nossa).⁶⁴ Essa função é responsável por trazer à periferia do Np o modificador que, no NI, corresponde a um Subato Atributivo contrastivo, casos em que a função Contraste é posicionalmente marcada,⁶⁵ ou seja, um fator pragmático no NI ativa uma posição não prototípica no NM. A atribuição dessa função pragmática é responsável por 29,3% (22/75) dos casos de ordem não prototípica. Vejamos um exemplo em (60).

63 Observe que esse fator pode se sobrepor ao morfossintático, já que mais material morfossintático também corresponde a mais material fonológico. Estamos tratando aqui apenas dos casos em que não há motivação aparente proveniente dos três níveis superiores e há uma diferença na complexidade fonológica.

64 No original: [...] Speaker’s desire to bring out the particular differences between two or more Communicated Contents or between a Communicated Content and contextually available information.

65 Veja que, em Nps representativos da ordem preferida, modificadores próximos ao núcleo também podem exercer função Contraste, mas defendemos que, nesse caso, não haveria marcação posicional. Em vez disso, o Contraste provavelmente seria marcado apenas prosodicamente no NF.

	Porção pré-nuclear e núcleo	Localizador	Qualificador
(60)	O único prédio	que ela viu	grande mesmo

(Iboruna: AC-037; NR: L.150)

Essa ocorrência aponta para a ordem não preferida localizador + qualificador, justamente porque a função Contraste recai sobre o qualificador *grande mesmo*, tendo *mesmo* como operador típico de contraste. Isso equivaleria a dizer que, dentre os prédios vistos, um se destaca como o único de dimensão realmente grande, como se comprova na análise do contexto da ocorrência, disponível em (60a).

- (60a) “Doc.: e a cidade ela te contô(u) como que é a cidade?
 Inf.: contô(u) cidade bem legal ela contô(u) que na viagem ela teve que atravessá(r) uma ponte que era muito grande a ponte... era muito grande a ponte... demorava bastante pa atravessá::(r)... que a cidade num tinha muitos prédios... e se você visse alguns prédios era um ou dois porque a cidade era só de casa mesmo... ela falô(u) que (inint.) **o único prédio que ela viu grande mesmo** era um um que tava constru(d)o [...]” (Iboruna: AC-037; NR: L.150)

Vejamos outro exemplo em (61).

	Porção pré-nuclear e núcleo	Localizador	Qualificador
(61)	A outra madeira	que eu tava falando	plana

(Iboruna: AC-049; RP: L.195)

Novamente, em (61) emerge a ordem não prototípica localizador + qualificador, tendo o qualificador, no NI, um *status* interpessoal contrastivo, de maneira que o falante busca destacar a que madeira ele estaria se referindo, conforme mostra o contexto da ocorrência em (61a). Fica evidente, nesse caso, que o qualificador *plana* serve para contrastar a madeira a que se refere o falante com a outra madeira introduzida anteriormente.

- (61a) “eu sei fazê::(r) carrinho de rolemã:: que é bem legal:: né?... que eu fiz muito quando eu era criança... que:: a gente pegava uma made(i)ra né?... pegava em construção assim... made(i)ra PLAna né? [Doc.: uhum ((concordando))] uma uma largura::... razoável de uns trinta centímetros no mínimo né?... tinha que sê(r)... e pegava duas:: mad/ tipo duas made(i)ras né? finas relativamente finas... onde colocava os rolemãs né?... aí na parte de trás... dessa made(i)ra... da ou/ **da o(u)tra made(i)ra que eu tava falan(d)o plana** né?” (Iboruna: AC-037; NR: L.150)

Construções como (60-61) tendem a apresentar um localizador como modificador adjacente ao núcleo e, em seguida, um classificador ou um qualificador. Essa tendência pode indicar que, mesmo após ancorar a entidade denotada pelo núcleo do Np, com o uso de um modificador localizador, o falante julga que ainda não é o suficiente para o ideal estabelecimento da referência àquela entidade. Por isso, recorre à introdução de um outro modificador que, no NI, exerce função de Contraste para dissipar eventuais mal-entendidos por parte do interlocutor. Reforçamos, aqui, o que afirma Souza-Martins (2020, p. 66) sobre Nps descontínuos,⁶⁶ de modo que a ordem final dos elementos em casos como esse é pragmaticamente motivada, muito embora reinterpretemos como Contraste a função exercida pelo elemento final, em vez de Foco, como a autora propõe.

No NI, ocorrências com função pragmática Contraste podem ser representadas como em (60b). O subscrito CONTR, presente no Subato Atributivo *grande mesmo* (T_K), indica a função Contraste.

- (60b) *O único prédio que ela viu grande mesmo*

NI: (A_I: (C_I: [(+id R_I: (T_I: único prédio (T_I)) (T_J: que ela viu (T_J)) (T_K: grande mesmo (T_K))_{CONTR}] (C_I))] (A_I))⁶⁷

No NR, preservam-se as relações de escopo entre qualificador e localizador, como mostra a representação em (60c). Ainda que assumindo a posição adjacente ao núcleo no NM, o localizador tem maior escopo no NR em relação a outros modificadores da camada do Indivíduo (x_i).

⁶⁶ Souza-Martins (2020) considera como descontínuo o Np que, no NM, não preserva as relações de escopo presentes no NR. Aqui analisamos esses casos como ordem não prototípica.

⁶⁷ No NI, não se expressa a contraparte semântica dos Subatos, como se vê em (60b). A representação é adaptada para melhor entendimento do leitor.

(60c) *O único prédio que ela viu grande mesmo*

NR: $(1x_i: [(f_i: \text{prédio}_N (f_i) (x_i)): [(f_j: \text{únic}_{-A} (f_j))]] [(f_k: \text{grande}_A (f_k)): (f_l: \text{mesmo}_{ADV} (f_l) (f_k))(x_i)): [(e_i: \text{-que ela viu-} (e_i)) (x_i))$

Por fim, vejamos como essa ocorrência pode ser linearizada no NM:

(60d)	P^I	P^{I+1}	P^M	P^{F-1}	P^F
	Def (o)	único	prédio.sg	que ela viu ^{LOCAL}	grande mesmo ^{QUAL}
	1	5	6 – 3	4	2

Começando pela etapa de posicionamento das unidades do NI, a posição absoluta inicial, P^I , é ocupada pelo operador de identificabilidade (“def”), que corresponde ao artigo definido *o* no NM. Ainda que haja a função Contraste no NI, “funções pragmáticas dos constituintes só serão expressas depois que os meios lexicais para expressar esses constituintes tiverem sido selecionados”(Hengeveld; Keizer, no prelo),⁶⁸ o que irá ocorrer na ordenação das unidades representacionais. Não havendo mais unidades interpessoais, passa-se ao NR. Nesse nível, o elemento que exibe função pragmática (no NI) tem prioridade na linearização (de acordo com Hengeveld e Keizer (no prelo)). Assim sendo, o qualificador *grande mesmo* ocupa P^F . Na sequência, o operador de singularidade (“sg”) marca a posição que ocupará o núcleo, preenchendo, assim, P^M . Na sequência, o localizador *que ela viu*, sendo modificador de maior escopo que *único*, preenche P^{F-1} . Depois, o modificador pré-nominal⁶⁹ *único*, que atua na camada do Indivíduo, ocupa P^{I+1} , pois julgamos que o campo inicial é o esperado para abrigar elementos pré-nominais sempre que linearmente possível. Em último lugar, o núcleo *prédio* preenche P^M junto ao operador de singularidade.

Nos dados analisados, outro fator que se mostrou relevante foi a ênfase. Nos dados de ordem não prototípica, é possível observar uma tendência: quando há ênfase pragmática, ela tende a recair sobre o modificador que está mais próximo do núcleo, o que implicaria assumir uma motivação proveniente do NI para uma codificação morfosintática específica. A atribuição de ênfase foi responsável por 5,3% (4/75) das ocorrências de ordem não prototípica. Vejamos o exemplo em (62).

68 No original: pragmatic functions of constituents will only be expressed once the lexical means to express those constituents have been selected.

69 Como modificadores pré-nominais não estão no escopo deste trabalho, limitamo-nos a classificá-los somente dessa forma.

	Porção pré-nuclear e núcleo	Localizador	Qualificador
(62)	Um banheiro	DENTro do quarto	grande
(Iboruna: AC-040; DE: L.081)			

Nesse exemplo, o falante enfatiza a informação de que o banheiro, talvez diferentemente do esperado, está localizado dentro do cômodo que ele estava descrevendo. Para esse efeito, usa, então, uma entonação enfática, que é representada na transcrição por letras maiúsculas. Com relação à sua linearização no NM, esse exemplo pode ser representado como em (62a).

(62a)	P ^I	P ^{M-1}	P ^M	P ^F
	Indef (um)	banheiro.sg	DENTro do quarto ^{LOCAL} .emph	grande ^{QUAL}
	1	6 – 3	4 – 2	5

As primeiras unidades a receberem uma posição são o operador de identificabilidade (“indef”, colocado em P^I) e, na sequência, o operador de ênfase (“emph”, em P^M), já que pertencem ao NI. Em seguida, no NR, primeiro se posiciona o operador de singularidade (“sg”) em uma posição medial relativa, P^{M-1}, posição em que ficará o núcleo. Na sequência, o localizador *dentro do quarto* ocupa P^M junto ao operador de ênfase, pois é somente no NR que sua contraparte semântica é instanciada. Então, atribui-se P^F ao qualificador *grande*, já que o esperado é que um qualificador se abrigue no campo final. Finalmente, o núcleo se junta ao operador de singularidade em P^{M-1}.

Como generalização teórica, tanto no caso da função pragmática *Contraste* como no caso da ênfase, pode-se propor que uma motivação pragmática advinda do NI é responsável por uma ordenação morfossintática que, ainda que violando as determinações representacionais, cumpre com os propósitos comunicativos específicos do falante no contexto de interação. Pode-se dizer, de modo mais amplo, que o Princípio de Saliência Pragmática (Dik, 1997) exerce um papel na determinação da linearização das unidades linguísticas, já que posições específicas (a final, no caso do *Contraste*; a medial, no caso da ênfase) são reservadas para elementos com estatuto pragmático especial. O atendimento do Princípio de Saliência Pragmática acaba por violar o Princípio de Escopo considerando que as relações de escopo no NR não são mapeadas no NM; em outros termos: o modificador com maior escopo semântico ocupa a posição adjacente ao núcleo em vez de ocupar a posição marginal. Vale lembrar, por fim, que ocorrências de ordem prototípica também podem

apresentar ênfase ou Contraste. A distinção essencial a ser feita aqui é que os dois fatores pragmáticos motivando os casos de ordem não prototípica são posicionalmente marcados e levam a uma alteração na ordem final das unidades linguísticas.

Vejamos, agora, como se comportam os casos de ordem motivada por fatores formais, como os de natureza morfossintática. Os casos a que não se aplica a ordem prototípica podem abrir caminho para a aplicação do Princípio de Complexidade Crescente (Dik, 1997, p. 404). Esse princípio, que prevê que estruturas menos complexas são preferencialmente posicionadas antes das mais complexas, pode ser um fator determinante para a ordenação das unidades. Como a motivação por esse princípio formal tem, inclusive, maior frequência de ocorrência nos dados (41,3%, 31/75), sua atuação contradiz a hipótese inicial de que uma motivação morfossintática teria manifestação reduzida nos dados em comparação com as motivações pragmáticas. Vejamos os exemplos em (63-64).

	Porção pré-nuclear e núcleo	Qualificador	Classificador
(63)	Uma grade	alta	de ferro
			(Iboruna: AC-081; DE: L.104)
	Porção pré-nuclear e núcleo	Localizador	Qualificador
(64)	A grade	da frente	que era cinza
			(Iboruna: AC-077; DE: L.164)

O peso morfossintático das unidades que codificam os modificadores na periferia do Np é responsável pela inversão da ordem esperada: em (63), um qualificador expresso por um adjetivo simples (*alta*) precede um classificador expresso por um sintagma preposicional (*de ferro*); em (64), um localizador expresso por um sintagma preposicional (*da frente*) precede um qualificador expresso por uma oração (*que era cinza*). Nesses casos, prevalece o fator morfossintático propiciando a ordem mais eficiente disponível, inclusive em termos cognitivos, já que permite maior grau de acessibilidade e de facilidade de interpretação ao interlocutor mediante a alocação linear de estruturas menos complexas antes de estruturas mais complexas, numa escala do tipo *adjetivo simples* > *sintagma preposicional* > *oração*.

No NR, as relações de escopo permanecem as mesmas dos casos de ordem prototípica, uma vez que o que se “subverte”, na verdade, é apenas a codificação morfossintática das unidades. Assim sendo, como mostram as representações em (63a), o qualificador (f_k) tem escopo sobre a camada do Indivíduo (x_i), enquanto o classificador (x_j) tem escopo sobre a

camada da Propriedade (f_i); e, em (64), o localizador e o qualificador têm escopo sobre a camada do Indivíduo (x_i), tendo o localizador maior escopo.

(63a) NR: $(1x_i: [(f_i: \text{grade}_N(f_i): [(x_j: (f_j: \text{ferro}_A(f_j)) (x_j))] (x_i)): [(f_k: \text{alt}_A(f_k)) (x_i)]$

(64a) NR: $(1x_i: [(f_i: \text{grade}_N(f_i) (x_i)): [(past\ ep_i: (e_i: [(f_j: (f_k: \text{cinza}_A(f_k)) (x_i))_U(f_j)): (e_i)) (ep_i))] [(1l_j: (f_k: \text{frente}_N(f_k)) (l_j))_{LOC}(x_i)])]$

O fato de as relações de escopo no NR não estarem morfossintaticamente manifestas na linearização indica uma violação do Princípio de Escopo (Rijkhoff, 2002, p. 313), de modo que estruturas com escopo de grau mais abrangente são posicionadas antes de estruturas com escopo de menor abrangência. Por conseguinte, numa competição entre um princípio formal, o de Complexidade Crescente, e um princípio semântico, o de Escopo, é o primeiro que prevalece. Ressalte-se que uma motivação morfossintática para o processo de ordenação pode parecer teoricamente difícil de implementar em um modelo descendente como o da GDF, pois a complexidade morfossintática do modificador deve ser recuperada numa direção ascendente para a aplicação adequada das regras de linearização. Contudo, embora não sejam permitidos no Componente Gramatical, processos *bottom-up* são possíveis no Fundo, a fonte da qual essas informações podem ser recuperadas pelo codificador morfossintático (cf. Hengeveld e Mackenzie (2021)).

No NM, os exemplos (63-64) podem ser linearizados como apresentado a seguir.

(63b)	P^I	P^M	P^{M+1}	P^F
	Indef (uma)	grade.sg	alta ^{QUAL}	de ferro ^{CLASS}
	1	5 – 2	3	4

(64b)	P^I	P^M	P^{M+1}	P^F
	Def (a)	grade.sg	da frente ^{LOCAL}	que era cinza ^{QUAL}
	1	5 – 2	3	4

Começando pelo NI, os operadores de identificabilidade, que correspondem aos artigos *uma* (“indef”) e *a* (“def”) no NM, preenchem P^I . Em seguida, no NR, o operador de singularidade (“sg”) ocupa P^M . Devido ao seu escopo mais alto, o qualificador *alta*, em (63b), e o localizador *da frente*, em (64b), devem ocupar uma posição na sequência, preenchendo uma posição medial relativa, P^{M+1} . Depois, o classificador *de ferro*, em (63b), e o qualificador

que era cinza, em (64b), são posicionados em P^F. Finalmente, o núcleo *grade* ocupa a posição medial com o operador de singularidade.

Mudemos, agora, o olhar para casos de ordem fonologicamente motivada. Na ausência da aplicação de fatores especiais, seria de se esperar, como resultado, uma construção não marcada, representativa da ordem prototípica. Não sendo, todavia, esse o caso, o peso fonológico pode desempenhar um papel relevante, conforme observado em (65-66), o que ocorreu em 8% (6/75) dos casos de ordem não prototípica.

	Porção pré-nuclear e núcleo	Qualificador	Classificador
(65)	Um joguinho	novo	africano
			(Iboruna: AC-007; RO: L. 205)
	Porção pré-nuclear e núcleo	Localizador	Qualificador
(66)	A foto	dele	pequeninha
			(Iboruna: (AC-132; NE: L.096)

O classificador *africano*, em (65), e o qualificador *pequeninha*, em (66), são fonologicamente mais pesados, isto é, apresentam mais material fonológico, em termos de número de sílabas, do que o qualificador *novo*, em (65), e o localizador *dele*, em (66), respectivamente. Organizar as estruturas formalmente menos complexas para as mais complexas, mas agora em termos de material fonológico, atenderia, então, ao Princípio de Complexidade Crescente, aplicado, dessa forma, ao NF.

Como já argumentado na Seção 2.4, em que tratamos da arquitetura geral da GDF, um fator fonológico que influencia o processo de ordenação no NM seria incompatível com uma teoria *top-down* como a GDF, uma vez que um nível inferior estaria enviando informações para um nível superior, em uma direção *bottom-up*. No entanto, Hengeveld e Mackenzie (2021) argumentam que, embora os processos ascendentes não sejam permitidos no Componente Gramatical, essa restrição não se aplica ao Fundo, dado que “os processos ascendentes no Fundo são necessários para explicar certos tipos de incompatibilidades, especialmente, mas não exclusivamente, aqueles que envolvem *feedback* do Nível Fonológico para níveis mais altos” (p. 55, tradução nossa).⁷⁰ Sendo assim, seria possível argumentar que há uma operação de antecipação (*look-ahead*, nos termos dos autores) na qual, na ausência de fatores provenientes dos níveis superiores, as estruturas seriam posicionadas

⁷⁰ No original: bottom-up processes in the Fund are needed in order to account for certain types of mismatches, especially, but not exclusively, those involving feedback from the Phonological Level to higher levels.

morfossintaticamente com base na complexidade que apresentam no NF. Esses casos, portanto, explicam-se da mesma forma que os casos de ordem morfossintaticamente motivada abordados anteriormente, com a diferença de que, agora, essa complexidade é avaliada no NF.

No NR, as relações de escopo são preservadas, como já visto anteriormente, muito embora o Princípio de Escopo seja, uma vez mais, violado, pois essas relações não são mantidas na codificação morfossintática no NM. Os exemplos em (65-66) podem ser representados do seguinte modo:

(65a) NR: $(1x_i: [(f_i: \text{jogo}_N (f_i): (f_j: \text{african-}_A (f_j)) (x_i)): [(f_k: \text{nov-}_A (f_k)) (x_i)]$

(66a) NR: $(1x_i: [(f_i: \text{foto}_N (f_i) (x_i)): [(f_j: \text{pequen-}_A (f_j)) (x_i)): [(x_j)_{\text{Ass}} (x_i)_U]$

No NM, a linearização das unidades acontece da seguinte forma:

(65b)	P^I	P^M	P^{M+1}	P^F
	Indef (um)	joguinho.sg	novo ^{QUAL}	africano ^{CLASS}
	1	5 – 2	3	4

(66b)	P^I	P^M	P^{M+1}	P^F
	Def (a)	foto.sg	dele ^{LOCAL}	pequeninha ^{QUAL}
	1	5 – 2	3	4

Em primeiro lugar, a posição inicial, P^I , é ativada pelo operador de identificabilidade no NI (correspondendo, no NM, aos artigos *um*, em (65b), e *a*, em (66b)). Em seguida, o operador de singularidade (“sg”), no NR, ocupa P^M . Depois disso, o qualificador *novo*, em (65b), e o localizador *dele*, em (66b), devido ao seu maior escopo nas respectivas construções, preenchem P^{M+1} , enquanto o classificador *africano*, em (65b), e o qualificador *pequeninha*, em (66b), ocupam P^F , uma vez que o campo final é o esperado para receber modificadores pós-nominais sempre que possível. Por fim, os núcleos *joguinho* e *foto* se juntam aos operadores de singularidade em P^M .

Passemos a examinar agora o modo como diferentes fatores podem combinar-se para determinar o processo de linearização dos modificadores, favorecendo a mesma ordem ou competindo entre si. Na última situação, a de competição entre os fatores, uma tensão entre as ordens disponíveis obrigaria o falante a “decidir” qual, dentre elas, seria a mais eficaz para

seus objetivos comunicativos. Tratamos aqui do modo como uma combinação entre o Princípio da Complexidade Crescente e o de Saliência Pragmática pode sobrepujar o de Escopo. Em primeiro lugar, vejamos exemplos em que essa complexidade atua no NM, como em (67-68), o que aconteceu em 12% (9/75) dos casos de ordem não prototípica.

	Porção pré-nuclear e núcleo	Qualificador	Classificador
(67)	Um buraco	eNORme	de erosão
(Iboruna: AC-150; DE: L. 299)			

	Porção pré-nuclear e núcleo	Qualificador	Classificador
(68)	Um problema	GRAve	de trânsito
(Iboruna: AC-081; RO: L. 289)			

Morfossintaticamente, os exemplos em (67-68) têm uma configuração muito semelhante à dos casos já discutidos de ordem morfossintaticamente motivada, com elementos menos complexos posicionados antes dos mais complexos, mesmo que isso implique o aparecimento da ordem não prototípica, que, nesses casos, é a sequência qualificador + classificador. A diferença aqui é que, além do peso morfossintático dos classificadores na periferia do Np, os qualificadores apresentam ênfase no NI. Nessas ocorrências, as duas “forças”, a complexidade morfossintática do último modificador e a ênfase no primeiro, são ativadas conjuntamente em direção contrária ao fator semântico (a relação de escopo entre classificador e qualificador no NR). A primeira força motiva o posicionamento dos Pps *de erosão* em (67) e *de trânsito* em (68) no final do Np, e a segunda força atrai para perto do núcleo a informação mais saliente pragmaticamente transmitida pelos adjetivos qualificadores *enorme* em (67) e *grave* em (68). Em termos da atuação de princípios, o de Complexidade Crescente se une ao de Saliência Pragmática, e os dois fatores, juntos, “sobrepujam” o Princípio de Escopo. Como é difícil determinar qual força é a mais decisiva, limitamo-nos a argumentar que as duas motivações juntas prevalecem sobre a semântica e ambas são responsáveis pela ordem dos constituintes.

Selecionamos (67) para ilustrar a linearização geral de casos como esses: P^I e P^M são ocupadas primeiro com elementos interpessoais, isto é, o operador de identificabilidade (“indef”) e o de ênfase (“emph”) respectivamente; P^{M-1} é atribuída ao operador de singularidade (“sg”); o qualificador *enorme* recebe sua contraparte semântica no NR e ocupa P^M junto ao operador de ênfase; preenche-se P^F em sequência com o classificador na posição

canônica para esse tipo de modificador, e, finalmente, o núcleo se junta ao operador de singularidade em P^{M-1} .

(67a)	P^I	P^{M-1}	P^M	P^F
	Indef (um)	buraco.sg	ENORme ^{QUAL} .emph	de erosão ^{CLASS}
	1	6 – 3	4 – 2	5

Em segundo lugar, ênfase também pode combinar-se com complexidade fonológica na definição do posicionamento dos modificadores, prevalecendo sobre a motivação semântica, conforme mostra (69), o que ocorreu uma única vez (1,3%, 1/75) na amostra analisada.

	Porção pré-nuclear e núcleo	Qualificadores	Classificador
(69)	Um portão	GRANde branco	eletrônico
			(Iboruna: AC-052: DE, L193)

Nesse caso, pode-se ativar a inversão qualificadores + classificador tanto em razão de ênfase incidindo no qualificador *grande*, quanto em razão da complexidade fonológica de *eletrônico* em relação aos outros dois modificadores. Como dito anteriormente, ambas as motivações favorecem o mesmo padrão de ordenação, sem definir se de fato uma delas é a mais decisiva. Novamente, o Princípio de Complexidade Crescente se combina com o de Saliência Pragmática, e é justamente a ativação dos dois fatores que, afinal, “sobrepuxa” o Princípio de Escopo, que prevê a ordem classificador + qualificador no nível semântico. A representação em (69a) mostra a linearização desse tipo de construção.

(69a)	P^I	P^{M-1}	P^M	P^{M+1}	P^F
	Indef (um)	portão.sg	GRANde ^{QUAL} .emph	branco ^{QUAL}	eletrônico ^{CLASS}
	1	7 – 3	5 – 2	4	6

As primeiras unidades a ocuparem uma posição são o operador de identificabilidade (“indef”, *um*, colocado em P^I) e o operador de ênfase (“emph”, colocado em P^M), ambos especificados no NI. Em seguida, no NR, o operador de singularidade (“sg”) ocupa uma posição medial relativa, P^{M-1} . Depois disso, o qualificador *branco*, hierarquicamente mais alto, deve preencher uma posição, nesse caso, a medial relativa P^{M+1} . Em seguida, o qualificador

grande, instanciado apenas no NR, ocupa P^M junto ao operador de ênfase.⁷¹ Então, P^F é atribuída ao classificador *eletrônico*. Finalmente, o núcleo se junta ao operador de singularidade em P^{M-1}.

Passemos, agora, a examinar contraexemplos, ou seja, ocorrências peculiares em que a ordem não prototípica não tem motivações específicas claras, de modo que não se ative nenhum dos fatores analisados até o momento, conforme mostram (70-71). É por essa razão que eles são tratados aqui como contraexemplos.

	Porção pré-nuclear e núcleo	Qualificador	Classificador
(70)	Uma casa	muito pequena	de fundo
(Iboruna: AC-092; NE: L.061)			

	Porção pré-nuclear e núcleo	Qualificador	Classificador
(71)	Uma área	até razoável	coberta
(Iboruna: AC-080; DE: L.150)			

Contraexemplos não permitem mais do que especular sobre as razões da não aplicação da ordem esperada em função das motivações advindas dos níveis de formulação, mesmo na ausência dos fatores especiais aqui anteriormente mencionados. Vale lembrar que nem sempre uma determinada variante de ordenação escolhida pelo falante é a mais eficaz em termos de processamento linguístico, já que a língua é também suscetível a interferências no processo de informação, além de que, em alguns contextos, pode ser difícil definir por que o falante selecionou a ordem marcada em vez da não marcada. Sendo assim, nos casos acima, especula-se que o falante evoca as qualidades do referente que lhes são mais salientes primeiro e menciona outras características menos importantes à medida que elas vão surgindo em sua conceptualização mental. No entanto, cabe ainda investigação mais profunda sobre o assunto, principalmente em termos cognitivos em relação a princípios mais gerais da linguagem.

4.2.3 Sobre os modificadores discursivo-referenciais

Como explicitado no capítulo de metodologia, realizamos uma coleta específica no Corpus do Português no caso dos modificadores discursivo-referenciais, em virtude da frequência nula desse tipo de modificador no *corpus* principal, o Iboruna. Essa coleta tem

⁷¹ Veremos na Seção 4.3.2 que qualificadores de cor têm prioridade na linearização com relação a outros tipos de qualificadores. Isso justifica o posicionamento de *branco* preceder o de *grande*.

como objetivo uma análise simples da frequência de ocorrência de modificadores discursivo-referenciais, em busca de confirmar a hipótese de que sua posição mais frequente na zona pós-nominal do Np é a periférica, após todos os outros tipos de modificadores. Utilizamos, nessa coleta, as listas elencadas com os adjetivos representativos de cada categoria (cf. seção 3.3): classificadores (material, modo de operação, objetivo, origem e status), qualificadores (cor, idade, propriedade física e qualidade) e discursivo-referenciais (*referido*, *mencionado*, *supramencionado*, *citado*, *supracitado* e *aludido*). As combinações encontradas estão dispostas também na Tabela 6.

Tabela 6 – Configurações de Nps com modificadores discursivo-referenciais (Corpus do Português)

Configuração do Np (porção pós-nuclear)	N	%
Classificador + discursivo-referencial	133	76,4
Discursivo-referencial + classificador	1	0,6
Qualificador + discursivo-referencial	40	23
TOTAL	174	

Fonte: autoria própria.

Nossa hipótese tem comprovação empírica, como mostra a Tabela 6: modificadores discursivo-referenciais têm preferência pela posição após outros modificadores, na periferia à direita do Np. Os exemplos em (72-73) ilustram essa configuração prototípica.

	Porção pré-nuclear e núcleo	Classificador	Discursivo-referencial
(72)	O interesse	histórico	mencionado

(Corpus do Português: <http://www.pontanegraflat.com/por-que-fernando-de-noronha-nao-pertence-ao-rio-grande-do-norte>)

	Porção pré-nuclear e núcleo	Qualificador	Discursivo-referencial
(73)	O homem	rico	mencionado

(Corpus do Português: <http://www.gotquestions.org/Portugues/Gloria-de-Deus.html>)

Como entende Rijkhoff (2008b), modificadores discursivo-referenciais têm relação com o *status* do referente no mundo compartilhado do discurso e, por isso, são especificados no NI. Diferentemente dos modificadores descritivos (classificadores, qualificadores,

quantificadores e localizadores), que fornecem uma descrição da entidade, os discursivo-referenciais indicam “que as entidades envolvidas já existem no mundo do discurso e agora estão sendo coletivamente mencionadas novamente”.⁷² Nos exemplos (72-73), o modificador *mencionado* serve como sinalizador ao ouvinte/leitor de que as entidades *interesse* (especificada pelo classificador *histórico*) e *homem* (especificada pelo qualificador *rico*) já tinham sido introduzidas pelo falante no discurso e, por isso, são discursivamente identificáveis.

Embora Rijkhoff (2008b) proponha que esses modificadores pertençam ao NI, o autor não deixa claro em que camada interpessoal eles atuam. Em vista disso, propomos que esse tipo de modificador atue na camada do Subato Referencial, como se vê na representação em (73a), já que ancoram a evocação de um referente no mundo do discurso. Essa consideração extrapola o que propõem Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 121), uma vez que consideram que a modificação na camada do Subato Referencial se limita à expressão de atitude subjetiva.

(73a) NI: (+id R_I: [(T_I) (T_I): *mencionado* (R_I)])

No NM, (73) pode ser morfossintaticamente linearizado da seguinte forma:

(73b)	P ^I	P ^M	P ^{F-1}	P ^F
	Def (o)	homem.sg	rico ^{QUAL}	mencionado ^{DISC}
	1	5 – 3	4	2

Em primeiro lugar, a posição inicial, P^I, é ativada pelo operador de identificabilidade no NI (por meio do *placeholder* “def”) correspondendo, no NM, ao artigo definido *o*. Em seguida, o modificador discursivo-referencial *mencionado* ocupa P^F. Note que ambos (operador de identificabilidade e modificador discursivo-referencial) atuam na mesma camada. O que determina a sequência nesse caso é o princípio *operador > modificador* (Hengeveld; Keizer, no prelo). Então, o operador de singularidade (por meio do *placeholder* “sg”), no NR, ocupa P^M. Depois disso, o qualificador *rico* preenche P^{F-1}, uma vez que o campo final é o esperado para receber modificadores pós-nominais sempre que possível. Por último, o núcleo *homem* se junta ao operador de singularidade em P^M.

⁷² No original: [...] that the entities involved already exist in the world of discourse and are now collectively being referred to again.

Vale tecer alguns comentários a respeito da única ocorrência que não atende à ordem esperada, isto é, ao exemplo que apresenta o padrão discursivo-referencial + classificador, disposto em (74) com contexto de ocorrência.

- (74) “A grande presença índia no Brasil não foi a do macho, foi a da fêmea. Esta foi uma presença decisiva, a mulher índia tomou-se de amores pelo português, talvez até por motivos fisiológicos, porque, segundo pude apurar quando escrevi Casa Grande e Senzala, as sociedades ameríndias ou índias, inclusive a brasileira, eram sociedades que precisavam de festivais como que orgiásticos para provocar nos homens, nos machos, desejos sexuais. O que há de acentuar é o grande papel da índia fêmea na formação brasileira, essa índia fêmea não só através do **relacionamento mencionado sexual**, mas através do papel social que ela começou a desempenhar magnificamente, tornou-se uma figura capital na formação brasileira.”
(Corpus do Português:
<http://www2.tvcultura.com.br/aloescola/estudosbrasileiros/casagrande/>)

Nota-se, em (74), uma construção atípica que apresenta o modificador discursivo-referencial na posição imediatamente após o núcleo enquanto o classificador ocupa a posição periférica. Há, assim como visto na ordem não prototípica, a violação do Princípio de Escopo, dado que o modificador com maior escopo (o discursivo-referencial) não ocorre na periferia do Np após o outro modificador (o classificador) que ele abrange. Não fica evidente a motivação por trás dessa inversão, já que sua reformulação, em (74’), parece perfeitamente possível e menos “peculiar”.

- (74’) “[...] O que há de acentuar é o grande papel da índia fêmea na formação brasileira, essa índia fêmea não só através do **relacionamento sexual mencionado**, mas através do papel social que ela começou a desempenhar magnificamente [...].”
(Corpus do Português:
<http://www2.tvcultura.com.br/aloescola/estudosbrasileiros/casagrande/>)

É possível ao menos especular que a ordem pela qual o falante/escritor “opta” tem um caráter marcado, que talvez surja como uma espécie de pensamento posterior que ele materializa assim que vem à mente, ou, como chamaria Keizer (2015, p. 56), um *afterthought*. No entanto, não havendo marcas de pausas ou hesitação (que, em um texto escrito, seriam sinalizadas por reticências ou vírgulas), a possibilidade de se tratar de um pensamento posterior não parece tão plausível como apenas considerar que estamos diante de um genuíno contraexemplo da língua.

Em termos de linearização, essa ocorrência pode ser representada como em (74a).

(74a)	P ^I	P ^{M-1}	P ^M	P ^F
	Def (o)	relacionamento.sg	mencionado ^{DISC}	sexual ^{CLASS}
	1	5 – 3	2	4

No NI, o operador de identificabilidade, por meio do *placeholder* “def”, ativa P^I. Na sequência, o modificador discursivo-referencial *mencionado* ativa P^M, única posição absoluta disponível nessa etapa da linearização. No NR, o operador de singularidade, por meio do *placeholder* “sg”, ocupa P^{M-1}. Em seguida, o classificador *sexual* ativa P^F, posição esperada para receber modificadores pós-nominais. Por fim, o núcleo *relacionamento* se junta ao operador de singularidade em P^{M-1}.

4.3 Construções com modificadores de mesma categoria

A presente seção aborda a ordenação de dois ou mais modificadores de mesma categoria. O objetivo é verificar se, dentro de cada uma das categorias de modificação, existem subclassificações que sejam relevantes para o processo de ordenação. A Tabela 7 a seguir apresenta o tipo de configuração de Nps com modificadores de mesma categoria, as subclassificações para cada um deles e a quantidade de ocorrências.

Tabela 7 – Subclassificação de Nps com dois ou mais modificadores de mesma categoria⁷³

Tipo de configuração do Np (porção pós-nuclear)	Categorias de subclassificação	N	%
2 ou mais classificadores	Material/composição, objetivo/função, status, origem e modo de operação	43	20,1
2 ou mais qualificadores	Cor, idade, propriedade física, qualidade (subjativa)	95	44,4
2 ou mais localizadores	Localização no espaço, localização no tempo, posse e ancoragem geral	76	35,5
TOTAL		214	

Fonte: autoria própria.

O procedimento fundamental para a análise desses dados consiste em definir: 1) o número de modificadores envolvidos; 2) o estatuto semântico do primeiro modificador; 3) o

⁷³ Excluem-se os quantificadores e os discursivo-referenciais, já que, para tais categorias, não assumimos haver subclassificações relevantes, além da baixa frequência de ocorrência delas na amostra analisada.

estatuto semântico do segundo modificador; 4) o estatuto semântico do terceiro e do quarto modificadores, quando houver. Na sequência, apresentamos os resultados da análise de cada categoria separadamente. Em primeiro lugar, abordamos as subclassificações no interior de cada categoria para, em segundo lugar, comentar sobre como elas são acomodadas no modelo teórico da GDF.

4.3.1 Classificadores

Começando pelos classificadores, a incidência desse tipo de modificador do Np é dois em 93% (40/43) das ocorrências; as outras três ocorrências consistem em Nps com 3 classificadores. Esse resultado já era previsto, uma vez que estruturas mais longas, isto é, com muitos modificadores, tendem a ocorrer com baixa frequência, especialmente em contextos falados, que é o caso do *corpus* Iboruna. A subcategoria classificadora mais frequente é a de *status*, que é expressa mais vezes em todas as posições pós-nucleares. A Tabela 8 a seguir resume tais resultados.

Tabela 8 – Frequência das subcategorias dos classificadores em cada posição pós-nuclear

Estatuto do modificador	Primeira posição		Segunda posição		Terceira posição	
	N	%	N	%	N	%
<i>Status</i>	31	72,1	32	74,4	2	66,7
Objetivo/função	5	11,6	4	9,3	-	-
Material/composição	4	9,3	5	11,6	-	-
Origem	2	4,7	2	4,7	-	-
Modo de operação	1	2,3	-	-	1	33,3
TOTAL	43		43		3	

Fonte: autoria própria.

Vê-se que, com exceção da subcategoria *status*, os resultados quantitativos não parecem ser conclusivos, devido a uma diferença reduzida entre as frequências das outras subcategorias. O que se pode concluir até agora é que classificadores tendem a definir mais frequentemente o *status* da entidade denotada pelo núcleo, independentemente da posição que ocupam, por essa ser a subcategoria mais ampla das elencadas aqui. No entanto, não se pode

afirmar que a subcategoria *status* tende a ocorrer mais perto do núcleo em comparação com as outras, uma vez que combinações diversas são possíveis, como se vê na Tabela 9 a seguir.

Tabela 9 – Combinações das subcategorias classificadoras (Iboruna)⁷⁴

Combinação	Frequência	
	N	%
Status + status	17	39,5
Status + objetivo/função	4	9,3
Status + material/composição	5	11,6
Status + origem	2	4,6
Status + status + status	2	4,6
Status + status + modo de operação	1	2,3
Objetivo/função + status	5	11,6
Material/composição + status	4	9,3
Origem + status	2	4,6
Modo de operação + Status	1	2,3
TOTAL	43	

Fonte: autoria própria.

Em vista dessas combinações, não parece haver restrições rígidas para nenhuma das subcategorias (como, por exemplo: a subcategoria X só pode ocorrer na posição imediatamente após o núcleo ou a subcategoria Y só aparece ao lado do núcleo na ausência da subcategoria Z). Além disso, existe, como já dito, uma diferença ínfima de frequência entre as combinações, o que torna difícil propor generalizações com base em dados quantitativos. Como já relatado na seção de metodologia, esse impasse metodológico promoveu a necessidade de recorrer a outro *corpus*, o Corpus do Português (Davies, 2016), para encontrar mais dados exemplificativos dos classificadores, o que permitiria observar mais adequadamente o comportamento das subcategorias. A seguir, apresentamos os resultados obtidos por meio da coleta complementar realizada no referido *corpus*.

⁷⁴ A tabela não apresenta os dados por ordem de frequência, mas busca, por outro lado, manter próximas as combinações com as mesmas subcategorias, a fim de facilitar a leitura.

Tabela 10 – Combinações das subcategorias classificadoras (Corpus do Português)

Pares	Combinação	N	%
<i>Status</i> e objetivo/função	<i>Status</i> + objetivo/função	198	3,8
	Objetivo/função + <i>status</i>	196	3,8
<i>Status</i> e origem	<i>Status</i> + origem	3.797 ⁷⁵	73
	Origem + <i>status</i>	225	4,3
<i>Status</i> e material/composição	<i>Status</i> + material/composição	7	0,1
	Material/composição + <i>status</i>	7	0,1
<i>Status</i> e modo de operação	<i>Status</i> + modo de operação	353	6,8
	Modo de operação + <i>status</i>	303	5,8
Objetivo/função e origem	Objetivo/função + origem	48	0,9
	Origem + objetivo/função	6	0,1
Objetivo/função e material/composição	Objetivo/função + material/composição	0	-
	Material/composição + objetivo/função	0	-
Objetivo/função e modo de operação	Objetivo/função + modo de operação	8	0,1
	Modo de operação + Objetivo/função	2	0,03
Origem e material/composição	Origem + material/composição	0	-
	Material/composição + origem	2	0,03
Origem e modo de operação	Origem + modo de operação	8	0,1
	Modo de operação + origem	42	0,8
Material/composição e modo de operação	Material/composição + modo de operação	0	-
	Modo de operação + material/composição	0	-
TOTAL		5.202	

Fonte: autoria própria.

⁷⁵ O total de ocorrências do par *status* + origem é 10.721. Seleccionamos aqui apenas as ocorrências “únicas” para redução do número, o que não afeta a análise proposta.

Percebe-se que há a ocorrência da maioria dos pares buscados, com exceção dos pares objetivo/função + material/composição, material/composição + objetivo/função, origem + material/composição, material/composição + modo de operação e modo de operação + material/composição. A ausência de ocorrências desses pares pode ser em virtude do menor número de adjetivos incluídos nas listas de material/composição e modo de operação, além de alguns deles serem restritos a certas áreas do conhecimento, como *sulfúrico* e *carboxílico*, por exemplo, que compõem termos químicos.

Como primeira constatação, pode-se afirmar que os adjetivos que denotam origem tendem a ocorrer após adjetivos das outras subcategorias: i) em combinação com a subcategoria *status*, os de origem ocorrem 73% (3.797/5.202) das vezes na segunda posição (ex. (75)), enquanto na combinação oposta, registram-se 4,3% (225/5.202) de ocorrências (ex. (76)); ii) com a subcategoria objetivo/função, os de origem ocupam a segunda posição em 0,9% (48/5.202) das ocorrências (ex. (77)) e a primeira, em 0,1% (6/5.202) (ex. (78)); iii) em combinação com a subcategoria modo de operação, ocorre 0,9% (48/5.202) das vezes na segunda posição (ex. (79)) e apenas em 0,03% (2/5.202) das vezes, na primeira (ex. (80)); iv) por fim, com a subcategoria material/composição, registram-se 2 ocorrências na segunda posição (ex. (81)) e nenhuma na primeira.

- (75) Sobre a luta pela Reforma Política, Iliescu reafirmou que é urgente uma nova reconfiguração do **sistema político brasileiro**. (Corpus do Português: <http://altamiroborges.blogspot.com/2013/06/a-forca-da-une.html>)
- (76) O trigo da **culinária árabe tradicional** é uma variedade diferente do trigo híbrido que se usa para o processo industrial de obtenção de farinha. (Corpus do Português: <http://lowcarb-paleo.blogspot.com/2012/01/dieta-paleolitica.html>)
- (77) Há críticas a serem feitas ao texto de Grass, e nessas concentro-me em duas: sua visão de **um ataque preventivo israelense** e sua equiparação entre Israel e a teocracia fascista iraniana. (Corpus do Português: <http://esquerdacritica.wordpress.com/2012/04/07/o-que-tem-de-ser-dito-de-gunter-grass-um-prologo/>)
- (78) O LZ-1, de 128 metros de comprimento, sobre o Lago Constança, na Alemanha (Bodensee) em 2/7/1900, em cartão postal e **selo alemão comemorativo** lançado em 1979. (Corpus do Português: <http://moraishvinna.blogspot.com/2008/05/zeppelins-uma-poca-que-desperta.html>)
- (79) **O primeiro táxi elétrico brasileiro** foi concebido por técnicos no Paraná, em 2010, com a adaptação de um Pálio Weekend. (Corpus do Português: <http://www.correiodotaxista.com/2012/11/carro-para-alem-de-um-mero-sonho->

de.html)

- (80) 01 pen drive de 1 Gb (**meu canivete suíço digital**, tem muitos e muitos aplicativos portables para ocasiões de aperto. (Corpus do Português: <http://efetividade.net/2006/11/o-que-tinha-na-minha-mochila.html>)
- (81) A razão por que a soja responde pela maior parcela de **o óleo vegetal brasileiro** tem outras causas, além das indicadas acima. (Corpus do Português: <http://www.biodieselbr.com/noticias/colunistas/convidado/porque-fazemos-biodiesel-de-soja.htm>)

Sendo assim, é possível deduzir a ocorrência das seguintes escalas:

Status < origem

Objetivo/função < origem

Modo de operação < origem

Material/composição < origem

Entre as outras subcategorias, não parece haver diferenças relevantes de frequência que apontem para a existência de outras escalas:⁷⁶ 1) os pares *status* + objetivo/função e objetivo/função + *status* apresentam ambos 3,8% (198 e 196/5.202, respectivamente) das ocorrências; 2) os pares *status* + material/composição e material/composição + *status* apresentam ambos 0,1% (7/5.202) das ocorrências; 3) o par *status* + modo de operação apresenta 6,8% (353/5.202) de ocorrências e é portanto mais frequente que seu oposto, modo de operação + *status*, que registra 5,9% (303/5.202), mas, ainda assim, não aponta para uma tendência; 4) os pares objetivo/função + modo de operação e modo de operação + objetivo/função registram, respectivamente, 0,1% (8/5.202) e 0,03% (2/5.202) das ocorrências.⁷⁷ Desse modo, o que se pode afirmar, na verdade, é que, na presença das outras subcategorias, a de origem tende a se afastar do núcleo, de conformidade com a seguinte escala:

Status/objetivo/função/material/composição/modo de operação < origem

Em busca de refinar ainda mais a escala acima proposta, agrupamos as subcategorias *status* e objetivo/função em apenas uma, e as de material/composição e modo de operação em

⁷⁶ Vale lembrar que os pares não mencionados não registraram nenhuma ocorrência, como mostra a Tabela 10.

⁷⁷ Embora em termos quantitativos 8 seja o quádruplo de 2, a quantidade absoluta de ocorrências (apenas 10) não é o suficiente para revelar uma tendência.

outra. O critério para esse agrupamento consiste na proximidade semântica entre elas: 1) *status* é uma subcategoria abrangente que abarcaria a de objetivo/função; em outras palavras, ao denotar o objetivo ou a função de uma entidade, o classificador não deixa de subcategorizá-la em termos de *status* também. Além disso, é abstrata a classificação em que modificadores de *status* e de objetivo/função enquadram o núcleo, baseada em convenções sociais; 2) material/composição e modo de operação, por outro lado, são subcategorias mais relacionadas com o aspecto físico de uma entidade, já que a inserem numa classe definida em termos de seu material, de sua composição ou de seu modo de operação, sendo, portanto, mais concretas em termos semânticos.

Dito isso, a Tabela 11 apresenta a atualização das ocorrências encontradas para cada combinação, agora com apenas 3 subcategorias.

Tabela 11 – Combinações das subcategorias classificadoras (Corpus do Português)
(junção das subcategorias 1) *status* e objetivo/função e 2) material/composição e modo de operação)

Pares	Combinação	N	%
<i>Status</i> /objetivo/função e origem	<i>Status</i> /objetivo/função + origem	3.845	80
	Origem + <i>status</i> /objetivo/função	231	4,8
<i>Status</i> /objetivo/função e material/composição/ modo de operação	<i>Status</i> /objetivo/função + material/composição/modo de operação	368	7,6
	Material/composição/modo de operação + <i>status</i> /objetivo/função	312	6,5
Origem e material/composição/modo de operação	Origem + material/composição/modo de operação	8	0,2
	Material/composição/modo de operação + origem	44	0,9
TOTAL		4.808	

Fonte: autoria própria.

A constatação de que classificadores de origem tendem a ocorrer na periferia do Np na presença de outras subcategorias permanece válida. A combinação entre as outras duas subcategorias, *status*/objetivo/função e material/composição/modo de operação não apresenta diferença significativa de frequência: dos 680 dados (somando as duas combinações possíveis entre as duas subcategorias), 54,1% (368/680) registram a presença de um modificador de *status*/objetivo/função na primeira posição e de um modificador de material/composição/modo na segunda, e 45,9% (312/680) registram o contrário. Mesmo que a primeira combinação seja mais frequente, ainda é uma diferença pequena de porcentagem

para que seja apontada uma tendência de ordenação nesses casos. Assim, mantém-se a escala apresentada anteriormente (*status*/objetivo/função/material/composição/modo de operação < origem) como a mais consistente na descrição dos modificadores classificadores.

É fato que a ordem não prototípica (origem > *status*/objetivo/função/material/composição/modo de operação), no entanto, apresenta frequência considerável, mas ela não tende a ser desmotivada, já que, como visto anteriormente, fatores especiais, como ênfase pragmática, contraste e complexidade (morfossintática e fonológica), podem desempenhar um papel no processo de ordenação dos modificadores, o que “violaria” a ordem esperada. Quanto a esses fatores, não é possível investigar se eles atuam nas ocorrências do Corpus do Português por causa de dois aspectos: 1) o *corpus* é composto de textos escritos, o que inviabiliza a checagem de motivações pragmáticas, em especial a ênfase, e fonológicas por meio da audição de gravações; 2) a amostra é composta por modificadores adjetivais, sendo inviável a verificação de diferenças de complexidade morfossintática, como, por exemplo, a diferença entre um modificador sintagmático e um oracional. Desse modo, um caminho possível é retornar ao *corpus* Iboruna, que é composto de dados falados, com o intuito de analisar as circunstâncias que favorecem a ordem não prototípica. Vejamos, então, os exemplos que apresentam a ordem não esperada origem + *status*/objetivo/função/material/composição/modo de operação.

(82) no caso esse Tevez... [...] já veio né?... só que pagaram trinta e quatro MILHÕES nele... é muito dinhe(i)ro né?... [Inf.: é] poxa... como... cê num acha... **po mercado brasileiro de futebol** acho que nunca ninguém acho que nenhum time brasileiro PAGÔ(u) esse valor (Iboruna: AC-053; RO: L.367)

(83) café era **o produto brasile(i)ro de projeção**... então Mirassol tinha uma uma projeção grande na região (Iboruna: AC-151; NE: L.076)

Os exemplos (82-83) apresentam motivação morfossintática para a ordem não esperada origem + *status*, já que *brasileiro* dispõe de forma adjetival e *de futebol*, em (82), e *de projeção*, em (83), dispõem de forma sintagmática. Dessa forma, as estruturas são ordenadas da menos para a mais complexa em ambos os casos, o que implica dizer que a ordem prototípica é violada em prol do atendimento ao Princípio de Complexidade Crescente.

A seguir, passemos para uma descrição discursivo-funcional das construções com mais de um classificador.

A presença de dois modificadores classificadores, no NR, pode ser representada como em (84), retomada por conveniência de (75).

(84) *O sistema político brasileiro*NR: (1x_i: (f_i: sistema_N (f_i)) (x_i): (f_j: polític-_A (f_j)) (x_i): (f_k: brasileir-_A (f_k)) (x_i)))

As Propriedades *político* (f_j) e *brasileiro* (f_k) modificam a Propriedade lexical *sistema* (f_i), o que é demonstrado pelos dois pontos expressos antes de cada modificador, e participam de um empilhamento (*stacking*, para Hengeveld e Mackenzie (2008)): “um sistema de tal forma que esse sistema é político de tal forma que esse sistema político é brasileiro”. Para os autores, a distância morfossintática dos modificadores pode indicar o grau de empilhamento, o que significa que “o modificador empilhado mais profundamente é colocado mais longe do núcleo pelas regras morfossintáticas” (p. 242, tradução minha).⁷⁸

No NM, a ordenação de mais de um classificador não é hierárquica, visto que eles têm escopo sobre a mesma camada no NR, a da Propriedade lexical, além de serem ambos de uma mesma categoria, a dos classificadores. O que determinará, então, as etapas de linearização será a subcategoria classificadora que eles designam no NR (conforme a escala *status/objetivo/função/material/composição/modo de operação* < *origem*). Levando isso em consideração, a ocorrência em (84) pode ser linearizada morfossintaticamente como mostrado em (84a).

(84a)	P ^I	P ^M	P ^{F-1}	P ^F
	Def(o)	sistema.sg	político ^{STATUS}	brasileiro ^{ORIG}
	1	5 – 2	4	3

Começando pelo NI, posiciona-se o operador de identificabilidade (“def”) em P^I, por ser o elemento hierarquicamente mais alto. No NR, o operador de singularidade (“sg”) preenche P^M. Na sequência, o classificador *brasileiro*, por denotar origem, a mais ampla das subcategorias classificadoras, deve ativar uma posição primeiro, ocupando P^F. O classificador *político*, que denota status, preenche P^{F-1}. Por fim, o núcleo *sistema* se junta ao operador de singularidade em P^M. Note que as designações das subcategorias classificadoras aparecem sobrescritas: STATUS para *status* e ORIG para origem.

Nos dois casos de ordem não prototípica apresentados anteriormente, quando os classificadores de origem antecedem os das outras subcategorias, a configuração no NR permanece a mesma, conforme se vê em (82a), já que o que muda é a ordenação do Np no NM.

⁷⁸ No original: the most deeply stacked modifier is placed furthest from the head by the morphosyntactic rules.

(82a) *O mercado brasileiro de futebol*

NR: (1_{x_i}: (f_i: mercado_N (f_i)) (x_i): (f_j: -futebol-_N (f_j)) (x_i): (f_k: brasileir-_A (f_k)) (x_i)))

No NM, a linearização de (82) ocorre do modo ilustrado a seguir.

(82b)	P ^I	P ^M	P ^{M+1}	P ^F
	Def (o)	mercado.sg	brasileiro ^{ORIG}	de futebol ^{STATUS}
	1	5 – 2	3	4

Iniciando pelo NI, o operador de identificabilidade (“def”) ocupa P^I. No NR, o operador de singularidade (“sg”) preenche P^M. Na sequência, *brasileiro*, por denotar origem, deve ativar uma posição primeiro, preenchendo P^{M+1}, a única posição disponível nessa etapa de linearização. Em seguida, *de futebol* ocupa P^F, posição esperada para abrigar modificadores pós-nominais sempre que possível. O núcleo *mercado*, por fim, se junta ao operador de singularidade em P^M.

Uma ressalva deve ser feita quanto ao empilhamento de classificadores. Uma vez que nos baseamos na escala [*status*/objetivo/função/material/composição/modo de operação < origem] para determinar qual dos dois classificadores deve ser linearizado primeiro, seria difícil definir a linearização de dois classificadores de *status*, por exemplo, ou um de *status* e outro de material, já que *status* e material fazem parte do mesmo item na escala dos classificadores. Seria necessário refinar a escala com base em outra amostra que permitisse investigar diferentes ocorrências das subcategorias classificadoras e, então, propor a prioridade de ordenação de cada uma delas. Estando limitados nesse sentido, optamos, então, por restringir nossas considerações às feitas nessa seção.

4.3.2 Qualificadores

Examinando agora o comportamento dos qualificadores, observa-se uma tendência de ocorrência de estruturas não muito longas, assim como comprovado no caso dos classificadores: em 88,4% (84/95) das ocorrências, o Np é composto de dois qualificadores; 9,5% (9/95) apresentam três qualificadores; e apenas 2,1% (2/95) exibem quatro qualificadores. A subcategoria mais frequente é a de qualidade (subjetiva), ocorrendo mais vezes em todas as posições pós-nucleares, conforme se vê na Tabela 12.

Tabela 12 – Frequência das subcategorias dos qualificadores (Iboruna)

Estatuto do modificador	Primeira posição		Segunda posição		Terceira posição		Quarta posição	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Qualidade (subjativa)	60	63,2	60	63,2	9	81,8	2	100
Propriedade física	19	20	25	26,3	2	18,2	-	-
Cor	9	9,5	9	9,5	-	-	-	-
Idade	7	7,4	1	1,1	-	-	-	-
TOTAL	95		95		11		2	

Fonte: autoria própria.

Conforme visto, os qualificadores, não surpreendentemente, tendem a denotar qualidade subjetiva, noção que parece mais prototípica no interior da categoria. As outras subcategorias apresentam pouca diferença de frequência entre si, e, assim como no caso dos classificadores, várias combinações podem ocorrer, como mostra a Tabela 13.

Tabela 13 – Combinações das subcategorias qualificadoras (Iboruna)⁷⁹

Combinação	Frequência	
	N	%
Qualidade + qualidade	46	48,4
Qualidade + qualidade + qualidade	4	4,2
Qualidade + qualidade + qualidade + qualidade	1	1
Qualidade + propriedade física	5	5,3
Qualidade + propriedade física + qualidade	2	2,1
Qualidade + cor + qualidade	1	1
Cor + qualidade	3	3,1
Cor + qualidade + qualidade + qualidade	1	1
Cor + propriedade física	5	5,3
Idade + cor	3	3,1
Idade + qualidade	2	2,1

⁷⁹ Assim como no caso dos classificadores, a tabela não apresenta os dados por ordem de frequência, mas busca, por outro lado, manter próximas combinações com as mesmas subcategorias, a fim de facilitar a leitura.

Idade + idade	1	1
Idade + propriedade física	1	1
Propriedade física + qualidade	2	2,1
Propriedade física + cor	5	5,3
Propriedade física + propriedade física	10	10,5
Propriedade física + propriedade física + propriedade física	1	1
Propriedade física + propriedade física + qualidade	1	1
Propriedade física + qualidade + propriedade física	1	1
TOTAL	95	

Fonte: autoria própria.

A presença de diferentes combinações aponta para uma ordem menos rígida dos modificadores, de modo que uma mesma subcategoria pode ocorrer tanto imediatamente após o núcleo quanto em posições mais distantes, embora a maioria das configurações ocorra com baixíssima frequência. Assim sendo, não é possível propor restrições a nenhuma das subcategorias baseadas apenas na frequência de ocorrência de cada uma no referido *corpus*. Frente a esse impasse metodológico, houve a necessidade de se recorrer ao Corpus do Português, como também ocorreu no caso dos classificadores. Mas, antes, é interessante tecer alguns comentários sobre a combinação qualidade (subjativa) + qualidade (subjativa), em vista de sua maior frequência na amostra analisada e de algumas particularidades observadas nessa combinação.

A decisão de atribuir mais de uma qualidade (subjativa) a uma entidade pode revelar diferentes intenções comunicativas: listar qualidades (85), criar uma paráfrase (86), tornar mais específica a qualidade anterior (87) e enfatizar a qualidade anterior numa espécie de gradação (88).

- (85) assim escreveu um verso assim que dizia que eu era uma coisa muito importante pra ele uma pessoa muito importante que transmitia pra ele muita alegria sabe?... **uma menina entende::nte meiga bonita** sabe? (Iboruna: AC-048; NE: L.059)
- (86) o pessoal do sítio antigamente contava bastante história né? e tal... de/ de/ de **coisas:: bizarras estranhas** (Iboruna: AC-035; NR: L.251)
- (87) mas assim é **uma cidade gostosa calma** assim sabe? (Iboruna: AC-048; DE: L.259)

- (88) todo mundo já... tem o seu veículo... seu trabalho... éh: **uma cidade boa MARAvilhosa** (Iboruna: AC-142; DE: L.105)

Em (85), as qualidades *inteligente*, *meiga* e *bonita* cooperam para a construção do referente *menina* e aparecem como uma listagem (a menina é *inteligente e meiga e bonita*). Já em (86), o segundo modificador de qualidade apenas parafraseia o primeiro (*coisas bizarras* = *coisas estranhas*).⁸⁰ Em (87), o acréscimo de *calma* torna mais específica a referência do que seria uma *cidade gostosa* na concepção do falante. Uma prova disso é a possibilidade da construção *uma cidade gostosa agitada*, em que, dessa vez, uma cidade *gostosa* para o falante seria uma cidade *agitada*. Sendo assim, há um *continuum* que vai da qualidade menos específica para a mais específica (*cidade gostosa* [-] *calma* [+]). O primeiro membro desse tipo de combinação tende a ser o mais subjetivo dos qualificadores, pois denotam avaliações ligadas ao usuário da língua, como *bom*, *legal*, *bacana*, *gostoso*, *maravilhoso*, e apresentam alta grau de vagueza, já que é difícil encontrar uma definição exata para esse tipo de qualidade. Por isso, acrescentar um segundo membro qualificador parece uma decisão comunicativa vinculada à necessidade de tornar mais precisa a descrição do referente. No caso de (88), há uma relação de gradação entre os membros da combinação: o segundo parece enfatizar o primeiro. O falante não só considera a cidade *boa*, mas enfatiza que a julga *maravilhosa*, fazendo isso por meio de uma gradação. Note que, diferentemente de (87), *maravilhosa* não torna a referência de *cidade boa* mais específica, de modo que ainda não é possível definir o que o falante considera como uma boa cidade para viver. A Tabela 14 a seguir sistematiza as observações tecidas aqui juntamente à frequência de ocorrência de cada tipo de combinação qualidade + qualidade.

Tabela 14 – Classificação da combinação qualidade + qualidade

Tipo de combinação	Tipo de relação	Frequência	
		N	%
Lista	A (e) B (e) n...	21	40,4
Paráfrase	A = B	20	38,5
<i>Continuum</i> de especificidade	A [- específico] B [+específico]	7	13,5
Gradação (ênfase)	A B [enfático]	4	7,7
TOTAL		52	

Fonte: autoria própria.

⁸⁰ O uso do sinal de igual é meramente representativo da relação de paráfrase entre os modificadores, o que não significa que sinônimos são “iguais” em sentido.

A alta frequência de combinações com mais de um modificador de qualidade subjetiva talvez se explique pelo fato de elas participarem de diferentes relações de sentido, o que não acontece com classificadores e localizadores.

Passemos agora à escala de modificadores qualificadores. Como dito anteriormente, houve a necessidade de recorrer a outro *corpus*, o Corpus do Português, frente aos resultados não muito satisfatórios com relação às outras subcategorias, com o intuito de coletar mais dados exemplificativos dos qualificadores, o que nos permitiria verificar o comportamento de suas subcategorias. Vale lembrar que realizamos os mesmos procedimentos metodológicos referentes aos classificadores, procedimentos esses já descritos na seção de metodologia. A seguir, apresentamos os resultados obtidos por meio da coleta complementar no referido *corpus*.

Tabela 15 – Combinações das subcategorias qualificadoras (Corpus do Português)

Pares	Combinação	N	%
Cor e propriedade física	Cor + propriedade física	447	29,6
	Propriedade física + cor	238	15,8
Cor e qualidade	Cor + qualidade	395	26,2
	Qualidade + cor	62	4,1
Cor e idade	Cor + idade	29	1,9
	Idade+ cor	6	0,4
Idade e propriedade física	Idade + propriedade física	11	0,7
	Propriedade física + idade	11	0,7
Idade e qualidade	Idade + qualidade	48	3,2
	Qualidade + idade	8	0,5
Propriedade física e qualidade	Propriedade física + qualidade	223	14,8
	Qualidade + propriedade física	31	2
TOTAL		1.509	

Fonte: autoria própria.

Percebe-se que há ocorrência de todos os padrões buscados, o que pode indicar, mais uma vez, que a ordem de modificadores no Np no português brasileiro não é regida por restri-

ções rígidas, de forma que, a depender do contexto e do efeito de sentido pretendido, diferentes combinações são possíveis. Por outro lado, com base na frequência de ocorrência, pode-se observar algumas tendências de ordenação.

Em primeiro lugar, a subcategoria cor tem preferência por ocorrer antes das outras três: i) na presença de um modificador de cor e de um de propriedade física, o de cor ocorre antes em 29,6% (447/1.509) das ocorrências (ex. (89)), enquanto o contrário registra 15,8% (238/1.509) das ocorrências (ex. (90)); ii) na presença de um modificador de cor e de um de idade, o de cor aparece primeiro em 1,9% (29/1.509) das ocorrências (ex. (91)), enquanto aparece após o de idade em 0,4% (6/1.509) dos dados (ex. (92)); iii) na presença de um modificador de cor e de um de qualidade, o de cor precede o outro em 26,2% (395/1.509) das ocorrências (ex. (93)), enquanto o contrário acontece em 4,1% (62/1.509) das ocorrências (ex. (94)).

- (89) Lola desencostou do sofá. **O vestido preto curto** subiu e deixou mostrar as coxas gordas. (Corpus do Português: http://www.bestiario.com.br/20_arquivos/a_lista.html)
- (90) No post anterior esqueci de mencionar que vi o por-do-sol mais avassalador da vida, **uma bola gigante laranja** se pondo atrás do skyline de Bombaim, visto do oceano indico. (Corpus do Português: http://afischer.blog.uol.com.br/arch2006-02-01_2006-02-28.html)
- (91) Resgatei **um puff verde velho**, comprei caixinhas de vime pra dar uma organizadas em as prateleiras do quarto. (Corpus do Português: <http://www.casadecolorir.com.br/2011/03/zona-de-conforto.html>)
- (92) A maioria de vocês não manifesta um sinal puro. Por exemplo, quando vocês dizem “eu quero **um carro novo vermelho**”, o Universo responde a vibração desse desejo. (Corpus do Português: <http://www.luzdegaia.org/abraham/esther/puros.htm>)
- (93) **Um vestido preto simples** (de preferência com um comprimento pelo joelho) é adequado a qualquer ocasião, nunca se erra! (Corpus do Português: <http://anossavida.pt/artigos/10-pecas-roupa-que-qualquer-mulher-elegante-deve-ter>)
- (94) Duas Beyoncé's aparecem. Uma com um vestido branco e outra com **um vestido louco dourado**. (Corpus do Português: <http://www.beyoncenow.net/2009/03/hoje-comeca-a-i-am-world-tour/>)

Desse modo, a posição preferida dos modificadores de cor parece ser imediatamente após o núcleo e antes das outras subcategorias, havendo a possibilidade de se propor as seguintes escalas:

Cor < idade

Cor < propriedade física

Cor < qualidade

Em segundo lugar, os modificadores da subcategoria qualidade tendem a ocorrer após as outras três: i) na presença de um modificador de cor e de um de qualidade, o primeiro precede o segundo em 26,1% (395/1.509) das ocorrências (veja ex. (93)), enquanto o contrário acontece em 4,1% (62/1.509) das ocorrências (veja ex. (94)); ii) na presença de um modificador de idade e de um de qualidade, o de idade vem primeiro em 3,2% (48/1.509) das ocorrências (ex. (95)), enquanto aparece após o de qualidade em 0,5% (8/1.509) dos dados (ex. (96)); iii) na presença de um modificador de propriedade física e um de qualidade, o primeiro precede o segundo em 14,8% (223/1.509) das ocorrências (ex. (97)), enquanto o contrário registra 2% (31/1.509) das ocorrências (ex. (98)).

- (95) Mesmo assim tem **muito jogo novo bom**, tipo Left 4 Dead 2, Resident Evil, Metal Gear Solid, Assassin's Creed e tal. (Corpus do Português: <http://forum.xboxblast.com.br/t66p720-o-que-voce-esta-jogando>)
- (96) Minha mãe tem **um guarda-fato lindo antigo**, e confesso que estou louca para pintas-lo e colocar no meu quartinho. (Corpus do Português: <http://coisasdaminhacasa.blogspot.com/2012/02/moveis-antigos-na-decoracao-moderna.html>)
- (97) Se não tiveres um verniz finalizante para abrillhantar e proteger as unhas dos futuros estragos, também podes aplicar **o verniz transparente normal**. (Corpus do Português: <http://essenciarosa.pt/21961.html>)
- (98) E foi sempre nos desposicionamentos do argentino que o Benfica foi somando ataques com **um potencial perigoso enorme**. (Corpus do Português: <http://lateral-esquerdo.blogspot.com/2012/12/o-inexistente-defensivamente-meio-campo.html>)

Sendo assim, a posição preferida dos modificadores de qualidade parece ser a mais distante do núcleo, sendo possível propor as seguintes escalas:

Qualidade > cor

Qualidade > idade

Qualidade > propriedade física

Quanto às subcategorias de idade e de propriedade física, os dados não permitem afirmar que há uma tendência de ordenação, em virtude do igual número de ocorrências entre os pares idade + propriedade física (11 dados) e propriedade física + idade (11 dados). Em razão da dificuldade de incluir essas duas subcategorias na escala dos qualificadores, verificamos como se daria o agrupamento delas em uma única subcategoria a fim de constatar se, agora unidas, poderiam ocupar a segunda posição na referida escala. A Tabela 16 apresenta novamente a frequência de ocorrência das combinações, mas agora com as subcategorias idade e propriedade física unidas.

Tabela 16 – Combinações das subcategorias qualificadoras (Corpus do Português)
(junção das subcategorias idade e propriedade física)

Pares	Combinação	N	%
Cor e idade/propriedade física	Cor + idade/propriedade física	476	32
	Idade/Propriedade física + cor	244	16,4
Cor e qualidade	Cor + qualidade	395	26,6
	Qualidade + cor	62	4,2
Idade/Propriedade física e qualidade	Idade/Propriedade física + qualidade	271	18,2
	Qualidade + idade/propriedade física	39	2,6
TOTAL		1.487	

Fonte: autoria própria.

Pode-se perceber como as deduções sobre as subcategorias de cor e de qualidade permanecem as mesmas: os modificadores de cor tendem a ser adjacentes ao núcleo e os de qualidade, mais distantes. Segue abaixo a atualização das escalas anteriormente apresentadas.

Cor < idade/propriedade física

Cor < qualidade

Qualidade > cor

Qualidade > idade/propriedade física

Ainda que não haja na amostra ocorrências exemplificativas da combinação cor + idade/propriedade física + qualidade, é possível propor, pelo princípio de transitividade (cf. Cinque (1999)),⁸¹ a seguinte escala:

$$\text{Cor} < \text{idade/propriedade física} < \text{qualidade}$$

Essa preferência de ordenação comprova a hipótese de que modificadores que denotam propriedades mais objetivas são posicionados mais próximos do núcleo, enquanto os que denotam propriedades mais subjetivas ocupam posições mais distantes, uma vez que a cor, a idade e/ou uma propriedade física de uma entidade podem ser consideradas como mais inerentes a ela do que qualidades mais subjetivas atribuídas conforme a avaliação do usuário da língua.

Se considerarmos que cor, idade e propriedade física contribuem para a construção de uma descrição objetiva de uma entidade e qualidades subjetivas, de uma descrição subjetiva, é viável ainda propor uma nova escala, agora com somente duas posições:

Descrição objetiva (cor/idade/propriedade física) < Descrição subjetiva (qualidade)

A Tabela 17 mostra os dados atualizados com a nova divisão de subcategorias.

Tabela 17 – Combinações das subcategorias qualificadoras (Corpus do Português)
(descrição objetiva e subjetiva)

Pares	Combinação	N	
Descrição objetiva (cor/idade/propriedade física) e descrição subjetiva (qualidade)	Descrição objetiva + descrição subjetiva	666	86,8
	Descrição subjetiva + descrição objetiva	101	13,2
TOTAL		767	

Fonte: autoria própria.

É mais significativa a incidência de ocorrência do primeiro par (descrição objetiva + descrição subjetiva), reforçando a dedução de que a tendência de ordenação dos modificadores aponta para um *continuum* que vai do polo objetivo ao polo subjetivo. A ordem não prototípica, por sua vez, apresenta frequência considerável, mas ela não tende a ser desmotivada, já que, como visto anteriormente, fatores especiais, como ênfase pragmática, contraste e complexidade (morfofossintática e fonológica), podem desempenhar um papel

⁸¹ Cinque (1999) faz uso do princípio de transitividade para analisar a ordem relativa de sintagmas adverbiais, de modo que, mesmo na ausência de ocorrências de um determinado padrão, consegue propor hierarquias (como a ilustrada no caso dos qualificadores) com base na lógica: se $A > B$ e $A > C$, então $A > B > C$.

relevante no processo de ordenação dos modificadores, o que “violaria” a ordem esperada. Quanto a esses fatores, do mesmo modo como vimos na descrição dos classificadores, não é possível investigar se eles atuam nas ocorrências do Corpus do Português, uma vez que o *corpus* é composto de textos escritos, o que inviabiliza a checagem de motivações pragmáticas, em especial a ênfase, e fonológicas por meio da audição de gravações. Além disso, a amostra é composta por modificadores adjetivais, sendo inviável a verificação de diferenças de complexidade morfossintática entre modificadores sintagmáticos e oracionais, por exemplo. Desse modo, novamente, retornamos ao *corpus* Iboruna, que é composto de dados falados, com o intuito de analisar as circunstâncias que favorecem a ordem não prototípica. Para tanto, selecionamos somente os exemplos que apresentam a configuração não preferida descrição subjetiva (qualidade) + descrição objetiva (cor/idade/propriedade física).

Dos 5 dados que se enquadram nesse padrão, 3 apresentam diferenças de complexidade, seja morfossintática (99-100), seja fonológica (101).

- (99) essa clínica tem um quintal muito grande no fundo... tem::... pé de jabuticaba né?...
é::... **um lugar gostoso com bastante espaço** (Iboruna: AC-133; DE: L.272)

- (100) aí cê capricha tá?... você faz **aquela meleca gostosa bem forte mesmo** (Iboruna:
AC-106; RP: L.686)

- (101) tem **uma represa linda** lá **enorme** (Iboruna: AC-118; DE: L.385)

Em (99-100), o qualificador que denota propriedade física, isto é, que descreve objetivamente a entidade referida pelo núcleo do Np, é morfossintaticamente mais pesado do que o qualificador subjetivo, o que o pressiona a ocupar uma posição mais distante, atendendo, assim, ao Princípio de Complexidade Crescente. Já em (101), a diferença de complexidade é fonológica, em que *enorme* dispõe de mais material fonológico que *linda*: trata-se de um trissílabo e um dissílabo respectivamente. O Princípio de Complexidade Crescente é atendido, então, no NF.

Uma observação deve ser feita quanto a definição de “descrição objetiva”. É possível que dois falantes discordem a respeito de uma propriedade física de certo referente, de modo que, em (99), por exemplo, um segundo falante pode julgar que o lugar não dispõe de tanto espaço assim como julga o primeiro. Sendo relativo ao julgamento do sujeito, poder-se-ia dizer que essa é também uma descrição subjetiva da entidade. No entanto, o que interessa aqui é, como já dito, o *continuum* que vai do polo objetivo ao subjetivo. Desse modo, ainda que a

expressão *com bastante espaço* esteja sujeita ao crivo subjetivo do falante, ela é semanticamente mais objetiva se comparada com a expressão *gostoso*, que, por sua vez, dispõe de alto grau de vagueza.

Os outros dois exemplos que não atendem à ordem esperada configuram-se como contraexemplos, já que não apresentam nenhuma motivação especial aparente, como se vê em (102-103).

(102) aí saímos de lá fomo(s) pra casa da Cora Coralina... que é **uma casa assim muito simples alta** (Iboruna: AC-118; DE: L.294)

(103) as maquetes tudo essas coisas do coiso foi tudo lá emba(i)xo do ônibus... era **um ônibus bem legal grandão** (Iboruna: AC-037; NR: L.143)

Em ambas as ocorrências, qualificadores avaliativos (*muito simples*, em (102), e *bem legal*, em (103)) antecedem qualificadores de propriedade física (*alta*, em (102), e *grandão*, em (103)), violando a ordem descrição objetiva + descrição subjetiva concebida anteriormente como prototípica. Quanto a motivações para essa ordenação não esperada, não se verifica destaque pragmático, como ênfase e contraste, e nem atendimento ao Princípio de Complexidade Crescente, isto é, as estruturas são codificadas da mais complexa (sintagmas) para a menos (adjetivos simples).

No caso de (103), seria possível especular que há, assim como na combinação qualidade + qualidade vista no início dessa seção, uma intenção de tornar mais específico o que foi dito anteriormente. Desse modo, após qualificar o referente de *ônibus* como *bem legal*, o falante acrescenta *grandão* como forma de esclarecer o que ele entende por *bem legal* na entidade referida, isto é, o fato de ele ser grande. Essa especulação, no entanto, não se aplica a (102), já que *alta* não parece ter relação com a avaliação de que a casa é *muito simples*. Pelo contrário: no imaginário social, uma casa considerada simples seria pequena e, provavelmente, baixa.

Sendo assim, na ausência de explicações plausíveis para a ordem não esperada nesses casos, é razoável concluir que se trata de contraexemplos à ordem prototípica, o que indica ser possível violá-la sem razões específicas. Tais contraexemplos servem, por outro lado, para reforçar a afirmação de que, ainda que regida por princípios específicos, não é rígida a ordem de modificadores do Np no português brasileiro, estando, por isso, sujeita a violações, além de se tratar aqui de *preferências* de ordenação, em vez de regras fixas.

A seguir, passemos para uma descrição discursivo-funcional das construções com mais de um qualificador.

A presença de dois modificadores qualificadores, no NR, pode ser representada como em (104). Retomamos, por conveniência, o exemplo em (93).

(104) *Um vestido preto simples*

NR: (1x_i: [(f_i: vestido_N (f_i) (x_i): [(f^{Obj}_j: pret-_A (f^{Obj}_j)) (x_i): [(f^{Eval}_k: simples_A (f^{Eval}_k)) (x_i)])])

As Propriedades *preto* (f^{Obj}_j) e *simples* (f^{Eval}_k) são modificadores do Indivíduo *vestido* (x_i), o que é demonstrado pelos dois pontos expressos antes de cada modificador, e participam, assim como os classificadores, de um empilhamento: “um vestido tal que esse vestido é preto e tal que esse vestido preto é simples”. É possível visualizar na representação formal as designações sobrescritas *obj* para *objective* “objetivo” e *eval* para *evaluative* “subjetivo” nas propriedades (f_j) e (f_k) respectivamente. Veremos mais adiante que essa marcação também será feita no posicionamento morfossintático e segue a representação de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 389).

A representação apresentada em (104) abrange todos os casos em que há mais de um qualificador, exceto as ocorrências em que há uma paráfrase (105). O exemplo foi apresentado em (83) e é retomado aqui por conveniência, agora junto à sua representação no NR. Note que, entre as propriedades (f_j) e (f_k), há vírgula em vez de dois pontos, o que sinaliza não haver empilhamento nesses casos.

(105) o pessoal do sítio antigamente contava bastante história né? e tal... de/ de/ de coisas:: bizarras estranhas (Iboruna: AC-035; NR: L.251)

a. NR: (mx_i: [(f_i: coisa_N (f_i) (x_i): [(f^{Eval}_j: bizarr-_A (f^{Eval}_j)), (f^{Eval}_k: estranh-_A (f^{Eval}_k)) (x_i)])])

No NM, a ordenação de mais de um qualificador não é hierárquica, visto que eles têm escopo sobre a mesma camada no NR, geralmente a do Indivíduo. A ocorrência em (104) é tomada aqui como exemplo a fim de ilustrar a linearização das estruturas morfossintáticas.

(104a)	P ^I	P ^M	P ^{F-1}	P ^F
	Indef (um)	vestido.sg	preto ^{OBJ}	simples ^{EVAL}
	1	5 – 2	4	3

Começando pelo NI, posiciona-se o operador de identificabilidade (“indef”) em P^I, por ser o elemento hierarquicamente mais alto. No NR, o operador de singularidade (“sg”)

preenche P^M . Na sequência, *simples*, por denotar qualidade subjetiva, subcategoria qualificadora mais ampla, deve ocupar uma posição primeiro, ativando P^F . Em seguida, *preto* preenche P^{F-1} . Por fim, o núcleo *vestido* se junta ao operador de singularidade em P^M .

Uma ressalva a ser feita é que (104) é um exemplo da ordem prototípica (descrição objetiva + descrição subjetiva). Vejamos como as regras de posicionamento se aplicam em ocorrências de ordem não prototípica, como em (106), exemplo retomado, por conveniência, de (99).

(106) *Um lugar gostoso com bastante espaço*

a. NR: (11i: [(f_i: lugar_N (f_i) (x_i): [(f^{Obj}_j: -com bastante espaço- (f^{Obj}_j)) (x_i): [(f^{Eval}_k: gostoso_A (f^{Eval}_k)) (l_i)]])

b. P^I	P^M	P^{M+1}	P^F
Indef (um)	lugar.sg	gostoso ^{EVAL}	com bastante espaço ^{OBJ}
1	5 – 2	3	4

Como se vê em (106a), a configuração semântica é a mesma das ocorrências de ordem prototípica, com ambos os modificadores atuando na mesma camada, dessa vez, a de Locação (I). Quanto à linearização morfossintática, exposta em (106b), o modificador *gostoso* tem prioridade na linearização, já que denota descrição subjetiva, e, logo, ocupa P^{M+1} enquanto *com bastante espaço* ativa P^F , por ser essa a posição esperada para abrigar modificadores pós-nominais sempre que linearmente possível.

Outra diferença de ordenação pode ser vista no caso dos qualificadores de paráfrase descritos anteriormente, uma vez que não participam de um empilhamento. A representação em (105b) ilustra essa dedução.

(105b) P^M	P^{M+1}	P^{M+2}
Coisas.pl	bizarrras ^{EVAL}	estranhas ^{EVAL}
3 – 1	2	2

O exemplo em (105b) exhibe diferenças quanto às etapas de posicionamento das estruturas. Na ausência de elementos interpessoais, inicia-se a linearização pelo NR. P^M é ativada, então, pelo operador de pluralidade (“pl”), e os modificadores de Indivíduo *bizarrras* e *estranhas* ocupam P^{M+1} e P^{M+2} respectivamente. Por último, o núcleo *coisas* ocupa P^M junto

com o operador de pluralidade. Observe, em primeiro lugar, que os modificadores ocupam posições numa mesma etapa de linearização, dado não haver empilhamento nesse caso; em segundo lugar, o núcleo, mesmo que esteja no extremo esquerdo do Np, ocupa a posição medial absoluta, a esperada para abrigá-lo sempre que linearmente possível; em terceiro, não é possível ativar P^F e uma relativa (no caso, P^{F-1}), já que uma posição relativa só fica disponível após a ativação de uma absoluta. Por esse motivo, os modificadores ocupam posições mediais relativas.

4.3.3 Localizadores

Passemos então à descrição da categoria dos localizadores. Assim como no caso dos classificadores e dos qualificadores, tendem a ocorrer estruturas não muito longas: em 97,4% (74/76) das ocorrências, o Np é composto de dois localizadores e, em apenas 2,6% (2/76), de três. A Tabela 18 mostra a frequência de ocorrência de cada uma das subcategorias nas posições pós-nucleares do Np.

Tabela 18 – Frequência das subcategorias localizadoras (Iboruna)

Estatuto do modificador	Primeira posição		Segunda posição		Terceira posição	
	N	%	N	%	N	%
Posse	45	59,2	5	6,6	-	-
Localização espacial	17	22,4	14	18,4	1	50
Ancoragem geral	13	17,1	49	64,5	-	-
Localização temporal	1	1,3	8	10,5	1	50
TOTAL	76		76		2	

Fonte: autoria própria.

Como se pode observar, os localizadores que ocupam a primeira posição pós-nuclear tendem a denotar posse, enquanto modificadores de ancoragem geral tendem a preencher a segunda posição. São raros os casos em que a terceira posição é ocupada, o que não nos permite falar em tendências.

Acerca das combinações dos modificadores, a mais frequente é a de posse + ancoragem geral, conforme ilustra a Tabela 19.

Tabela 19 – Combinações das subcategorias localizadoras (Iboruna)⁸²

Combinação	Frequência	
	N	%
Posse + ancoragem geral	26	34,2
Posse + localização espacial	11	14,5
Posse + localização temporal	6	7,9
Posse + posse	2	2,6
Localização espacial + ancoragem geral	14	18,4
Localização espacial + localização espacial	2	2,6
Localização espacial + localização temporal	1	1,3
Localização temporal + localização espacial + localização espacial	1	1,3
Ancoragem geral + ancoragem geral	9	11,9
Ancoragem geral + posse	3	3,9
Ancoragem geral + localização temporal + localização temporal	1	1,3
TOTAL	76	

Fonte: autoria própria.

Diante dos resultados, não é possível postular restrições rígidas de ordenação, porque não parecem haver posições fixas para cada uma das subcategorias. Por outro lado, a considerar o fato de que a primeira posição é mais frequentemente preenchida pela subcategoria posse, é possível propor a seguinte escala:

Posse < localização espacial

Posse < localização temporal

Posse < ancoragem geral

A subcategoria de ancoragem geral, por sua vez, tem preferência por ocupar a segunda posição, como dito anteriormente, e tende a ser precedida pelos modificadores de posse e de localização espacial, o que nos leva a postular a seguinte escala:

⁸² Como feito na seção dos classificadores e na dos qualificadores, a tabela não apresenta os dados por ordem de frequência, mas busca, por outro lado, manter próximas combinações com as mesmas subcategorias, a fim de facilitar a leitura.

Ancoragem geral > posse
Ancoragem geral > localização espacial

No caso da subcategoria de localização espacial, fica difícil visualizar uma regularidade, por causa da pequena diferença entre a porcentagem de ocorrência na primeira (22,4%) e na segunda posição (18,4%). Por outro lado, é possível afirmar que, na ausência de um localizador de posse, modificadores de localização espacial assumem a primeira posição com mais frequência.

Quanto aos localizadores temporais, a baixa frequência de ocorrência também não viabiliza a observação de padrões mais ou menos regulares, com exceção da constatação de que esses modificadores ocorrem mais frequentemente na segunda posição, mas essa preferência é consequência, majoritariamente, da combinação posse + localização temporal.

Tendo em vista a dificuldade de definir uma posição para as duas subcategorias (localização espacial e localização temporal) nas escalas propostas acima, vejamos se, unidas, podem ocupar uma única posição na escala geral dos localizadores. A Tabela 20 a seguir exhibe as combinações com a junção das referidas subcategorias.

Tabela 20 – Combinações das subcategorias localizadoras (junção das subcategorias localização espacial e localização temporal)

Combinação	Frequência	
	N	%
Posse + ancoragem geral	26	42,6
Posse + localização espacial/temporal	17	27,9
Localização espacial/temporal + ancoragem geral	14	22,9
Ancoragem geral + posse	3	4,9
Ancoragem + localização espacial /temporal/+ Localização espacial/temporal	1	1,6
TOTAL	61 ⁸³	

Fonte: autoria própria.

Como se vê, é possível reafirmar a existência das escalas postuladas anteriormente e propor uma escala geral dos localizadores, em que as subcategorias de localização espacial e localização temporal, agora unidas, ocupam a segunda posição:

⁸³ Note que mantivemos apenas as combinações com subcategorias diferentes, o que explica o número total distinto do apresentado anteriormente.

Posse < localização espacial/temporal < ancoragem geral

Ainda que essa seja uma constatação assentada em bases semânticas, é possível vislumbrar um outro possível fator motivador da preferência na escala: a complexidade morfossintática. Localizadores de posse assumem geralmente a forma de pronomes possessivos pospostos (adjetivais ou preposicionados) (107) e de sintagmas preposicionais (108); localizadores espaciais (109) e temporais (110) frequentemente são codificados como sintagmas preposicionais; os de ancoragem geral, por sua vez, quase sempre assumem a forma de orações relativas (111).

- (107) trabalhava com avião uma coisa assim... eu sei que ele fez patrulhamento no **litoral nosso... do Brasil** (Iboruna: AC147: NR, L095)
- (108) tem::... telefo::ne tem sofá:: **uma cade(i)ra do papai que sempre foi meu sonho de tê(r)** (Iboruna: AC-099; DE: L.270)
- (109) ele me contô(u) essa história que eu tava na casa dele... passan(d)o uns dias na **casa dele em Araraquara** (Iboruna: AC-103; NR: L.151)
- (110) que que você achô(u) do resultado **das/ das eleições aqui de Rio Preto desse ano?** (Iboruna: AC-049; RO: L.207)
- (111) mais aba(i)xo tem o::... **a seringue(i)ra dele... que está... sendo formada ainda...** (Iboruna: AC-041; DE: L.140)

A escala geral dos localizadores atende, então, na maioria dos casos, ao Princípio de Complexidade Crescente, o que nos leva a considerar o seguinte alinhamento entre os níveis semântico e morfossintático, mas com a ressalva de que se trata apenas de uma tendência, não representando, portanto, todas as ocorrências e nem um padrão fixo de ordenação:

Posse (Adj/Pp) < localização espacial/temporal (Pp) < ancoragem geral (Cl)

Quanto à ordem não prototípica, há 2 ocorrências exemplificativas. A primeira apresenta a combinação ancoragem geral + posse (112), e a segunda, a combinação ancoragem geral + localização temporal (113).

- (112) queria que cê me conta::sse... agora assim **uma histó::ria que foi marcante de uma o(u)tra pesso::a** (Iboruna: AC-034; NR: L.040)
- (113) gostaria que o senhor contasse/ contasse pra mim **alguma história que aconteceu c'o senhor:: da sua infân::cia da sua adolescên::cia**... (Iboruna: AC-149; NE: L.004)

As ocorrências apresentam padrões similares, em que orações relativas de ancoragem geral precedem sintagmas preposicionais de posse e de localização temporal. Esses padrões são também semelhantes aos de ordem pragmaticamente motivada, em especial às ocorrências marcadas pela função pragmática Contraste; por essa razão, julgamos haver a emergência, nesses casos, da ordem não esperada: por ser pragmaticamente saliente, isto é, por exercer Contraste, o segundo modificador é posicionado mais ao fim do Np, assim como vimos nos exemplos da referida seção.

Nas duas ocorrências acima, o documentador solicita ao entrevistado que relate uma história, destacando, por meio do Contraste, que esse relato deve conter determinados elementos: ser de outra pessoa (e não de si próprio), em (112), e ser referente a sua juventude (e não referente ao tempo atual) em (113). Uma vez mais, o Princípio de Saliência Pragmática exerce um papel relevante ao influenciar a ordenação das estruturas morfossintáticas e ao ser responsável pela emergência da ordem não prototípica.

Passemos à análise discursivo-funcional da categoria dos localizadores. A presença de dois modificadores localizadores, no NR, pode ser representada de diferentes maneiras, a depender da subcategoria a que pertence cada um dos localizadores.

Localizadores de posse são considerados modificadores que podem ter seu escopo, predominantemente, sobre a camada do Indivíduo, em se tratando de posses propriamente ditas, e exercem função semântica Associativa (indicada por *Ass* na representação a seguir). No entanto, assumindo sentidos mais abstratos, podem escopar outras camadas (cf. Quadro 4 a seguir).

- (114) *A cama do meu irmão* (Iboruna: AC-050; DE: L.213)

$$a. (1x_i: [(f_i: cama_N (f_i)) (x_i)]: [(f_j: (1x_j: [(f_k: [(f_i: irmão_N (f_i) (x_k)_{Ref}] (f_k)) (x_j)]]_{Ass} (f_j)) (x_i)])$$

Localizadores espaciais podem ter escopo sobre diferentes camadas, mas principalmente sobre Indivíduos e Estados de Coisas, e são chamados por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 242) de *modificadores locativos*. Além disso, também exercem função

semântica de Referência (Ref) e são da categoria semântica Locação, o que é indicado pela variável (l) na representação em (115a).

(115) *O som [...] dentro do carro* (Iboruna: AC-152; DE: L.338)

- a. $(1x_i: [(f_i: som_N(f_i))(x_i)]: [(f_j: [(f_k: dentro_{Adp}(f_k))(1l_j: (f_l: carro_N(f_l))(l_j))_{Ref}](f_j))(x_i)])$

Localizadores temporais, por seu turno, pertencem, por definição, à categoria Tempo, indicada pela variável (t) em (116a), mantendo escopo predominantemente sobre a camada do Episódio, quando denotam tempo absoluto, como *ano passado*, e sobre a do Estado de Coisas, quando denotam tempo relativo, como *antes da reunião*. Podem, contudo, também escopar outras camadas (cf. Quadro 4). A ocorrência em (116) exemplifica um localizador temporal atuando na camada do Estado de Coisas.

(116) *As eleições [...] desse ano* (Iboruna: AC-049; RO: L.207)

- a. $(e_i: (f_i: eleição(f_i))(e_i): [(prox\ 1\ t_i: [(f_i: ano_N(f_i))(t_i))](e_i))$

Por fim, localizadores de ancoragem geral podem atuar em qualquer camada do NR, o que aponta para sua maior aplicabilidade no referido nível. Apresentamos a seguir a representação de um localizador de ancoragem geral com escopo sobre a camada do Estado de Coisas.

(117) *Os fatos [...] que aconteceu comigo* (Iboruna: AC-105; NE: L.150)

- a. $(e_i: (f_i: fato(f_i)(e_i)): [(past\ ep_i: (e_i: [(f_j: [(f_k: acontecer_v(f_k))(x_i: comigo(x_i))_U](f_j))(e_i))(ep_i)])]$

O Quadro 4 sumariza as diferentes camadas que modificadores localizadores podem escopar no NR e as funções por eles exercidas.⁸⁴

⁸⁴ Alguns exemplos são criados a fim de comprovar a possibilidade de ocorrência em certas camadas.

Quadro 4 – Configurações de modificadores localizadores no NR

Subcategoria localizadora	Camadas que podem estar em seu escopo	Função exercida
Posse	Indivíduo (x) <i>A cama do meu irmão</i>	Associativa
	Locação (l) <i>O rancho do meu genro</i>	
	Tempo (t) <i>O dia dos noivos</i>	
	Quantidade (q) <i>A quantia de Maria</i>	
	Estado de Coisas (e) <i>A feira de Maria</i>	
	Conteúdo Proposicional (p) <i>A ideia de João</i>	
Localização temporal	Indivíduo (x) <i>As roupas de hoje</i>	-
	Locação (l) <i>As casas de hoje</i>	
	Estado de Coisas (e) <i>Eleições desse ano</i>	
	Episódio (ep) <i>O incidente de ontem</i>	
	Conteúdo Proposicional (p) <i>As ideias de hoje</i>	
Localização espacial	Indivíduo (x) <i>O som dentro do carro</i>	Referência
	Locação (l) <i>Uma cidade próxima daqui</i>	
	Quantidade (q) <i>Um litro de água na garrafa</i>	
	Estado de Coisas (e) <i>Uma feira na Federal</i>	
	Episódio (ep) <i>Um incidente na estrada</i>	
	Conteúdo proposicional (p) <i>Uma ideia na cabeça</i>	
Ancoragem geral	Indivíduo (x) <i>O livro que comprei</i>	-
	Locação (l) <i>Uma cidade que amo</i>	
	Tempo (t) <i>A semana que passei com ele</i>	
	Quantidade (q) <i>O litro de álcool que bebi</i>	

Modo (m)
<i>O modo com que fugi</i>
Razão (r)
<i>A razão que ele me deu</i>
Estado de Coisas (e)
<i>O fato que aconteceu comigo</i>
Episódio (ep)
<i>O incidente que vi</i>
Conteúdo proposicional (p)
<i>A ideia que critiquei</i>

Fonte: autoria própria.

Passando, agora, a tratar da linearização dos localizadores no NM, abordamos aqui três combinações da ordem prototípica: posse + localização espacial/temporal (118), posse + ancoragem geral (119) e localização espacial/temporal + ancoragem geral (120).

(118) *A casa da minha avó em São Paulo* (Iboruna: AC-022; DE: L.278)

P ^I	P ^M	P ^{F-1}	P ^F
Def (a)	casa.sg	da minha avó ^{POSS}	em São Paulo ^{ESP}
1	5 – 2	4	3

(119) *Uma cadeira do papai que sempre foi meu sonho de ter* (Iboruna: AC-099; DE: L.270)

P ^I	P ^M	P ^{F-1}	P ^F
Indef (uma)	cadeira.sg	do papai ^{POSS}	que sempre foi meu sonho de ter ^{ANC}
1	5 – 2	4	3

(120) *Uma festa na Federal onde todo pessoal de São Carlos [...] se juntam* (Iboruna: AC081; NE: L.011)

P ^I	P ^M	P ^{F-1}	P ^F
Indef (uma)	festa.sg	na Federal ^{ESP}	onde todo pessoal de São Carlos se juntam ^{ANC}
1	5 – 2	4	3

É possível visualizar uma regularidade em todos os exemplos, já que as etapas de posicionamento são as mesmas: iniciando pelo NI, os operadores de identificabilidade (“def” e “indef”) ocupam P^I; depois, no NR, os operadores de singularidade ocupam P^M; na presença de mais de um localizador, os dois atuam na mesma camada (em (118), camada de Locação;

em (119), camada do Indivíduo; em (120), camada do Estado de Coisas), o que significa que não há relação de hierarquia entre eles. O que determina, então, as etapas de linearização é a subcategoria localizadora que eles designam. Assim, conforme a escala [posse < localização espacial/temporal < ancoragem geral], os localizadores de ancoragem geral têm prioridade na linearização por serem os mais amplos e devem ocupar uma posição primeiro, seguidos dos de localização espacial/temporal e, por fim, dos de posse. Nos exemplos (118-120), P^F é ativada primeiro pelo localizador de maior abrangência, o que está na periferia, e, na sequência, P^{F-1} abriga os localizadores na adjacência do núcleo, os que têm menor abrangência. Por fim, o núcleo se junta ao operador de singularidade em P^M . Veja que as designações das subcategorias localizadoras aparecem sobrescritas: POSS, para posse; ESP, para localização espacial; e ANC, para ancoragem geral. Embora não tenha sido exemplificada, a designação para localização temporal é TEMP.

As 2 ocorrências de ordem não prototípica apresentadas em (112-113) podem ser linearizadas como em (112a-113a).

Iniciando a linearização pelo NI, o operador de identificabilidade (“indef”) em (112) assume P^I ; como em (113) não há operador de identificabilidade, a linearização se inicia pelo NR. Nesse nível, os localizadores à periferia do N_p têm prioridade na linearização, já que exercem função pragmática no NI (cf. Hengeveld e Keizer (no prelo)). Então, sua contraparte semântica é alocada em P^F . Em seguida, ocupam P^M os operadores de singularidade (“sg”), e preenche P^I o operador *alguma*. Na sequência, os modificadores localizadores adjacentes ao núcleo (*que foi marcante*, em (112), e *que aconteceu c’o senhor*, em (113)) ocupam P^{F-1} . Por último, o núcleo *história* se junta ao operador de singularidade em P^M .

(112a) *Uma história que foi marcante de uma outra pessoa*

P^I	P^M	P^{F-1}	P^F
Indef (uma)	história.sg	que foi marcante ^{ANC}	de uma outra pessoa ^{POSS}
1	5 – 3	4	2

(113a) *Alguma história que aconteceu c’o senhor da sua infância da sua adolescência*

P^I	P^M	P^{F-1}	P^F
Alguma	história.sg	que aconteceu c’o senhor ^{ANC}	da sua infância da sua adolescência ^{TEMP}
3	5 – 2	4	1

Vale, por fim, tecer um comentário para o caso de uma construção conter um localizador espacial e um temporal. Como os dois tipos de localizadores ocupam uma mesma posição na escala dessa categoria, é difícil definir qual deles teria prioridade na linearização. Fazemos, então, a mesma ressalva aplicada ao caso dos classificadores. Seria necessário refinar a amostra para que fosse possível encontrar diferenças entre os dois tipos de localizadores, o que viabilizaria desmembrá-los e encontrar para eles cada um sua posição na escala. No presente momento, limitamo-nos às observações feitas nessa seção, deixando tal tarefa como encaminhamento para um futuro trabalho.

4.4 Construções argumentais

A presente seção descreve construções nominais nucleadas por nomes relacionais que apresentam, pelo menos, dois argumentos expressos ou um argumento e um modificador, bem como discute o comportamento destas quanto à linearização morfossintática. Para fins de organização, a Seção 4.4.1 trata das construções com um argumento e um modificador, enquanto a Seção 4.4.2 aborda construções com mais de um argumento. Em ambas, o objetivo é descrever o comportamento semântico das construções e, em seguida, discutir como a linearização das estruturas ocorre no NM.

4.4.1 Construções com um argumento e um modificador

A presente seção lida com Nps que apresentam um argumento e um modificador (seja ele classificador, qualificador, quantificador ou localizador, conforme a classificação de Rijkhoff (2002, 2008a)). O objetivo inicial da análise é verificar qual elemento (o argumento ou o modificador) tende a ser ordenado mais próximo ao núcleo. Na sequência, veremos como a natureza do modificador e a complexidade morfossintática do argumento podem influenciar seu posicionamento com relação ao argumento do núcleo. A Tabela 21 apresenta os resultados quantitativos referentes a essas variantes.

Tabela 21 – Variantes analisadas e número de ocorrências (construções com um argumento e um modificador)

Construções com um argumento e um modificador	N	%
Ordem modificador + argumento	96	62,3
Ordem argumento + modificador	58	37,7
TOTAL	154	

Fonte: autoria própria.

Esse tipo de construção apresenta a tendência de ordenação modificador + argumento, como se vê na Tabela 21. A explicação para esse fenômeno tem relação com dois aspectos: o tipo de modificador envolvido na construção e a complexidade morfossintática do argumento.

Quanto ao primeiro aspecto, a Tabela 22 mostra como o modificador envolvido nesse tipo de construção tende a ser um classificador.

Tabela 22 – Tipos de modificadores envolvidos em construções com a ordem modificador + argumento

Configuração morfossintática	Tipo de modificador envolvido	N	%
Ordem modificador + argumento	Classificador	46	47,9
	Qualificador	33	34,4
	Localizador	7	7,3
	Quantificador	5	5,2
	Mais de um modificador	5	5,2
TOTAL		96	

Fonte: autoria própria.

Como já dito, classificadores atuam na camada da Propriedade e, por isso, tendem a se alocar na posição adjacente ao núcleo, mesmo na presença de um argumento, uma vez que são ainda mais “internos” à Propriedade do que o argumento. O exemplo em (121) ilustra esse tipo de construção.

Porção pré-nuclear e núcleo	Modificador (classificador)	Argumento
(121) A venda	legal	de armas
(Iboruna: AC-040; RO: L.114)		

Tendo em vista o exemplo em (121), já é viável tratar do segundo aspecto que subjaz à ordem mais frequente (modificador + argumento): a complexidade morfossintática do argumento. Veja que, em (121), é possível defender que a motivação para a ordem dos elementos é a natureza classificadora do modificador (justamente por ser classificador, ocupa a posição adjacente ao núcleo). Por outro lado, também se poderia considerar que a complexidade morfossintática do argumento é um fator que corrobora a ordem final “escolhida” pelo falante, que opta por ordenar as estruturas da menos complexa (o adjetivo *legal*) para a mais complexa (o Pp *de armas*). Em termos de princípios, *a venda legal de armas* atende aos Princípios de Escopo (no NR) e ao de Complexidade Crescente (no NM).

A atuação desse último princípio justificaria a ordem modificador + argumento mesmo quando a natureza do modificador não é classificadora, tendo em vista a complexidade morfossintática do argumento. Em outras palavras, os dados mostram que, independentemente da natureza da categoria de modificador envolvida, seja qualificador, seja localizador, seja quantificador (que geralmente atuam na camada como um todo e não na camada da Propriedade), a tendência é permanecer junto ao núcleo por ser menos complexa que o argumento. Este, por sua vez, tende a ficar na periferia à direita do Np, muito embora a expectativa, com base em termos semânticos, fosse contrária: argumentos formam uma Propriedade Configuracional com o núcleo e deveriam, em tese, estar mais próximos do que modificadores externos à camada como um todo. Isso não acontece justamente em virtude do atendimento ao Princípio de Complexidade Crescente. A Tabela 23 exibe os dados referentes a essa complexidade.

Tabela 23 – Complexidade morfossintática de construções com um argumento e um modificador

Complexidade morfossintática			TOTAL	%
	Ordem argumento + modificador	Ordem modificador + argumento		
Complexidade crescente	24	68	92	82,1
Complexidade decrescente	16	4	20	17,9
TOTAL	40	72	112 ⁸⁵	
%	35,7	64,3		

Fonte: autoria própria.

Como modificadores assumem geralmente a forma de adjetivos enquanto argumentos, a de sintagmas e orações, o referido princípio opera na direção de tornar a expressão mais fácil de processar, com estruturas menos complexas (adjetivos simples) posicionadas antes das mais complexas (sintagmas e orações). Note que, das 72 ocorrências exemplificativas da ordem modificador-argumento, 68 delas apresentam essa configuração da natureza menos complexo > mais complexo. O exemplo em (122) ilustra a ordem mais frequente modificador + argumento, agora com um modificador qualificador. Sua contraparte hipotética argumento + modificador apresentada em (122a) permite comprovar como o referido princípio desempenha um papel na otimização da organização das estruturas.

⁸⁵ Aqui excluem-se os casos em que os elementos apresentam igual complexidade.

	Porção pré-nuclear e núcleo	Modificador (qualificador)	Argumento
(122) a.	Essa ideia	fixa	de querer ser mãe
			(Iboruna: AC-026; NE: L.008)
b.	(?) Essa ideia de querer ser mãe fixa.		

A versão hipotética em (122b) mantém próximos núcleo e argumento por um lado, mas, por outro, afasta o modificador *fixa*, que agora parece ter escopo sobre o nome *mãe*. Os resultados comprovam, então, que a ordem modificador + argumento, em contextos como esses, é a mais eficaz comunicativamente por ser mais facilmente processada cognitivamente pelo interlocutor.

Uma observação a ser feita: embora a configuração modificador + argumento seja a mais frequente, não se pode considerá-la como a prototípica em termos semânticos, quando o modificador escopa a camada como um todo. O que acontece é que, em termos quantitativos, é o Princípio de Complexidade Crescente que determina a ordem com mais frequência na amostra. Sendo assim, ainda que mais frequente, a ordem modificador + argumento é a não esperada ou não prevista semanticamente (com exceção, claro, da situação em que esse modificador é um classificador).

A ordem prevista, por outro lado, que corresponde à configuração argumento + modificador, manifesta-se, predominantemente, em contextos em que não há diferença relevante de complexidade morfosintática entre argumento e modificador (cf. Exemplo (123)), razão pela qual é considerada aqui como “neutra”. Em outras palavras: nas situações em que o fator morfosintático de complexidade não atua, a ordem esperada é argumento + modificador. Outro contexto que viabiliza a emergência dessa ordem nos dados é o que dispõe maior grau de complexidade para o modificador do que para o argumento, já que essa configuração também atende ao Princípio de Complexidade Crescente (cf. Exemplo (124)).

	Porção pré-nuclear e núcleo	Argumento	Modificador
(123)	A distribuição	de renda	no Brasil
			(Iboruna: AC-121; RO: L.283)
(124)	A irmã	dele	que era excepcional
			(Iboruna: AC-117; DE: L.270)

Em suma, podemos resgatar as restrições propostas por Huddleston e Payne (2002, p. 454), discutidas na Seção 2.3. Os autores defendem que argumentos pós-nucleares tendem a ocupar a posição mais próxima do núcleo do Np em inglês, tendência, todavia, que depende do “peso”, ou complexidade morfosintática, de que um argumento dispõe. Dessas restrições resultam os seguintes princípios de ordenação: i) na presença de dois elementos pós-nucleares leves, o argumento geralmente precede o modificador; ii) quando o argumento é pesado e o modificador leve, o modificador normalmente precede o argumento; e iii) quando ambos são pesados, ambas as ordens são aceitáveis. Quanto ao terceiro princípio, a amostra não dispõe de exemplos que o aplicam, mas ele é passível de ocorrer, como mostra o exemplo construído em (125-125’).

	Porção pré-nuclear e núcleo	Argumento	Modificador
(125)	A ideia	de viajar ao redor do mundo	que Maria teve aos 50 anos
	Porção pré-nuclear e núcleo	Modificador	Argumento
(125’)	A ideia	que Maria teve aos 50 anos	de viajar ao redor do mundo

Retomamos, então, a escala proposta pelos autores, mas adaptada aos dados aqui analisados:

Argumentos pós-nucleares leves → modificadores pós-nucleares
Dependentes leves → dependentes pesados⁸⁶

Passemos, agora, à análise discursivo-funcional das construções com um argumento e um modificador. A presença de um argumento e de um modificador do núcleo do Np pode ser representada semanticamente de diferentes formas a depender da relação existente entre núcleo, argumento e modificador.

Argumentos que denotam posse inalienável exercem função semântica de Referência (indicado por *Ref* na representação a seguir), o que significa que, no caso de (126), “alguém é filho com referência ao/considerado em relação ao [*gerente*]” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 203, grifo nosso). Na GDF, o possuidor *gerente* é concebido como argumento interno de um *frame* de predicação para propriedades relacionais. Com relação ao modificador *mais ve-*

⁸⁶ Veja que aqui não utilizamos o sinal “menor que” para a representação da escala, porque ele vem sendo utilizado para indicar diferença de escopo. Aqui a seta sinaliza apenas a preferência de posicionamento dos elementos.

lho, ele tem escopo sobre a camada do Indivíduo como um todo, pois se trata de um qualificador.

(126) *O filho mais velho do gerente* (Iboruna: AC-069; RO: L.307)

- a. $(1x_i: [(f_i: [(f_j: \text{filh}_N(f_j)) (x_j: \text{gerente}_N(x_j))_{\text{Ref}}] (f_i)) (x_i)]: [(f_k: \text{-mais velh}_A - (f_k)) (x_i)])$

Em expressões de quantidade, como em (126), o argumento também exerce função semântica de Referência (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 268). Nesses casos, contudo, a variável selecionada para a construção é (q), e o Indivíduo (x) que está sob quantificação é concebido, também, como argumento interno do *frame* de predicação. O modificador, por seu turno, tem escopo sobre a camada da Quantidade (no caso de qualificadores e localizadores). A mesma configuração se observa em (128), exemplo que ilustra casos com unidades de medida, considerados por Keizer (2007) como *pseudopartitivos*.

(127) *Uma quantidade grande de pessoas* (Iboruna: AC-143; NR: L.099)

- a. $(q_i: [(f_i: [(f_j: \text{quantidade}_N(f_j)) (x_i: [(f_k: \text{pessoa}_N(f_k)) (x_i))_{\text{Ref}}] (f_i)) (q_i)]: [(f_l: \text{grande}_A(f_l)) (q_i)])$

(128) *Dois pacotes pequenos de figo seco* (Iboruna: AC-118; RP: L.488)

- a. $(2 q_i: [(f_i: [(f_j: \text{pacote}_N(f_j)) (x_i: [(f_k: \text{-figo seco}_N(f_k)) (x_i))_{\text{Ref}}] (f_i)) (q_i)]: [(f_l: \text{pequeno}_A(f_l)) (q_i)])$

Nos casos em que os nomes relacionais são Estados de Coisas ou Conteúdos Proposicionais, o argumento pode exercer função de Ativo (indicada pelo A (para *actor*) subscrito na representação em (129a)), de Inativo (indicada pelo U (para *undergoer*) subscrito na representação em (130a)) e de Locativo (indicada pelo L (para *locative*)).⁸⁷ O modificador, por sua vez, tem escopo sobre a camada correspondente (Estado de Coisas ou Conteúdo Proposicional) quando se tratar de qualificadores e localizadores. Em (129), trata-se de um Estado de Coisas. Em (130), retomamos o exemplo exposto em (122), em que *ideia* é um Conteúdo Proposicional.

⁸⁷ Em princípio, é possível que um argumento de um Estado de Coisas ou de um Conteúdo Proposicional exerça função de Locativo. Contudo, não há ocorrências na amostra analisada, o que justifica a ausência de exemplo nesse momento.

(129) *Esse governo atual do PT* (Iboruna: AC-027; RO: L.143)

- a. (prox 1e_i: [(f_i: (f_j: governo_N (f_j)) (x_i: -PT- (x_i))_A (f_i)) (e_i)): [(f_k: atual-_A (f_k)) (e_i))] ⁸⁸

(130) *Essa ideia fixa de querer ser mãe* (Iboruna: AC-026; NE: L.008)

- a. (prox 1p_i: [(f_i: [(f_j: ideia_N (f_j)) (p_j: [-de querer ser mãe-] (p_j))_U (f_i)) (p_i)_U: [(f_k: fix-_A (f_k)) (p_i))]

Por fim, uma última distinção a ser feita se refere ao caso em que o modificador é um classificador e, assim, atua na camada da Propriedade, diferentemente do que se observa com os outros tipos de modificador, como se vê em (131).

(131) *A venda legal de armas* (Iboruna: AC-040; RO: L.114)

- a. (e_i: [(f_i: (f_j: venda_N (f_j)): (f_k: legal_A (f_k)) (f_j)) (x_i: arma_N (x_i))_U (f_i))] (e_i))

Passemos agora para a descrição da linearização morfossintática. Em primeiro lugar, abordamos a ordem mais frequente modificador + argumento e, em seguida, a menos frequente argumento + modificador. Nessa parte da análise, a natureza do modificador não interfere na linearização, o que nos leva a não diferenciar seus diferentes tipos, a não ser no sobrescrito das representações.

No NM, a linearização de construções que apresentam a ordem modificador + argumento pode se dar como em (126b).

(126b)	P ^I	P ^M	P ^{M+1}	P ^{M+2}
	Def (o)	filho.sg	mais velho ^{QUAL}	do gerente
	1	4 – 2	3	5

Começando o posicionamento das unidades pelo NI, o operador de identificabilidade (“def”) (artigo definido *o* no NM) preenche P^I. Em seguida, passando para o NR na ausência de outras unidades interpessoais, o operador de singularidade (“sg”) ocupa P^M, marcando, como *placeholder*, a posição que o núcleo preencherá posteriormente. Na sequência, o modificador *mais velho* deve ocupar uma posição, preenchendo, assim, P^{M+1}. Não havendo mais unidades hierárquicas, isto é, operadores e modificadores, resta ocorrer a linearização

⁸⁸ No NR, não há a especificação de nomes próprios, como a sigla do nome do Partido Trabalhista (PT). A forma de representação adotada visa a melhor compreensão pelo leitor.

das unidades configuracionais, o núcleo (o predicado) e o argumento. Atribui-se primeiro uma posição ao predicado (Hengeveld; Keizer, no prelo), o núcleo do Np, *filho*, que é P^M , posição já marcada pelo operador de singularidade. Por fim, o argumento *do gerente* ocupa uma posição medial relativa, P^{M+2} , porque, sempre que possível, predicado e argumentos devem permanecer num mesmo campo, não sendo necessário, nessa configuração, ativar uma outra posição absoluta (Giomi, no prelo), neste caso a final.

Nos casos de ordem argumento + modificador, observa-se a seguinte linearização:

(132) *Uns amigos do meu pai de Mato Grosso* (Iboruna: AC-086; NR: L.206)

a.	P^I	P^M	P^{M+1}	P^F
	Indef (uns)	amigos.pl	do meu pai	de Mato Grosso
	1	4 – 2	5	3

Iniciando o posicionamento das unidades pelo NI, o operador de identificabilidade (“indef”), que corresponde ao artigo indefinido *uns* no NM, ativa P^I . Na ausência de outras unidades interpessoais, passa-se ao NR. Nesse nível, o operador de pluralidade (“pl”) marca a posição que o núcleo preencherá, ocupando, portanto, P^M . Na sequência, o modificador *de Mato Grosso* ativa P^F , posição já esperada para modificadores pós-nucleares de qualquer natureza e a única disponível para esse elemento nesse estágio da linearização. Passando para a ordenação não hierárquica (predicado e argumentos), o núcleo (o predicado) *amigos* se junta ao operador de singularidade em P^M , enquanto o argumento *do meu pai* ocupa P^{M+1} , novamente de acordo com o raciocínio de que predicados e argumentos, sempre que possível, devem permanecer num mesmo campo, nesse caso, o medial.

Ressalte-se aqui, uma vez mais, o fato de a ordem argumento + modificador ser a prevista por considerações semânticas (com exceção de modificadores classificadores), embora menos frequente na amostra analisada: nela, argumento e predicado permanecem o mais próximos possível, ocupando o mesmo campo na linearização, e o modificador preenche uma posição no campo final, o esperado para abrigar modificadores pós-nucleares de qualquer natureza. Vê-se, então, uma configuração prototípica em comparação com a do exemplo anterior (126b), cuja configuração não mantém argumento e predicado os mais próximos possível, além de posicionar modificador no campo medial por causa das etapas necessárias da linearização.

Avancemos, agora, para a análise de construções nucleadas por um nome relacional com mais de um argumento.

4.4.2 Construções com mais de um argumento

A presente seção lida com Nps com mais de um argumento, classificado aqui como argumento Ativo (*Actor*), Inativo (*Undergoer*) ou Locativo (*Locative*). O objetivo desta análise é verificar que argumento tende a ser posicionado mais próximo do núcleo. A Tabela 24 apresenta os dados quantitativos referentes a essas variantes.

Tabela 24 – Variantes analisadas e número de ocorrências (construções com mais de um argumento)

Construções com mais de um argumento	N	%
Ordem ativo (A) + inativo (U)	21	65,6
Ordem inativo (U) + locativo (L)	8	25
Ordem ativo (A) + locativo (L)	2	6,2
Ordem inativo (U) + ativo (A)	1	3,1
TOTAL	32	

Fonte: autoria própria.

Esse tipo de construção apresenta a tendência de ordenação “ativo antes de inativo e de locativo e inativo antes de locativo”, preferência que é prevista não apenas em termos da hierarquia de funções semânticas (Ativo > Inativo > Locativo), mas também em termos de complexidade morfossintática: o argumento ativo tende a ser menos complexo do que os argumentos inativo e locativo, conforme Tabela 25.

Tabela 25 – Complexidade morfossintática de construções com mais de um argumento

Complexidade morfossintática					TOTAL	%
	Ordem ativo + inativo	Ordem inativo + locativo	Ordem ativo + locativo	Ordem inativo + ativo		
Complexidade crescente	18	7	2	-	27	84,4
Igual	3	1	-	1	5	15,6
complexidade						
TOTAL	21	8	2	1	32	
%	65,6	25	6,2	3,1		

Fonte: autoria própria.

Veja os exemplos a seguir. Suas contrapartes hipotéticas apresentadas em (133b-134b) provam como o Princípio de Complexidade Crescente desempenha um papel na otimização da organização das estruturas, evitando o surgimento de construções que exigem maior esforço em termos de processamento pelo interlocutor.

	Porção pré-nuclear e núcleo	Ativo	Inativo
(133) a.	Essa decisão	dela	de praticamente expulsar o filho de casa

(Iboruna: AC-052; RO: L.307)

b. (?) Essa decisão de praticamente expulsar o filho de casa dela.

	Porção pré-nuclear e núcleo	Ativo	Inativo
(134) a.	A atitude	do marido	em querer desligar os aparelhos [...]

(Iboruna: AC-066; RO: L.364)

b. (?) A atitude em querer desligar os aparelhos [...] do marido.

Avancemos, agora, para a descrição discursivo-funcional de construções com mais de um argumento.

A presença de mais de um argumento implica a existência de um *frame* de predicação de, pelo menos, dois lugares, podendo ser representada semanticamente como em (133b). Note que cada um dos argumentos recebe a indicação de sua função por meio dos subscritos: A para *actor* (ativo) e U para *undergoer* (inativo).

(133) *Essa decisão dela de praticamente expulsar o filho de casa* (Iboruna: AC-052; RO: L.307)

b. (prox 1e_i: [(f_i: [(f_j: decisão_{-N} (f_j)) (x_i: ela (x_i))_A (e_k: -praticamente expulsar o filho de casa- (e_k)_U] (f_i)) (e_i))])⁸⁹

No NM, a linearização de construções que apresentam a ordem prototípica ativo + inativo/locativo ocorre como em (133c).

⁸⁹ No NR, não há a especificação de pronomes pessoais, como *ela*. A forma de representação adotada visa melhor compreensão por parte do leitor.

(133c)	P ^I	P ^M	P ^{M+1}	P ^{M+2}
	Essa	decisão.sg	dela	de praticamente expulsar o filho de casa
	1	3 – 2	4	5

Na ausência de unidades interpessoais a receber posições, inicia-se a ordenação pelas unidades do NR. Em primeiro lugar, o operador de proximidade (manifesto morfossintaticamente pelo pronome demonstrativo *essa*) e o de singularidade (“sg”) devem ocupar posições na mesma etapa. O primeiro, então, ocupa P^I e o segundo ocupa P^M, marcando este a posição que o núcleo preencherá posteriormente. Note que seria possível ordenar o operador de singularidade em uma posição inicial relativa, mas optamos por mantê-lo no campo medial, por ser este o campo prototípico para abrigar o núcleo de acordo com a ordenação *default*. Não havendo mais unidades hierárquicas a serem ordenadas, isto é, operadores e modificadores, passemos à linearização das unidades configuracionais, o núcleo (o predicado) e os argumentos. Como já dito, atribui-se primeiro uma posição ao predicado, o núcleo do Np, *decisão*, que é P^M, posição já marcada pelo operador de singularidade. Na sequência, devem ocupar posições os dois argumentos do predicado. Para Hengeveld e Keizer (no prelo), argumentos ativos precedem argumentos inativos, e estes precedem argumentos locativos nas etapas de linearização (A > U > L). Sendo assim, *dela* deve ocupar uma posição primeiro, preenchendo, assim, P^{M+1}. Na sequência, o argumento inativo *de praticamente expulsar o filho de casa* preenche P^{M+2}. Uma vez mais, ressaltamos que, sempre que possível, predicado e argumentos devem permanecer num mesmo campo, não sendo necessário, nessa configuração, ativar a posição absoluta final.

Nos casos de ordem não preferida inativo/locativo + ativo, nota-se a seguinte linearização:

(135) *A capacidade de raciocínio do aluno* (Iboruna: AC-083; RO: L.353)

a.	P ^I	P ^M	P ^{M+1}	P ^F
	Def (a)	capacidade.sg	de raciocínio	do aluno
	1	3 – 2	5	4

Iniciando o posicionamento das unidades pelo NI, o operador de identificabilidade (“def”), que corresponde ao artigo definido *a* no NM, ativa P^I. Na ausência de outras unidades interpessoais, passa-se ao NR. Nesse nível, o operador de singularidade (“sg”) marca a posição que o núcleo preencherá, ocupando, portanto, P^M. Passando, agora, para a ordenação

não hierárquica (predicado e argumentos), o núcleo *capacidade* se junta ao operador de singularidade em P^M . Posicionam-se então os dois argumentos. Como argumentos ativos devem preceder inativos e locativos, deve-se atribuir primeiro uma posição a *do aluno*, que ocupa, portanto, P^F . Por fim, o argumento inativo *de raciocínio* preenche P^{M+1} . Veja que, nessa ocorrência, não é possível manter todos os argumentos no campo medial, como é o esperado, já que é necessário ativar a posição final absoluta a fim de obedecer às regras previstas de linearização (ativos antes de inativos).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi objetivo deste trabalho verificar, por um lado, o que determina predominantemente a ordenação de modificadores e argumentos à direita de um mesmo núcleo nominal, analisando a natureza de cada um deles, e, por outro, investigar os processos que regem a ordenação dos constituintes no interior do sintagma nominal em termos dos princípios de ordenação tomados como motivações em competição e sua implicação para a linearização desses constituintes no Nível Morfossintático da GDF.

Em resposta as três primeiras perguntas de pesquisa (*1. Qual é a ordem prototípica do Np no português brasileiro?*; *2. O esquema de classificação, qualidade, quantidade, localização e referência ao discurso, proposto por Rijkhoff (2002, 2008a), é aplicável ao português brasileiro?*; *3. A natureza semântica dos modificadores é o que determina a ordem dos elementos no Np?*), constatamos que a ordem prototípica dos modificadores pós-nominais do Np no português brasileiro é semanticamente motivada e atende ao modelo tipológico de Rijkhoff (2002, 2008a), o que implica dizer que a relação de escopo entre os modificadores (e entre eles e o núcleo) é o que determina o posicionamento morfossintático deles. Contemple-se, nesse caso, o Princípio de Escopo (Rijkhoff, 2002, p. 313), que prediz que modificadores tendem a ocorrer em posições adjacentes à parte da expressão que escopam. Nesse sentido, se localizadores, por exemplo, têm escopo sobre o núcleo e sobre os modificadores classificadores e qualificadores, a posição esperada para abrigá-los é à margem direita da construção no caso do português. Essa configuração prototípica, em que é a própria natureza semântica que define a posição dos modificadores, implica a ativação de um alinhamento representacional no Np, uma vez que “a organização morfossintática reflete a organização do Nível Representacional” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 317, tradução nossa), assim como já constatado por Uchoa (2019).

Os casos de ordem preferida podem assumir diferentes configurações no NR e no NM. Na combinação **qualificador + localizador**, ambos atuam na mesma camada, geralmente a camada do Indivíduo, mas o localizador tem escopo mais abrangente. Por esse motivo, recebe sua posição em primeiro lugar nas etapas de linearização de modo a ativar sempre P^F . O qualificador, por sua vez, ocupa uma posição final relativa, P^{F-1} .

Nas combinações **classificador + localizador** e **classificador + qualificador**, o classificador tem escopo sobre a camada da Propriedade, enquanto o qualificador e o localizador, geralmente, sobre a camada do Indivíduo, sendo, portanto, hierarquicamente mais altos no NR. Por esse motivo, qualificadores e localizadores são ordenados primeiro (em

relação ao classificador) e ativam P^F . Os classificadores, por sua vez, ocupam uma posição final relativa, P^{F-1} .

Na combinação **classificador + qualificador + localizador**, o classificador tem escopo sobre a camada da Propriedade, enquanto o qualificador e o localizador escopam, geralmente, a camada do Indivíduo. Tendo o escopo com o maior grau de abrangência, o localizador é ordenado primeiro nas etapas de linearização, ativando P^F . Numa direção da direita para a esquerda, o qualificador preenche P^{F-1} e o classificador, P^{F-2} . O que se vê, então, é a atuação de uma força centrípeta de ordenação, em que se linearizam as unidades hierárquicas da maior para a menor (em termos de escopo com maior grau de abrangência no NR) e da periferia para o centro do Np.

Em construções com **quantificadores**, eles têm escopo, geralmente, sobre a camada do Indivíduo ou da Locação e sempre são da variável (q) no NR. Nas ocorrências analisadas, combinam-se com classificadores e localizadores. No primeiro caso, quando se combinam com um classificador, é esta categoria que tem o menor escopo, já que incide sobre a camada da Propriedade. No segundo caso, combinando-se com localizadores, ambos atuam na mesma camada, a do Indivíduo, mas o localizador tem escopo maior que classificadores, qualificadores e quantificadores. Quanto a modificadores discursivo-referenciais, nenhuma ocorrência foi registrada na amostra retirada do banco de dados Iboruna, o que se justifica pela natureza do *corpus*, já que modificadores discursivo-referenciais tipicamente ocorrem em dados escritos mais formais. Já com relação ao Corpus do Português, as ocorrências encontradas de modificadores discursivo-referenciais nos confirmam que sua posição preferida é a periférica, após todos os outros tipos de modificadores.

Como previsto nas hipóteses de pesquisa, a ordem não prototípica pode ser motivada pragmática, morfossintática e fonologicamente, bem como por uma combinação de motivações. Essa constatação responde satisfatoriamente a quarta e a quinta perguntas de pesquisa (4. *As funções pragmáticas de Foco e Contraste e a categoria pragmática de Ênfase, em se tratando de realces dados às informações de um dado contexto, podem exercer um papel na determinação da ordem dos elementos?*; 5. *Fatores formais, como complexidade, advindos dos níveis de Codificação, a saber, o Morfossintático e o Fonológico, podem influenciar o processo de ordenação dos elementos?*). Uma primeira ressalva, no entanto, é a de que o fator morfossintático atua com maior frequência do que os fatores pragmáticos, como uma ruptura da ordenação canônica inicialmente esperada. Em se tratando de língua falada, esperava-se que a atuação dos fatores pragmáticos tivesse uma incidência quantitativamente mais robusta, mas essa hipótese não se confirmou. Uma explicação possível é a de que a motivação morfossintática, que contempla uma organização conforme a

complexidade crescente das unidades linguísticas envolvidas, tem, na realidade, um embasamento cognitivo, segundo o qual a organização da expressão linguística se assenta no grau mais elevado de eficácia comunicativa em termos de facilitar o processamento das estruturas formais pelo interlocutor. Uma segunda ressalva diz respeito à função Foco, a qual não registrou ocorrências exemplificativas na amostra analisada.

Na ordem **pragmaticamente motivada**, a função pragmática Contraste e a ênfase, especificadas no NI, podem influenciar o posicionamento das unidades no NM. No primeiro caso, o modificador na periferia do Np corresponde, no NI, a um Subato Atributivo que exerce Contraste. Por seu status hierárquico mais alto no NI, o modificador correspondente, na ordenação das unidades representacionais (momento em que itens lexicais são instanciados), deve ativar a posição absoluta final no NM. No caso de ênfase, o modificador que a veicula é o que se abriga na posição mais adjacente ao núcleo. Em outras palavras: o *status* enfático de um modificador no NI pode “atraí-lo” para uma ordenação adjacente ao núcleo, o que explicaria a ordem marcada das unidades. Morfossintaticamente, devido ao seu *status* hierárquico mais alto no NI, esse modificador ativa a posição medial absoluta. Nos dois casos, fala-se em função Contraste e ênfase posicionalmente marcadas, pois ativam diferenças de posição no NM. Isso implica considerar que uma motivação pragmática advinda do NI é responsável por uma ordenação morfossintática que, embora não esperada semanticamente, cumpre com os propósitos comunicativos específicos do falante em um dado contexto. Assim, o Princípio de Saliência Pragmática (Dik, 1997) exerce um papel na linearização das unidades linguísticas, já que posições específicas (a final, no caso do Contraste; a medial, no caso da ênfase) são reservadas para elementos com estatuto pragmático especial. Atendendo ao referido princípio, essa ordenação acaba por violar o Princípio de Escopo, já que as relações de escopo no NR não são mapeadas no NM, isto é, o modificador com maior escopo semântico acaba ocupando a posição adjacente ao núcleo ao invés da posição periférica.

Na ordem **morfossintaticamente motivada**, a complexidade crescente das formas é que pode desempenhar um papel relevante no processo de ordenação das unidades em alinhamento com os níveis de formulação. O Princípio de Complexidade Crescente prediz que estruturas menos complexas tendem a posicionar-se antes das mais complexas. Dessa maneira, se uma construção com um classificador e um qualificador, por exemplo, tem o classificador codificado como sintagma preposicional e o qualificador, como adjetivo simples, é, portanto, a inversão qualificador + classificador a que prevalece, em atendimento, portanto, ao Princípio de Complexidade Crescente. Por outro lado, é o Princípio de Escopo que é violado, já que o qualificador tem escopo sobre toda a construção (núcleo e classificador). Ainda não está claro, no entanto, em que contextos o Princípio de Complexidade Crescente

tende a vencer a competição com o Princípio de Escopo ou, inversamente, em que circunstâncias é o Princípio de Escopo que sobrepuja o de Complexidade Crescente. Em termos de linearização, o modificador adjacente ao núcleo, nessas construções, é, na verdade, o que tem escopo mais abrangente e, portanto, deve ser alocado primeiro nas etapas de ordenação, ocupando, geralmente, uma posição medial relativa. O modificador na periferia do Np, por sua vez, deve ativar a posição final absoluta, já que sua posição esperada é, de qualquer maneira, no campo final da linearização.

No que diz respeito à ordem **fonologicamente motivada**, também é relevante evocar o Princípio de Complexidade Crescente, considerando que unidades com mais material fonológico se abrigam em posições periféricas no NM. Essa influência fonológica na ordenação morfossintática é viável em uma versão revisada do modelo da GDF, que permite processos em direção *bottom-up* no Fundo, especialmente no que diz respeito a *look-ahead's* no NF (Hengeveld; Mackenzie, 2021, p. 55). Esse resultado representa um avanço teoricamente relevante deste trabalho em relação ao modelo teórico em seus ajustes mais recentes, uma vez que se trata de um exemplo adicional de um fenômeno da gramática que obriga a recorrer antecipação de processos fonológicos na codificação morfossintática. Quanto à linearização, a mesma observação atribuída aos casos de ordem morfossintaticamente motivada é válida aqui: o modificador adjacente ao núcleo, e que tem escopo mais abrangente, deve ser alocado antes na linearização, preenchendo, geralmente, uma posição medial relativa, enquanto o modificador na periferia do Np ativa a posição final absoluta.

Nos casos que envolvem **combinação de motivações**, ênfase pragmática e complexidade morfossintática e/ou fonológica são responsáveis por influenciar o processo de ordenação das unidades. Se, por um lado, a ênfase é responsável por atrair um modificador para perto do núcleo, por outro, a complexidade morfossintática e/ou fonológica é a responsável por “pressionar” constituintes mais pesados morfossintaticamente a se abrigarem na margem direita do Np. Nesses casos, é bastante difícil determinar qual motivação é mais relevante no processo de ordenação, o que nos leva a considerar que os dois fatores atuam em conjunto na definição da mesma ordenação ao sobrepujar o fator semântico. Em termos de princípios, o de Complexidade Crescente e o de Saliência Pragmática se unem na determinação da ordem dos elementos e, juntos, violam o de Escopo, na codificação morfossintática.

Já quanto aos modificadores discursivo-referenciais, os resultados apontam para a tendência, já prevista por Rijkhoff (2008a), de se abrigarem na periferia do Np, em vista de seu maior grau de escopo. Como o autor defende que este tipo de modificador deve ser

representado no NI, sem, todavia, definir a camada em que ele atua, este trabalho implica um avanço em relação a esse aspecto por defender que modificadores discursivo-referenciais atuam na camada do Subato Referencial, o que significa extrapolar, inclusive, a proposta de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 121), segundo a qual a modificação dessa camada se limita à expressão de atitude subjetiva. Defendemos aqui que, a ordenação desse tipo de modificador interpessoal geralmente ativa P^F na linearização.

Quanto às construções com modificadores de mesma categoria, elas se dividem em construções com i) mais de um classificador, ii) mais de um qualificador e iii) mais de um localizador.

As construções com mais de um classificador apresentam as subclassificações de *status*, objetivo/função, modo de operação, origem e material/composição. Classificadores tendem a definir mais frequentemente o *status* da entidade denotada pelo núcleo, independentemente da posição que ocupam, por essa ser a subcategoria mais ampla das elencadas. Com referência aos dados encontrados na amostra alternativa, a do Corpus do Português, os classificadores que denotam origem tendem a ocorrer após os denotando outras subcategorias, conforme mostra a seguinte escala: status/objetivo/função/material/composição/mo de operação < origem. Essa ordem prototípica é, no entanto, violada nos dados analisados da amostra geral, favorecendo a obediência ao Princípio de Complexidade Crescente.

As construções com mais de um qualificador apresentam as subclassificações de cor, propriedade física, idade, qualidade. A subcategoria mais frequente, a de qualidade subjetiva, ocorre mais frequentemente em todas as posições pós-nucleares. Em relação aos dados encontrados na amostra alternativa, a do Corpus do Português, a preferência de ordenação comprova a hipótese geral de que modificadores que denotam propriedades mais objetivas são posicionados mais próximos do núcleo, enquanto os que denotam propriedades mais subjetivas ocupam posições mais distantes. Essa distribuição é possível porque cor, idade e/ou alguma propriedade física de uma entidade constituem categorias semânticas mais inerentes à entidade denotada pelo núcleo nominal do que qualidades mais subjetivas, cuja atribuição depende de uma avaliação do usuário da língua. Esse raciocínio viabiliza a proposta da seguinte escala: descrição objetiva (cor/idade/propriedade física) < descrição subjetiva (qualidade). Essa ordem prevista, todavia, pode ser violada, nos dados analisados na amostra geral, mediante a obediência ao Princípio de Complexidade Crescente, seja no NM, seja no NF.

Quando a construção dispuser de dois ou mais localizadores, é possível subcategorizá-los como localização espacial, localização temporal, posse (alienável) e ancoragem geral. Os

localizadores de posse são ordenados na posição pós-nuclear imediatamente adjacente, enquanto os de ancoragem geral tendem a preencher uma posição mais periférica do Np. Feito o agrupamento das duas subcategorias restantes (localização espacial e localização temporal), é possível propor a seguinte escala: posse < localização espacial/temporal < ancoragem geral. Embora essa relação hierárquica se assente em bases semânticas, é possível vislumbrar outro possível fator motivador da preferência, qual seja, o de complexidade morfossintática. Com efeito, localizadores de posse assumem geralmente a forma de pronomes possessivos (adjetivais ou preposicionados) e de sintagmas preposicionais; localizadores espaciais e temporais frequentemente são codificados como sintagmas preposicionais; os de ancoragem geral, por sua vez, quase sempre assumem a forma de orações relativas. Por conseguinte, a escala geral dos localizadores atende mais frequentemente ao Princípio de Complexidade Crescente, o que nos leva a propor a seguinte inter-relação entre nível semântico e nível morfossintático: posse (Adj/Pp) < localização espacial/temporal (Pp) < ancoragem geral (Cl). Essa ordem prototípica pode ser violada, nas ocorrências da amostra, pela interferência da função pragmática Contraste.

Em termos de linearização, é possível chegar a uma generalização quanto a construções com mais de um classificador/qualificador/localizador. Quando há dois modificadores de uma mesma camada, eles participam de um empilhamento.⁹⁰ Assim sendo, o que determina a ordem de posicionamento das unidades no NM é a escala interna de cada categoria (classificadores: status/objetivo/função/material/composição/modo de operação < origem; qualificadores: descrição objetiva [cor/idade/propriedade física] < descrição subjetiva [qualidade subjetiva]; localizadores: posse < localização espacial/temporal < ancoragem geral). Por conseguinte, modificadores que denotam uma noção semântica mais ampla em termos de escopo no NR ativam P^F no NM, enquanto os que apresentam menor escopo ocupam posições relativas no campo final.

Passando, agora, à discussão das construções argumentais, que podem dispor de um argumento e de um modificador ou de mais de um argumento, cabe propor algumas conclusões.

Em primeiro lugar, como a ordem **modificador + argumento** é a mais frequente, esse resultado contraria nossa hipótese inicial de que argumentos estariam mais próximos morfossintaticamente de seus respectivos predicados, ou seja, do núcleo do Np, por fazerem parte de um mesmo *frame* de predicação. Esse resultado se deve ao fato de que esse modificador é geralmente um classificador, um modificador de Propriedade que, em termos de GDF, é ainda mais “interno” à Propriedade Configuracional que comporta o núcleo.

90 Com exceção dos casos de qualidade + qualidade em que há paráfrase.

Mesmo quando o modificador não é um classificador e, portanto, é externo ao *frame* de predicação, uma motivação possível para essa ordem mais frequente assenta-se no fato de que argumentos apresentam geralmente maior grau de complexidade morfossintática, o que ilustra, uma vez mais, a atuação do Princípio de Complexidade Crescente.

De fato, a ordem **argumento + modificador**, prevista com base em considerações semânticas, manifesta-se predominantemente em contextos “neutros”, quando não há diferença relevante, em termos de complexidade morfossintática, entre o constituinte argumental e o modificador ou quando o modificador é mais complexo que o argumento. Os resultados registram uma menor incidência no uso da ordem esperada em razão da atuação expressiva, em termos quantitativos, do Princípio de Complexidade Crescente.

Quanto à linearização, a ordem modificador + argumento caracteriza-se pelo posicionamento do núcleo, do modificador e do argumento no campo medial, configuração essa que segue o argumento de que predicado e argumentos devem, sempre que possível, permanecer no mesmo campo. A ordem argumento + modificador, por sua vez, caracteriza-se pela necessidade de ativação da posição absoluta final para abrigar o modificador.

Em segundo lugar, quando há a presença de mais de um argumento, a ordem **ativo + inativo/locativo** é a mais frequente no português brasileiro falado, uma preferência cujas explicações devem se alicerçar tanto na hierarquia de funções semânticas, quanto na complexidade morfossintática das formas envolvidas: o argumento ativo tende a ser menos complexo do que o argumento inativo/locativo. Nesse caso, uma vez mais, o Princípio de Complexidade Crescente exerce um papel preponderante na otimização da organização das estruturas, evitando construções que exigem maior esforço de processamento pelo interlocutor. Em termos de linearização, na ordem prototípica, predicado e argumentos tendem a permanecer no campo medial, enquanto na ordem não prototípica é necessário ativar a posição final absoluta para abrigar o argumento ativo, já que este deve ocupar uma posição numa etapa anterior à dos outros argumentos.

Por fim, os dados incluíram uma frequência considerável de contraexemplos em todas as categorias analisadas, mas nem sempre é possível determinar a motivação que define uma ordenação não esperada ou marcada em um contexto em que normalmente se manifestaria a ordem prevista. Levando em conta que planejamento e execução são simultâneos na modalidade falada, repetições, hesitações e interrupções, por exemplo, são processos comuns constitutivos da própria fala. Tendo isso em vista, a ordem “escolhida” pelo falante pode não ser a mais eficaz em termos de processamento linguístico. De modo geral, o assunto requer maior investigação, especialmente em relação à atuação de aspectos cognitivos e de outros princípios gerais da linguagem.

Consideremos, agora, a sexta pergunta de pesquisa (6. *Esses parâmetros pragmáticos, semânticos, morfossintáticos e fonológicos de diferentes ordens apontariam para a aplicação de motivações em competição (Du Bois, 1985)? Se sim, quais seriam os princípios de ordenação a exercerem papel relevante nesse processo?*). Os resultados permitem responder positivamente à primeira parte da pergunta, já que diferentes motivações podem competir no processo de ordenação de modificadores e argumentos pós-nucleares do Np. Quanto à segunda parte, podemos elencar os princípios que desempenham papel crucial nesse processo, como o de Escopo, o de Complexidade Crescente e o de Saliência Pragmática, já mencionados anteriormente nas conclusões. O primeiro é responsável pela ordem prototípica e prediz que modificadores tendem a ocorrer, morfossintaticamente, em posições adjacentes à parte da expressão que escopam semanticamente. Pode ser violado, no entanto, na presença dos outros dois princípios, que, por sua vez, são responsáveis pelo surgimento da ordem não prototípica. O de Complexidade Crescente tende a atuar, evidentemente, quando há diferença relevante de configuração morfossintática e/ou fonológica entre as estruturas, o que não ocorre em contextos “neutros”, sem diferenças de complexidade. Entretanto, ainda não fica claro porque, em outros casos, há respeito ao Princípio de Escopo mesmo que isso implique violar o de Complexidade Crescente (imagine-se, por exemplo, um classificador longo que, apesar de ser complexo, permanece adjacente ao núcleo). Em outras palavras, ainda não é possível afirmar por qual razão um princípio prevaleceu em um contexto A, mas, num contexto muito similar B, não apresentou o mesmo comportamento. Em vista disso, limitamo-nos a afirmar que os três princípios têm papel relevante na determinação da ordem dos elementos, com o de Complexidade Crescente violando, com maior frequência, o de Escopo, ao passo que o de Saliência Pragmática o viola com menor frequência. O Quadro 5 resume a atuação dos princípios relevantes para este trabalho.

Quadro 5 – Atuação dos princípios de ordenação

	Ordem prototípica	Ordem não prototípica	
	Motivação semântica (escopo no NR)	Ordem pragmaticamente motivada	
		Ênfase	Contraste
Princípio atuante	Princípio de Escopo	Princípio de Saliência Pragmática	Princípio de Complexidade Crescente
Possíveis combinações de princípios	Princípio de Saliência Pragmática Princípio de Complexidade Crescente	Princípio de Complexidade Crescente	Princípio de Saliência Pragmática

Fonte: autoria própria.

Cabem ressalvas com relação ao Quadro 6. Em se tratando da ordem prototípica, combinações de princípios são possíveis, mas, ainda assim, prevalece a preservação das relações de escopo, o que significa que o Princípio de Escopo é o mais importante na determinação da ordem dos constituintes, enquanto os outros princípios configuram um reforço para essa ordem já esperada. Outro ponto a destacar é o fato de, no caso da ordem não prototípica, não haver a possibilidade de combinação com o Princípio de Escopo, já que, em qualquer ocorrência da ordem não esperada, esse princípio é violado.

Respondendo, agora, à sétima e última pergunta (7. *Quais posições morfossintáticas são necessárias para acomodar os elementos do sintagma nominal no português brasileiro, especialmente os elementos à direita do núcleo?*), algumas considerações relevantes sobre o tópico já foram apresentadas ao longo deste capítulo, mas cabe ainda fazer generalizações adicionais. O Quadro 6 sumariza as principais generalizações teóricas com relação à linearização, tanto no caso da ordem prototípica quanto da não prototípica. Ressaltamos que se trata de tendências gerais observadas na amostra analisada, que aponta para preferências de ordenação do português brasileiro, em vez de princípios fixos e rígidos.

Quadro 6 – Generalizações teóricas com relação à linearização

Posições	Ordem prototípica	Ordem não prototípica		
	Motivação semântica (escopo no NR)	Ordem pragmaticamente motivada		Ordem morfofossintaticamente e fonologicamente motivada
		Ênfase	Contraste	
P^I	Operador de identificabilidade	Operador de identificabilidade		Operador de identificabilidade
P^M	Operador de singularidade e núcleo	Operador de ênfase	Operador de singularidade e núcleo	Operador de singularidade e núcleo (modificador adjacente ao núcleo em P ^{M+1})
P^F	Modificadores pós-nominais	Modificador na periferia direita	Elemento contrastivo	Modificador na periferia direita

Fonte: autoria própria.

Cabe ainda ressaltar a aplicação do modelo da GDF, que favorece esse tipo de análise, permitindo observar diferentes tipos de motivações em competição, graças, em primeiro lugar, à sua organização em níveis e camadas, cuja operação é independente, embora interligada; em segundo lugar, graças a uma implementação dinâmica da morfofossintaxe, que torna possível explicar a linearização das estruturas de uma forma vinculada ao processo de Formulação.

Para finalizar este balanço, podemos afirmar que o presente trabalho representa uma contribuição tanto para os estudos da ordem de constituintes do sintagma nominal no português brasileiro, por avançar na descrição da língua em questão e por constituir possível referência teórica para o tema, quanto para o desenvolvimento da própria teoria adotada, o modelo discursivo-funcional, especialmente no que tange ao tema da linearização, que tem sido submetido a revisões recentes. Esta é, todavia, uma avaliação que deduzimos de nosso próprio balanço. Deixemos, portanto, que a auditoria insuspeita do leitor endosse a validade dessas proposições.

REFERÊNCIAS

- ADAMSON, S. A lovely little example: word order options and category shift in the premodifying string. In: FISCHER, O.; ROSENBACH, A.; STEIN, D. (ed.). **Pathways of Change: Grammaticalization in English**. Amsterdã: John Benjamins, 2000. p. 39-66.
- ALEXIADOU, A; HAEGEMAN, L; STAVROU, M. **Noun Phrase in the generative perspective**. Berlim: Mouton de Gruyter, 2007.
- BEHAGHEL, O. **Deutsche Syntax: eine geschichtliche Darstellung**. Heidelberg: Carl Winter, 1932.
- BREBAN, T.; DAVIDSE, K. A cognitive-functional approach to the order of adjectives in the English noun phrase. **Linguistics**, v. 57, n. 2, p. 327–371, 2019.
- CAMACHO, R. G. **Classes de palavras na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional: O papel da nominalização no continuum categorial**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- CAMACHO, R. G.; DALL'AGLIO HATTNER, M. M.; GONÇALVES, S. C. L. O substantivo. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008. p. 21-80.
- CASTILHO, A. T de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- CINQUE, G. **Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1999.
- DAVIES, M. **Corpus do Português: Web/Dialects**. 2016. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em: 04 jan. 2024.
- DIK, S. C. **The Theory of Functional Grammar** (Part I: the structure of the clause). Edição: Kees Hengeveld. Berlim/Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1997.
- DIXON, R. M. W. Adjective classes in typological perspective. In: AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R. M. W. (ed.). **Adjective classes: a cross-linguistic typology**. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 2-49.
- DRYER, M. S. The greenbergian word order correlations. **Language**, [s/l], v. 68, n. 1, p. 81-138, 1992.
- DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. **Iconicity in syntax**. Amsterdã: John Benjamins, 1985. p. 342-365.
- GHESQUIÈRE, L. **The directionality of (inter)subjectification processes in the English noun phrase: pathways of change**. Berlim: Mouton de Gruyter, 2014.
- GIOMI, R. **Constituency and linearization in Functional Discourse Grammar**. No prelo.
- GIVÓN, T. **Syntax**. Amsterdã: John Benjamins, 2001.

GONÇALVES, S. C. L. **Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista**. 2007. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br>. Acesso em 27 jun. 2023.

GREENBERG, J. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. *In*: GREENBERG, J. (ed.). **Universals of Language**. Cambridge: M.I.T. Press, 1963.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to Functional Grammar**. Londres: Edward Arnold, 2004.

HAWKINS, J. A. **Word order universals**. Nova Iorque: Academic Press, 1983.

HENGEVELD, K. Prototypical and non-prototypical noun phrases in Functional Discourse Grammar. *In*: RIJKHOFF, J.; GARCÍA VELASCO, D. (ed.). **The Noun Phrase in Functional Discourse Grammar**. Berlim: Mouton de Gruyter, 2008. p. 221-261.

HENGEVELD, K. A new approach to clausal constituent order. *In*: MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H (org.). **Casebook in Functional Discourse Grammar**. Amsterdã: John Benjamins, 2013. p. 15-38.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar**: a typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Gramática Discursivo-Funcional. *In*: SOUZA, E. R. (org.). **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. Tradução: Marize Mattos Dall'Aglio-Hattner. São Paulo: Contexto, 2012. p. 43-86.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Interfaces, mismatches, and the architecture of Functional Discourse Grammar. *In*: CONTRERAS-GARCÍA, L.; GARCÍA VELASCO, D. (ed.). **Interfaces in Functional Discourse Grammar**. Berlim/Boston: De Gruyter, 2021. p. 15-57.

HENGEVELD, K; KEIZER, E. **Linearization in Functional Discourse Grammar**. No prelo.

HETZRON, R. On the relative order of adjectives. *In*: HANSJAKOB S. (ed.). **Language Universals**. Tubinga: Narr, 1978. p. 165–184.

HUDDLESTON, R.; PAYNE, J. Noun and noun phrases. *In*: HUDDLESTON, R.; PULLUM, G. **The Cambridge grammar of the English language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 323-523.

KEIZER, E. **The English Noun Phrase**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

KEIZER, E. **A Functional Discourse Grammar for English**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

- MACKENZIE, J. L. Nominalizations in FDG, with some reflections on SFL. *In*: GOUVEIA, C. A. M.; ALEXANDRE, M. F. (ed.). **Languages, metalanguages, modalities, cultures: Funcional and socio-discursive perspectives**. Lisbon: Bond Books on Demand and ILTEC, 2013. p. 99-119.
- MATTHEWS, P. H. **The positions of adjectives in English**. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- PEZATTI, E. G. **A ordem das palavras no português**. São Paulo: Parábola, 2014.
- PRADO, A. **Bagagem**. 27. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- PRIA, A. D. A não delimitação de subgrupo via adjetivos avaliativos. **Alfa**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 49-60, 2004.
- QUIRK, R.; GREENBAUM, S.; LEECH, G.; SVARTVIK, J. **A comprehensive grammar of the English language**. Londres: Longman, 1985.
- RIJKHOFF, J. **The Noun Phrase**. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- RIJKHOFF, J. Layers, levels and contexts in Functional Discourse Grammar. *In*: GARCÍA VELASCO, D.; RIJKHOFF, J. (org.). **The Noun Phrase in Functional Discourse Grammar**. Berlim/Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 2008a. p. 63-115.
- RIJKHOFF, J. Descriptive and discourse-referential modifiers in a layered model of the noun phrase. **Linguistics**, v. 46, n. 4, p. 789–829, 2008b.
- RIJKHOFF, J. Functional categories in the noun phrase: on jacks-of-all-trades and one-trickponies in Danish, Dutch and German. **Deutsche Sprache**, v. 2, p. 97-123, 2010.
- SCHERRE, M. **Reanálise da concordância nominal em português**. 1988. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 1988.
- SCONTRAS, G.; DEGEN, J.; GOODMAN, N. D. On the grammatical source of adjective ordering preferences. **Semantics and Pragmatics**, v. 12, p. 1-21, 2019.
- SILVA, A. da; PRIA, A. D. A ordem variável do adjetivo no SN nos séculos XIX e XX: uma questão discursiva. *In*: Encontro de Estudos Diacrônicos do português, 2, 2002, Araraquara. **Anais...** Araraquara: FCLar/UNESP, 2002. p. 263-271.
- SOUZA-MARTINS, N. P. **Motivações funcionais da descontinuidade sintagmática**. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2020.

UCHOA, J. A. **Os modificadores lexicais do sintagma nominal no português brasileiro contemporâneo**: uma análise baseada na Gramática Discursivo-Funcional. 2019. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

WHORF, B. L. **Language, Thought, and Reality**: Selected Writings of Benjamin Lee Whorf. Cambridge: M. I. T. Press, 1956.